



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - PPGCS

PAULO DOURIAN PEREIRA DE CARVALHO

**REFLEXÕES SOBRE LOUCURA E RACISMO A PARTIR DA LITERATURA
DE LIMA BARRETO**

NATAL-RN

2024

PAULO DOURIAN PEREIRA DE CARVALHO

**REFLEXÕES SOBRE LOUCURA E RACISMO A PARTIR DA LITERATURA
DE LIMA BARRETO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção de título de Doutor em Ciências Sociais.

Linha de Pesquisa: Cultura, Comunicação e Conhecimento

Orientador: Professor Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior

NATAL

2024

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes -
CCHLA

Carvalho, Paulo Dourian Pereira de.
Reflexões sobre loucura e racismo a partir da literatura de
Lima Barreto / Paulo Dourian Pereira de Carvalho. - Natal, 2024.
158 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais,
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.
Orientação: Prof. Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior.

1. Racismo. 2. Loucura. 3. Literatura brasileira. 4. Lima
Barreto. I. Júnior, Orivaldo Pimentel Lopes. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA CDU 316:159.972

Elaborado por Raphael Lorenzo L. R. Fagundes - CRB-15 912

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo refletir sobre o racismo e a loucura a partir da literatura do escritor negro Lima Barreto (1881-1922). Através da análise de conteúdo e de uma perspectiva interdisciplinar que envolve o diálogo entre literatura, sociologia, antropologia, ciência política e história, buscou-se realizar um trabalho ensaístico a fim de alimentar as discussões, trazendo outros enfoques que poderão ampliar o debate acerca da obra barreteana, que, aqui, é tomada como um testemunho de um homem negro que não sobreviveu à opressão de raça e classe. Percebe-se que a loucura e o racismo, além da pobreza, tristeza, solidão e ressentimento atravessaram a vida do escritor. A partir de uma perspectiva interseccional que considera o cruzamento de marcadores sociais da diferença como raça, classe e loucura, entende-se que o escritor foi vítima do racismo que se estruturava na sociedade brasileira pós-escravista. Naquele contexto, se exacerbava a falta de oportunidades, a ausência de políticas de inserção dos negros “libertos”, os traumas oriundos do regime de escravização, a negação da cultura dos escravizados, as dores indizíveis e inomináveis daqueles que, também, atingiram “o fundo”, parafraseando o filósofo italiano Giorgio Agamben, ao se referir aos “muçulmanos”, isto é, os desumanizados, dos campos de concentração de Auschwitz. Para este estudo, algumas das obras que nos ajudarão a mergulhar na imensidão do pensamento barreteano, são: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, *Diário Íntimo*, *Clara dos Anjos*, e contos do autor, além das biografias escritas por Francisco Assis Barbosa e Lilia Moritz Schwarcz. Nas interpretações do conteúdo analisado, autores (as) como Giorgio Agamben, Frantz Fanon, Grada Kilomba, Michel Foucault, Achille Mbembe, Djamila Ribeiro, Silvio Almeida entre outros (as), serão acionados (as) para que possam ajudar a ecoar a voz de Lima Barreto. Considera-se que ele foi uma testemunha e um resistente em uma época em que negros, loucos e pobres eram encarcerados por uma política higienista influenciada pela eugenia. Sobrevivendo na precariedade, com escassez de recursos, crise familiar, se alcoolizando até mergulhar em delírios e sofrimentos mentais, sem obter reconhecimento e espaço na cena intelectual, Lima Barreto resistiu a ponto de não permitir que sua presença negra fosse abafada pelo rolo compressor-enbranquecedor. Frente à loucura, que é uma sociedade racista, o escritor nos legou o seu testemunho: uma extensa e rica literatura negra, crítica do racismo e da crueldade da vida manicomial.

Palavras-Chave: Racismo. Loucura. Literatura. Lima Barreto.

ABSTRACT

This research aimed to reflect on racism and madness found in the literature of the black writer Lima Barreto (1881-1922). Through content analysis and an interdisciplinary perspective that involves dialogue between literature, sociology, anthropology, political science, and history, it was sought to produce an essay to feed into the discussions, bringing other approaches that could broaden the debate about Barreto's work, which is taken here as a testimony of a black man who did not survive the oppression of race and class. It is seen that madness and racism, as well as poverty, sadness, loneliness, and resentment, crossed the writer's life. From an intersectional perspective that considers the crossing of social markers of difference such as race, class and madness, it is understood that the writer was a victim of the racism that was structured in post-slavery Brazilian society. In that context, the lack of opportunities was exacerbating, the absence of policies to integrate "freed" black people, the traumas stemming from the enslavement regime, the denial of the culture of the enslaved, the unspeakable and unnameable pain of those who had also reached "the bottom", to paraphrase the Italian philosopher Giorgio Agamben, when referring to the "Muslims", that is, the dehumanized, of the Auschwitz concentration camps. For this study, some of the works that will help us immerse ourselves in the immensity of Barreto's thoughts are: *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, *The Sad End of Policarpo Quaresma*, *Diário íntimo*, *Clara dos Anjos*, his short stories, as well as the biographies written by Francisco Assis Barbosa and Lilia Moritz Schwarcz. In interpreting the analyzed content, authors such as Giorgio Agamben, Frantz Fanon, Grada Kilomba, Michel Foucault, Achille Mbembe, Djamila Ribeiro, Silvio Almeida and others will be used to help echo Lima Barreto's voice. He is considered to have been a witness and a resistance at a time when black people, the insane, and the poor were imprisoned by a hygienist policy influenced by eugenics. Surviving in precariousness, with a shortage of resources, a family crisis, and alcoholism until he plunged into delirium and mental suffering, without gaining recognition or space on the intellectual scene, Lima Barreto resisted to the point of not allowing his black presence to be drowned out by the whitening steamroller. In the face of the madness, which is a racist society, the writer left us his testimony: an extensive and rich black literature, critical of racism and the cruelty of life in an asylum.

Keywords: Racism. Madness. Literature. Lima Barreto.

Agradecimentos

Na pesquisa acadêmica, como em diversos outros projetos que empreendemos em nossas vidas, somos sempre agraciados com as mais diversas colaborações vindas de inúmeras direções. Isso é uma grande dádiva: saber que existem seres com imensa bondade, dispostos (as) a nos ajudar com os grandes desafios que surgem.

Sou profundamente grato a todos os gestos de solidariedade e de generosidade que possibilitaram a construção dessa pesquisa. Não poderei nomear a todos e todas que me ajudaram nesta caminhada, mas gostaria de destacar algumas contribuições salutares. A tais pessoas rendo os mais sinceros agradecimentos, além da grande aspiração de que elas encontrem em seus caminhos outras almas gentis que lhes presenteiem com as mais genuínas solicitude, ternura e carinho.

Agradeço pela concessão da bolsa à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que, apesar de ter chegado no último ano do curso, foi primordial para que eu me mantivesse no doutorado e concluísse a pesquisa. Aproveito para agradecer ao apoio institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pois, os auxílios residência/ moradia e alimentação, contribuíram significativamente para a minha segurança e estabilidade em momentos bastante delicados.

Agradeço de todo o meu coração à minha mãe, Maria José e às minhas irmãs Zilmária, Luzimar e Elizabeth, pelo apoio de todas as horas, pela força que sempre deram em meus estudos e, principalmente, pelo grande amor que me dedicam. Sem essas mulheres incríveis, o caminho seria bem mais difícil.

Agradeço ao meu falecido pai, Dagoberto, por, apesar das grandes dificuldades que viveu, me amar como pôde e, através da sua existência, me inspirar no tecer desta pesquisa.

Agradeço à minha companheira Wigna Carla pelas maravilhosas sementes que tem plantado e regado em meu coração. Essa parceria traz felicidades que, certamente, se refletem na minha escrita.

Agradeço de todo o coração, ao meu orientador Orivaldo Pimentel, pelas dicas, pelos insights de pesquisa, pelas indicações de leitura, pelas palavras cheias de sabedoria que trouxeram muito mais leveza e tranquilidade para as ansiedades inerentes à pesquisa.

Agradeço com grande carinho ao secretário Otânio Costa e aos demais profissionais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que sempre foram extremamente prestativos, organizados e com uma imensa disposição em ajudar nas demandas que surgiram nesses últimos anos.

Epígrafe

Não me preocupava com o meu corpo. Deixava crescer o cabelo, a barba, não me banhava a miúdo. Todo o dinheiro que apanhava bebia. Delirava de desespero e desesperança; eu não obteria nada.

Outras muitas me aconteceram, mas são banais a todos os bebedores. Dormi em capinzais, fiquei sem chapéu, roubaram-me mais de uma vez quantias vultuosas. Um dia, furtaram-me cerca de quinhentos mil-réis e eu amanheci sentado a uma soleira, na Praça da Bandeira, com mil-réis no bolso, que, creio, me deixaram por comiseração os que me roubaram.

Tenho vergonha de contar algumas dessas aventuras, em que felizmente ainda me deixaram com roupa. Elas seriam pitorescas, mas não influiriam para o que tenho em vista.

Resvalava para a embriaguez inveterada, faltava à repartição semanas e meses. Se não ia ao centro da cidade, bebia pelos arredores de minha casa, desbragadamente. Embriagava-me antes do almoço, depois do almoço, até ao jantar, depois deste até à hora de dormir.

Eu sou dado ao maravilhoso, ao fantástico, ao hipersensível; nunca, por mais que quisesse, pude ter uma concepção mecânica, rígida do Universo e de nós mesmos. No último, no fim do homem e do mundo, há mistério e eu creio nele. Todas as prosápias sabichonas, todas as sentenças formais dos materialistas, e mesmo dos que não são, sobre as certezas da ciência, me fazem sorrir e, creio que este meu sorriso não é falso, nem precipitado, ele me vem de longas meditações e de alanceantes dúvidas.

Cheio de mistério e cercado de mistério, talvez as alucinações que tive, as pessoas conspícuas e sem tara possam atribuí-las à herança, ao álcool, a outro qualquer fator ao alcance da mão. Prefiro ir mais longe. . .

Certo dia, a minha alucinação foi tão forte, que resolveram levar-me para a casa de um parente, para ver se melhorava; foi pior. Mandaram-me para o hospício. No mesmo dia que lá cheguei, no pavilhão, nada sofri. Assim não foi no Hospital Central, nem na Santa Casa, de Ouro Fino, onde as visões continuaram, no hospital por mais de vinte e quatro horas e, em Ouro Fino, unicamente na noite da entrada.

Agora, que creio ser a última ou a penúltima, porque daqui não sairei vivo, se entrar outra vez, penetrei no pavilhão calmo, tranqüilo, sem nenhum sintoma de loucura, embora toda a noite tivesse andado pelos subúrbios sem dinheiro, a procurar uma delegacia, a fim de queixar-me ao delegado das coisas mais fantásticas dessa vida, vendo as coisas mais fantásticas que se possa imaginar.

No começo, eu gritava, gesticulava, insultava, descompunha; dessa forma, vi-as familiarmente, como a coisa mais natural deste mundo. Só a minha agitação, uma frase ou outra desconexa, um gesto sem explicação denunciavam que eu não estava na minha razão.

O que há em mim, meu Deus? Loucura? Quem sabe lá?

Trecho do livro *Diário do Hospício*, de Lima Barreto (2021, p. 689-691).

Sumário

INTRODUÇÃO.....	8
1. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	23
1.1 O testemunho literário de Lima Barreto.....	24
1.2 Análise de Conteúdo.....	27
1.3 Conhecimento negro: a importância de ir além da história única.....	30
1.4 Entrelaçamento entre pesquisador e pesquisado: Aproximações entre Dagoberto Alves de Carvalho e Lima Barreto.....	33
1.5 A potência da literatura negra de Lima Barreto.....	40
1.6 Escrita ensaística e pensamento complexo: breves notas sobre a liberdade na escrita do texto.....	42
2. UMA VOZ SOLITÁRIA EM UMA SOCIEDADE RACISTA: BIOGRAFIA E CONTEXTO HISTÓRICO DE LIMA BARRETO.....	51
2.1 Da infância à vida adulta: contexto histórico e alguns dos acontecimentos que marcaram a vida de Lima Barreto.....	51
2.2 A morte de Lima Barreto.....	66
2.3 A literatura peculiar de Lima Barreto.....	68
3. O RACISMO OU “PRECONCEITO DE COR” A PARTIR DA LITERATURA DE LIMA BARRETO.....	79
3.1 O racismo ou “preconceito de cor” em Recordações do Escrivão Isaías Caminha.....	79
3.2 O racismo ou “preconceito de cor” em Clara dos Anjos e o “feminismo” de Lima Barreto.....	90
3.3 O racismo ou “preconceito de cor” em outros escritos de Lima Barreto e o processo de inferiorização dos negros.....	94
4. A LOUCURA A PARTIR DA LITERATURA DE LIMA BARRETO.....	100
4.1 Enlouquecimento e escravidão.....	100
4.2 A loucura segundo os escritos de Michel Foucault.....	102
4.3 A loucura e o hospício na obra barreteana.....	105
4.4 Raça e loucura.....	110
4.5 O “visionário” Policarpo Quaresma.....	117
4.6 Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos: a loucura na autobiografia barreteana.....	122
4.7.1 “Loucura branca”, a violência racista no mundo capitalista e o banzo como consequência da opressão.....	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS: RELAÇÕES INTERSECCIONAIS ENTRE LOUCURA, RAÇA E CLASSE EM LIMA BARRETO.....	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	152

INTRODUÇÃO

1903

Um Diário Extravagante

Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro, escreverei a História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade.

(Lima Barreto, 2021, p. 458)

É com imensa alegria que escrevo esse texto, fruto da minha pesquisa de doutorado que se estendeu de março de 2020 a abril de 2024. Durante este percurso, passamos pela tenebrosa época da pandemia do COVID-19, com as inúmeras dificuldades de acompanhar as aulas das disciplinas obrigatórias e optativas de maneira remota, sem falar das diversas incertezas e transformações decorrentes do caos mundial que se instalou. Como tanta gente, fiquei bastante assustado frente a um cenário com centenas de milhares de mortes e profundos sofrimentos que ainda estão sendo processados por nossas consciências.

A pandemia deixou muitas marcas e impactou bastante em nossas pesquisas, gerando situações novas que exigiram adaptações para que os trabalhos tivessem continuidade. Muitos pesquisadores (as) tiveram que abandonar seus projetos, outros (as) desistiram dos seus cursos. Por isso, estar, neste momento, escrevendo esse texto, por si só, já é razão para a alegria. Trata-se também da felicidade de estar vivo, quando sei que diversos irmãos (ãs) e companheiros (as) morreram em decorrência do vírus e de negligências governamentais. Pesa no coração as mortes que poderiam ter sido evitadas se tivéssemos tido um governo responsável, honesto e sensível ao cenário que estávamos enfrentando. O que presenciamos, por parte do desgoverno de Jair Bolsonaro, foi um grande descaso, genocídios, mentiras (fake-news), negacionismos e a proliferação da pseudociência assassina que levou tantas pessoas a mortes que poderiam ter sido evitadas¹.

Considero importante mencionar o período pandêmico que vivenciamos, pois suas consequências também se refletiram nos itinerários da pesquisa. Meu projeto inicial de doutorado consistia em realizar um trabalho sobre o estado da arte acerca das produções nas ciências sociais, em dissertações e teses, sobre o tema da loucura. O interesse pelo tema se iniciou no ano de 2016, durante o mestrado em Antropologia Social, na Universidade Federal

¹ Alguns dos diversos erros cometidos pelo governo de Bolsonaro, durante pandemia, podem ser conferidos na matéria assinada por Cida de Oliveira (2022), em matéria da Rede Brasil Atual, disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/sete-erros-bolsonaro-covid-brasil/>. Acesso em: 08/05/2024.

do Rio Grande do Norte, devido ao contato com a professora e antropóloga Lilian Leite Chaves (UFRR), que havia realizado suas pesquisas etnográficas com loucos de rua da cidade de Ouro Preto-MG². Fiquei fascinado com o tema. Após ler a dissertação e tese de Lilian, decidi que, em algum momento da minha vida, iria trabalhar com o tema da loucura. Portanto, a ocasião surgiu com a pesquisa de doutorado.

Após as vivências nas disciplinas iniciais do doutorado, conversas com colegas e com o orientador, além das minhas próprias reflexões e intuições, somado às ansiedades e medos do período pandêmico, fui me afastando da ideia inicial de realizar uma pesquisa bibliográfica sobre a loucura. Aqueles tempos tão intensos me levaram a refletir bastante sobre os rumos da pesquisa. Decidi dar ouvidos ao meu coração e trabalhar com algo que me fascinava desde a minha adolescência: a literatura³. Apesar de não saber exatamente o que eu ia pesquisar, sabia que o caminho da minha pesquisa seria mais agradável e produtivo se eu mergulhasse no mundo literário. Também estava convicto de continuar com o tema da loucura.

Por uma grande felicidade, no período do doutorado, envolvi-me em um lindo projeto vinculado ao Grupo de Pesquisa Mythos-Logos em parceria com a Universidade de Coimbra, a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), chamado “Café literário Quinta dos Girassóis”, coordenado pela professora Elsa Lechner, Ana Laudelina, Orivaldo Pimentel, além de outros professores das três universidades. As vivências eram maravilhosas e inspiradoras. Os encontros eram mistos, envolvendo um público que participava remotamente e outro presencialmente. Nos reuníamos aos sábados à tarde para discutir sobre obras literárias que traziam profundas reflexões sobre importantes temas das ciências sociais, humanidades, literatura, arte e cultura. Dialogávamos

² Causou-me um verdadeiro fascínio perceber o lugar da loucura e dos loucos como um canal legítimo de produção de discursos. Imaginar que de um dos universos mais subalternizados e menosprezados da sociedade poderia brotar uma linguagem não só coerente, mas também crítica e com verdades tão necessárias e urgentes me parecia algo incrível. A leitura do trabalho de Lilian Leite Chaves foi muito importante em minha trajetória. Em suas pesquisas de dissertação e tese, de 2009 e 2013 respectivamente, Chaves ouviu as vozes da loucura, costumeiramente menosprezadas pela maioria das pessoas. Ao dar relevância, através da escuta antropológica, às falas e palavras dos loucos, a antropóloga pôde perceber relevâncias e lógicas subjacentes àqueles discursos aparentemente desconexos, repetitivos e incoerentes. Ao atentar para este universo estigmatizado, Chaves pôde constatar que a loucura tinha a sua “verdade”, mas era preciso a paciência e a competência de uma pesquisa antropológica comprometida com os “marginalizados” para adentrar na “obscuridade” daqueles discursos.

³ Desde criança esta era uma das minhas maiores paixões. Ler romances, mergulhar nas histórias das personagens, adentrar nos mundos construídos pelas palavras. Tudo isso era razão de alegrias e prazeres inefáveis. Um grande amor resgatado da infância e que agora vinha em meu auxílio para me ajudar no desenvolvimento de uma pesquisa doutoral.

sobre obras e autores que nos ajudavam a pensar questões atuais de grande relevância para o presente.

As vivências nesse projeto foram inspiradoras e fortaleceram o desejo de trabalhar com literatura brasileira. Certo dia, em conversa com Orivaldo, ele me sugeriu um possível nome para a pesquisa: Maria Firmina dos Reis (1822-1917), uma escritora negra maranhense, conhecida por ter publicado o romance *Úrsula*, obra pioneira do movimento abolicionista. Após ler a obra completa da escritora, desde o romance citado, que foi único da escritora, além de contos poesias e poemas, identifiquei poucas referências ao tema da loucura, à exceção do conto “A escrava”, que narra os sofrimentos de Joana, uma mulher negra escravizada que foge desesperadamente de um capitão do mato a serviço de um senhor, dono da fazenda, que era o cativo de Joana. O conto me tocou bastante, sobretudo, quando a autora se referiu ao enlouquecimento de Joana após ter sido separada dos seus filhos pequenos. A leitura da obra de Maria Firmina foi crucial para mudanças no direcionamento da pesquisa. Chamava-se a atenção alguns elementos da biografia da autora que Orivaldo mencionou: o fato dela ter sido invisibilizada⁴ durante tanto tempo em virtude do racismo e da misoginia que fizeram com que a escritora ficasse décadas no esquecimento⁵.

A partir da leitura do conto *A escrava*, passei a refletir sobre as relações entre os sofrimentos oriundos da opressão racial e o adoecimento psíquico, ou, para falar em outros termos: a loucura⁶. Mas como trabalharia essa questão através da literatura? Após pensar

⁴ Rafael Zin (2017, p. 149) faz uma observação importante ao refletir que o anonimato da narradora talvez seja uma forma de simbolizar o silenciamento das mulheres no mundo das letras naquele período, levando muitas delas a escrever utilizando-se de pseudônimos a fim de se resguardarem da dominação masculina. Além disso, de acordo com Santos (2014, apud LUZ, 2018, p. 195) no período colonial, o escravismo, o racismo e a ideologia do embranquecimento vigoravam. Eram múltiplas as formas de impor o silenciamento.

⁵ O artigo *A Invisibilidade da literatura de Maria Firmina dos Reis*, de José Jonas Manguiera da Silva et al (2017), faz um interessante aprofundamento sobre o processo de apagamento e invisibilização da escritora. Está disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/49447>. Acesso em: 08/05/2024.

⁶ Ressalto que utilizo o termo “loucura” com a intenção de positivar tal categoria que ao longo da história foi impregnada de preconceitos e estereótipos. Além disso, o uso da palavra “loucura” também se justifica pelo fato do autor analisado nesta pesquisa utilizar-se do termo em seus escritos. Com esta nota quero enfatizar que sou contra o ato de imputar classificações capacitistas, preconceituosas e discriminatórias em relação às pessoas que lidam com transtornos mentais. Nesta pesquisa a “loucura” emerge como uma categoria etnográfica, pois está inserida e é evocada nos escritos literários do autor pesquisado. Assim, neste texto, termos como “os loucos” jamais podem ser interpretados como tentativas de inferiorizar ou alimentar discursos preconceituosos, pelo contrário, a perspectiva da tese vai no sentido de ressignificar expressões estigmatizantes, não o de cair em vieses capacitistas eivados de preconceitos. Gostaria de sugerir, enfaticamente, a leitura do texto “ESTUDOS DA DEFICIÊNCIA: interseccionalidade, anticapacitismo e emancipação social”, (GESSER et al, 2020). Neste artigo os (as) autores (as) apresentam termos importantes para a perspectiva anticapacitista, ao passo que, tal como esta tese, opta por uma compreensão interseccional da realidade social.

bastante e dialogar com o orientador, pensei em pesquisar as relações entre a loucura e o racismo na literatura negra brasileira, a partir de obras selecionadas de quatro autores (as), um homem e três mulheres, pois sabíamos da importância de trazer visibilidade à literatura silenciada das mulheres negras.

Sendo assim, inicialmente pensei nos seguintes autores (as): Maria Firmina dos Reis, de quem eu já falei brevemente, Stella do Patrocínio (1941-1992), poetisa, mulher negra encontrada pela polícia andando nas ruas do Rio de Janeiro e trancafiada em um hospício aos 21 anos, ficando até a sua morte em hospitais psiquiátricos. Ela usou da palavra para se expressar, por meio de seus “falatórios” curiosos e peculiares, narrou um pouco da sua experiência no contexto asilar. Stella participou de um projeto de arteterapia organizado pela artista plástica Neli Gutmacher e seus alunos. Eles foram responsáveis por gravar os áudios de Stella que, no ano de 2001, foram transcritos e reunidos pela filósofa e poetisa Viviane Mosé, no livro intitulado *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Stella recebeu eletrochoques, além de medicamentos para tratar a esquizofrenia com que fora diagnosticada, teve que sobreviver à superlotação e à difícil situação da Colônia Juliano Moreira⁷.

Outro nome que eu pretendia incluir na pesquisa era a linguista, professora e escritora mineira, negra, Conceição Evaristo, grande referência brasileira nas discussões sobre o racismo, e que, em seu romance *Ponciá Vicêncio*, narra a trajetória de vida da personagem homônima, uma mulher negra, descendente de escravizados (as), que possui uma profunda ligação com o seu avô, homem que se indignou com a escravidão e, em um momento de crise, matou a própria esposa, tentou suicídio cortando o braço, tendo ficado com o “braço cotó”, que é imitado pela menina Ponciá, que é considerada pela família como “herdeira” da herança do seu avô. Logo que seu pai morre, a menina vai para a cidade grande em busca de melhores condições. Lá encontra um emprego de doméstica. Depois dos desencontros com a sua mãe, Maria Vicêncio e com o seu irmão Luandi, Ponciá junta-se com um homem de quem sofre agressões físicas e psicológicas. Na obra, chamou-me a atenção os itinerários de sofrimentos psíquicos de Ponciá Vicêncio.

O último autor que havia sido pré-selecionado para compor o escopo de análise da pesquisa foi o escritor Lima Barreto, carioca, negro, que passara algumas temporadas em hospícios, após crises de delírio resultantes do uso excessivo do álcool, e que tinha o sonho de

⁷ Para saber mais sobre a história de Stella do Patrocínio, sugiro a leitura do artigo “*PROCURANDO FALATÓRIO*”: A OBRA POÉTICA DE STELA DO PATROCÍNIO, MULHER, NEGRA E LOUCA, de Anna Carolina Vicentini Zacharias (2017). Disponível em: https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503867574_ARQUIVO_Zacharias,AnnaCarolinaVicentini.AobrapoeticadeSteladoPatrocinio.pdf. Acesso em: 09/05/2024.

escrever a “história da escravidão negra no Brasil”. A vasta obra do autor, os temas que ele abordou e a ligação estreita que os seus escritos tinham com a sua biografia me chamaram muito a atenção. Foi a primeira vez que me aproximei dos seus textos, algo que não aconteceu no tempo de escola, pois nessa época, eu só tinha ouvido menções a ele por algumas professoras e professores. Eu desconhecia sua importância, protagonismo e os fatos que marcaram sua vida. Mas, por alguma razão, logo após iniciar as leituras, sentia-me ligado a ele e até mesmo identificado, como se, de algum modo, fossemos mais próximos e parecidos do que as aparências poderiam sugerir.

Após as leituras da obra de Maria Firmina dos Reis, Stella do Patrocínio e o *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, foi com a obra de Lima Barreto, sobretudo os seus escritos mais intimistas, que eu me senti mais tocado e envolvido. A maneira como o autor trazia a literatura para sua vida e os usos que fazia dela me deixou ainda mais curioso e instigado a me aprofundar em seus textos e na sua biografia.

Tendo esses quatro nomes, com as suas respectivas obras para constituir a matéria prima da pesquisa, fui para o exame de qualificação. Dentre as diversas sugestões e dicas de pesquisa de grande valor para a pesquisa, que não irei detalhar, gostaria de destacar a sugestão de trabalhar somente com um autor, a fim de que pudesse aprofundar mais nas análises. Após reflexões e conversas com o orientador, decidimos direcionar os esforços de pesquisa para Lima Barreto, que, por si só, já significava uma imensidão de escritos. Porém, decidimos focar as análises nas categorias racismo e loucura, nos livros em que elas surgissem com maior ênfase.

Refletir sobre a loucura e o racismo a partir, ou com a ajuda, da obra do escritor Lima Barreto. Esta seria minha empreitada: através de uma abordagem ensaística, qualitativa, subjetiva e afinada com a linha de pesquisa “Cultura, Comunicação e Conhecimento”, que defende uma ciência engajada, que se afeta e vai além de um saber preso às amarras do positivismo e de uma pretensa objetividade que, por vezes, tende a estabelecer uma relação dualística entre sujeito e objeto. Seguindo a perspectiva de Edgar Morin (2005, p. 335-337), nesta pesquisa, optou-se pela abertura, isto é, a quebra de fronteiras entre objetividade e subjetividade para que se pudesse acessar a arte, a criatividade e a invenção que consiste em recreação intelectual permanente e certa dose de indisciplina como sinônimo de liberdade, arte e poesia. Um método que se mistura com a atividade pensante do sujeito, isto é, que se reinventa. Morin aponta que:

[...] já não é necessário grande demonstração para saber que a arte é indispensável para a descoberta científica, visto que o sujeito, suas qualidades e estratégias terão nela papel muito maior e muito mais reconhecido (MORIN, 2005, p. 338)

Morin (2005, p. 40) reconhece que não há ciência pura, e reforça a importância do artesanato científico. No primeiro capítulo da tese, intitulado *Considerações Metodológicas*, eu me detenho com mais detalhes a alguns dos procedimentos e caminhos que foram seguidos para a elaboração da pesquisa. Porém, de antemão, destaco que segui um itinerário que permite maior liberdade no fazer deste trabalho, isso parece ser compatível com a visão e postura barreteana, que era desbravadora, criativa, crítica das tradições e naturalizações. Até mesmo a escrita de Lima Barreto não seguia os cânones ou a gramática formal, pelo contrário, ela era usada para romper justamente com esse sistema formal e excludente. O escritor era avesso a tantos formalismos que tornavam o mundo acadêmico e intelectual um lugar exclusivo das elites.

De acordo com Felipe Botelho Corrêa (2016, p. 27-28), Lima Barreto pretendia atingir um grande público, até mesmo analfabetos, se possível. Ele era contra a afetação literária da sociedade culta brasileira. O caminho que ele trilhava visava se aproximar cada vez mais dos leitores mais humildes presentes nas camadas mais pobres da população. Ele era um escritor dos subúrbios, para as massas de excluídos e inferiorizados. Algumas dessas características do seu estilo podem ser percebidas, por exemplo, no romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, uma vez que, o Major Quaresma, protagonista da obra, era extremamente crítico às importações literárias que priorizavam estrangeirismos em detrimento dos elementos nacionais da nossa cultura.

A literatura e escrita de Lima Barreto refletia a sua vida, como veremos mais detalhadamente no segundo capítulo, chamado *Uma voz solitária em uma sociedade racista: biografia e contexto histórico de Lima Barreto*, em que se busca trazer mais elementos biográficos do autor, além de informações sobre o contexto de produção de sua obra, que, pode-se adiantar, chocava-se, muitas vezes, com o que estava sendo produzido e defendido pela “intelectualidade” da época.

Lima Barreto era um “antidisciplina”, um questionador da sociedade e, também, da ciência que propagava ideias racistas pautadas na eugenia, que defendia noções absurdas, como a de que a mistura de raças provocaria a degeneração da espécie humana. No decorrer do século XIX, tanto no Brasil como no exterior vigoravam as noções do determinismo social, uma tendência de trazer para a vida social, conceitos e perspectivas biologizantes, reducionistas e simplificadoras da complexidade que é a realidade.

Lilia Schwarcz (1994) aponta que diversos centros de ensino e pesquisa, como os institutos históricos e geográficos, as faculdades de direito e medicina, os museus etnográficos e os intelectuais que estavam nessas instituições propagavam ideias evolucionistas e deterministas que consideravam a miscigenação um processo de deterioração da espécie humana.

Alguns exemplos foram o conde Arthur de Gobineau e o pesquisador Louis Agassiz, que condenaram com veemência a mistura de raças, a ponto de dizerem que o Brasil se tornaria um “país inviável”. Aquela era a ciência daquele período, que dizia que a miscigenação era um problema social a ser resolvido. Tal pensamento teve força no período que vai de 1870 a 1930 (SCHWARCZ, 1994, p. 137-139).

Silva (2011, p. 96) argumenta que em 1921 foi publicado em Portugal, por Francisco Soares Franco, um ensaio sobre melhoramentos raciais para o Brasil e Portugal. A ideia era desencadear o embranquecimento da população e levar ao desaparecimento da raça negra, sendo atribuída a esta última o “males do atraso”.

O discurso racial era acionado prontamente para defender hierarquias e justificar desigualdades sociais. O tema da miscigenação chega a ser intitulado o “problema negro”, por médicos da Bahia. A identificação craniológica das raças ganha, na medicina legal, uma importância máxima (SCHWARCZ, 1994, p. 142-145). O cruzamento racial emerge como um grande mal. Schwarcz (1994, p. 145) aponta que:

Adotando os métodos da escola positiva italiana, cujo grande teórico era Cesare Lombroso, os médicos baianos estabeleciam correlações rígidas entre aspectos exteriores e interiores do corpo humano, considerando a miscigenação, por princípio, um retrocesso, um grande fator de degeneração. Dessa maneira, os exemplos de embriaguez, alienação, epilepsia, violência ou amoralidade passavam a ser utilizados como provas da correção dos modelos darwinistas sociais em sua condenação ao cruzamento, em seu alerta à imperfeição da hereditariedade mista.

Até mesmo a loucura poderia ser explicada pelas teorias raciais, uma vez que a miscigenação, supostamente, seria responsável por criar uma massa de degenerados e inferiores àqueles considerados puros de sangue, isto é: os brancos. Lima Barreto se voltava contra esse discurso. Em seu *Diário Íntimo*, publicado postumamente em 1953, expôs o seu incômodo com a ciência racista, como podemos ver nos trechos:

Vai se estendendo, pelo mundo, a noção de que há umas certas raças superiores e umas outras inferiores, e que essa inferioridade, longe de ser transitória, é eterna e intrínseca à própria estrutura da raça.

Diz-se ainda mais: que as misturas entre essas raças são um vício social, uma praga e não sei que coisa feia mais.

Tudo isto se diz em nome da ciência e a coberto da autoridade de sábios alemães.

[. . .]

E assim a coisa vai se espalhando, graças à fraqueza da crítica das pessoas interessadas, e mais do que à fraqueza, à covardia intelectual de que estamos apossados em face dos grandes nomes da Europa. Urge ver o perigo dessas ideias, para nossa felicidade individual e para nossa dignidade superior de homens. Atualmente, ainda não saíram dos gabinetes e laboratórios, mas, amanhã, espalhar-se-ão, ficarão à mão dos políticos, cairão sobre as rudes cabeças da massa, e talvez tenhamos que sofrer matanças, afastamentos humilhantes, e os nossos liberalísimos tempos verão uns novos judeus.

Os séculos que passaram não tiveram opinião diversa a nosso respeito — é verdade; mas, desprovidas de qualquer base séria, as suas sentenças não ofereciam o mínimo perigo. Era o preconceito; hoje é o conceito.

Esmagadoras provas experimentais endossam-no. Se F. tem 0,02 m a mais no eixo maior da oval de sua cabeça, não é inferior em relação a B, que tem menos, porque ambos são da mesma raça; contudo, em se tratando de raças diferentes, está aí um critério de superioridade.

As mensurações mais idiotas são feitas, e, pelo complacente critério do sistema métrico, os grandes sábios estabelecem superioridades e inferioridades.

Não contentes com isso, buscam outros dados, os psíquicos, nas narrações dos viajantes apressados, de touristes imbecis e de aventureiros da mais baixa honestidade.

E hoje é para mim motivo de alegria poder eu dizer tal coisa, poder tratar tão solenes instituições com semelhante desembaraço que não é fingido.

É satisfação para minh'alma poder oferecer contestação, atirar sarcasmos à soberbia de tais sentenças, que me fazem sofrer desde os quatorze anos (BARRETO, Lima, 2021, p. 531-532).

Na citação, Lima Barreto menciona a prática de medição de crânios que era usada pela ciência racista a fim de comparar características entre as diferentes raças. Ele chama tais mensurações de “idiotas”. Além disso, fala sobre a falta de credibilidade dos dados que, apesar de desonestos, geraram tantos efeitos daninhos em sua vida e que ajudaram a justificar cientificamente o racismo que se estruturou na sociedade brasileira.

De acordo com o portal do G1⁸, no Brasil, os registros de racismo e homofobia (ou transfobia) aumentaram em mais de 50% em 2022 quando se compara com o ano anterior, de acordo com dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública divulgados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Foram contabilizadas 2.458 ocorrências de crimes

⁸ G1. Brasil tem alta de mais de 50% nos registros de racismo e homofobia em 2022, mostra Anuário de Segurança Pública. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/07/20/brasil-tem-alta-de-mais-de-50percent-nos-registros-de-racismo-e-homofobia-em-2022-mostra-anuario-de-seguranca-publica.ghtml>. Acesso em: 10/05/2024.

resultantes do preconceito de raça ou de cor em 2022, o que significa uma taxa de 1,7 caso a cada 100 mil habitantes. Esse número é 67% maior do que os 1.464 registrados em 2021.

Apesar da maioria da nossa população ter se declarado negra ou parda, 56% segundo o Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a desigualdade socioeconômica é estarrecedora. De acordo com dados levantados por Cristiane Lourenço (2023, p. 83):

Em 2021, os 10% mais ricos do Brasil representavam 58,6% da renda total do país e possuíam renda em torno de R\$ 253,9 mil. O 1% mais rico no Brasil possui renda média de R\$ 1,2 milhão, que significa 26,6% da renda total do país. Os 50% mais pobres possuem 10% da renda total do país. Os dados indicam que, no Brasil, os 50% mais pobres recebem 29 vezes menos que os 10% mais ricos. Se observarmos os ativos financeiros e não financeiros — por exemplo, os imóveis —, os 50% mais pobres possuem 0,4% da riqueza no Brasil, já os 10% mais ricos possuem 80% do patrimônio. Entre os chamados ultrarricos, cujo percentual é de 1%, a concentração da riqueza nacional é de 48,9%.

Para além desses dados, Lourenço também traz dados importantes sobre as consequências da racialização no mundo do trabalho. Ela informa que:

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que em 2021 a população negra representava 54,9% da força de trabalho no Brasil. O rendimento médio para as(os) trabalhadoras(es) negras(os) foi R\$ 1.907 em 2021, em contraposição aos R\$ 3.310 de rendimentos das(os) trabalhadoras(es) brancas(os). Sobre as camadas assalariadas, 30,2 milhões de pessoas ganham até um salário mínimo mensal; destas, 20 milhões são negras. Quando se observa a totalidade da população negra ocupada em 2021, 43,1% recebe até R\$ 1,1 mil mensais. No primeiro trimestre de 2022, a taxa média de desempregados no país, segundo o IBGE, ficou em 11,1%. Destes, 64,2% eram negras(os). No que tange às condições de trabalho, segundo o levantamento da Auditoria Fiscal do Trabalho, 84% dos trabalhadores resgatados em condições análogas à escravidão no ano de 2021 se autodeclararam pretos ou pardos (LOURENÇO, p. 83)

Esses dados servem para demonstrar a atualidade e os impactos do racismo na sociedade brasileira. De acordo com a autora, há uma super-representação da população negra nos postos de trabalho mais precarizados e com baixíssimos salários. Ela lembra que após a dita “abolição”, não se criou um plano para a inclusão de negros (as) no mercado de trabalho. Silveira (1998, p. 33-34) comenta sobre um Rio de Janeiro, por exemplo, que passou por um progresso rápido na história. Isso resultou em muita carestia, fome, falta de saneamento, higienização, desemprego, miséria e males que atingiram, e ainda atingem, a parte mais humilde da população carioca. A situação é ainda mais grave quando pensamos no recorte de

gênero, pois mulheres negras caem nos lugares mais fragilizados do mundo do trabalho, seja pelas pesadas jornadas de trabalho, a desvalorização que sofrem, além da tendência a serem direcionadas para serviços domésticos, uma terrível sobrevivência da escravidão⁹ (LOURENÇO, p. 83-85).

Lourenço traz os seguintes dados:

Ao investigar a situação socioeconômica das mulheres negras, os dados do Boletim Especial — 8 de março, Dia da Mulher, “Mulheres no mercado de trabalho brasileiro: velhas desigualdades e mais precarização”, indicam que, no terceiro trimestre de 2021, 18,9% das mulheres negras não conseguiam inserção no mercado de trabalho contra 12,5% de mulheres não negras. Ainda segundo o Boletim, no terceiro trimestre de 2021, considerando a população ocupada, as mulheres negras foram as que receberam os menores valores. Mulheres negras recebem, em média, uma remuneração de R\$ 10,83 por hora contra R\$ 11,67 dos homens negros. As mulheres brancas possuem remuneração média de R\$ 17,13 por hora e os homens brancos, R\$ 19,73 por hora. Em termos de rendimento mensal, os dados apontam que, no terceiro trimestre de 2021, pessoas ocupadas brancas receberam R\$ 3.471 e pretas e pardas, R\$ 1.968. No caso das mulheres negras, a renda média é de R\$ 1.617 mensais (LOURENÇO, p. 86).

Os dados trazidos pela pesquisadora revelam a desvalorização do trabalho dessas mulheres que também sofrem com a construção histórica de que não seriam capazes de desempenhar determinadas tarefas, cabendo a elas trabalhos em que são exploradas e submetidas a situações degradantes (LOURENÇO, p. 86). Essa noção racista nos remete às teorias de degenerescência explicadas pela miscigenação, que falamos anteriormente. Observa-se processos de inferiorização, opressão e exclusão embasados em preconceitos motivados pela diferença racial e de gênero, num país que adoce cada vez mais psiquicamente¹⁰. A impossibilidade de ascensão em profissões mais valorizadas e remuneradas devido aos impedimentos sustentados pelo racismo, vai fazer com que as mulheres e homens

⁹ Silvio Almeida (2019, p. 143) aponta que para entender as classes em seu sentido material, é necessário, primeiramente, olhar para a real situação das minorias. As mulheres negras, por exemplo, recebem os mais baixos salários, são empurradas para “trabalhos improdutivos” que não produzem mais-valia, mas que, por outro lado, são essenciais.

¹⁰ Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) apontam que o Brasil é o país com o maior número de pessoas ansiosas: 9,3% da população. Há também um enorme alerta sobre a saúde mental dos brasileiros, já que uma em cada quatro pessoas no país sofrerá com algum transtorno mental ao longo da vida. Outro levantamento, feito pela Vittude, (plataforma online voltada para a saúde mental e trabalho), aponta que 37% das pessoas estão com estresse extremamente severo, enquanto 59% se encontram em estado máximo de depressão e a ansiedade atinge níveis mais altos, chegando a 63%. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/2971-27-04-live-transtornos-mentais-e-adoecimento-no-ambiente-de-trabalho-como-enfrentar>. Acesso em: 10/05/2024.

negros sejam jogados na marginalização e pobreza. Essas barreiras são sintomas do racismo estrutural.

Silvia Almeida (2019) sustenta a tese de que o racismo em nosso país é sempre estrutural, isto é, constitui a nossa organização econômica, social, política e cultural. O autor concebe o racismo como um mecanismo que regula as relações sociais e cria significados que dão sentido às nossas ações. Remete, também, a uma maneira sistemática de discriminação que tem a raça como principal fundamento, sendo manifestado por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens e privilégios para determinados grupos sociais (ALMEIDA, p. 22).

O racismo estrutural emerge como um fenômeno eminentemente histórico e político que conforma o teor das condições sociais, fato que faz com que o combate ao racismo seja tarefa de todos e todas (ALMEIDA, p. 32-34). Esse mecanismo se ancora em naturalizações que criam estereótipos e representações distorcidas de pessoas negras, processo que se fortalece em uma educação que reproduz práticas racistas (ALMEIDA, p. 41-43). A origem do racismo não pode ser explicada pela mera existência de uma supremacia branca que garante privilégios e dominação às pessoas brancas em detrimento das negras, diferentemente disso, as raízes do racismo estão vinculadas a processos históricos, econômicos e políticos (ALMEIDA, p. 47)

Ao aprofundar a discussão sobre “raça” e “racismo”, Almeida apresenta um rico apanhado histórico que permite vislumbrar a “raça” como uma categoria histórica e relacional criada em meados do século XVI para diferenciar seres humanos, no bojo de uma racionalidade iluminista ávida por classificações. É nesse contexto que surge a distinção filosófico-antropológica entre civilizado e selvagem, civilizado e primitivo. Como consequência, a hierarquização entre indivíduos e culturas distintas serviu como justificativa para o projeto colonial que pretendeu levar a “civilização” para os povos considerados inferiores, segundo o ponto de vista europeu. A partir daí, temos um violento processo de destruição e morte, de espoliação e aviltamento, dos ditos “civilizados” em relação aos demais povos (ALMEIDA, p. 18-19). Silvio Almeida argumenta:

O racismo faz com que a pobreza seja ideologicamente incorporada quase que como uma condição “biológica” de negros e indígenas, naturalizando a inserção no mercado de trabalho de grande parte das pessoas identificadas com estes grupos sociais com salários menores e condições de trabalho precárias (p. 104-105).

Nesta citação, reforçamos as graves consequências do racismo na vida das pessoas, na medida em que cria situações de desvantagens, contribui para a intensificação da precariedade de algumas populações, impossibilitando a vivência da igualdade e da equanimidade entre os grupos sociais. O que se nota no cotidiano e nos noticiários é um profundo desrespeito a vidas que foram classificadas como inferiores. Há grandes barreiras que foram construídas a fim de diferenciar e separar as pessoas, mecanismos históricos e sociais que legitimam e propiciam a degradação do povo negro. E, como diz Almeida (2019, p. 116): “Não existe nem nunca existirá respeito às diferenças em um mundo em que pessoas morrem de fome ou são assassinadas pela cor da pele.”.

No Brasil, o genocídio negro persiste gerando grandes estragos e sofrimentos irreparáveis. Como não se lembrar do assassinato de João Alberto Silveira Freitas, em 19 de novembro de 2020, na véspera do dia da consciência negra. Segundo o G1¹¹, João Alberto foi espancado até a morte no estacionamento do Carrefour em Porto Alegre, por seguranças da empresa. Três funcionários do Carrefour, Adriana Alves Dutra, Kleiton Silva Santos e Rafael Rezende, e Paulo Francisco da Silva, funcionário da empresa terceirizada, além dos seguranças, respondem por homicídio triplamente qualificado. O Ministério Público alega o racismo como forma de qualificação por motivo torpe para o crime.

Um outro caso, que demonstra o genocídio cotidiano do povo negro no Brasil, foi a chacina na comunidade de Manguinhos- RJ, em que, ao menos seis pessoas, foram mortas no dia 12 de julho de 2022, durante operação policial da tropa de elite militarizada da Polícia Civil – Coordenadoria de Recursos Especiais (Core). Outras duas pessoas foram mortas e duas feridas no mesmo dia no Parque Floresta, em Belford Roxo (BRASIL DE FATO, 2021).

12

Segundo o Brasil de Fato (2021):

De acordo com o relatório Chacinas Policiais, produzido pelo Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos da Universidade Federal Fluminense (GENI/UFF), em 2022, no período de 2007 a 2021, foram realizadas 17.929 operações policiais em favelas na Região Metropolitana do Rio, das quais

¹¹ Reportagem assinada por Janaina Lopes para o G1 Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/11/20/morte-de-joao-alberto-completa-tres-anos-e-analise-de-re-cursos-adia-julgamento.gh.html>. Acesso em: 13/05/2024.

¹² Reportagem assinada por Carolina Dutra Pereira para o Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/07/15/chacina-em-manguinhos-para-a-populacao-negra-e-a-morte-ou-a-prisao>>. Acesso em: 13/05/2024

593 terminaram em chacinas, com um total de 2.374 mortos. Isso representa 41% do total de óbitos em operações policiais no período.

Esses dados trazem à tona uma das faces do racismo institucional que integra o dia a dia das operações policiais no Brasil. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022 informa que, entre 2013 e 2021, 43.171 pessoas foram mortas em decorrência de intervenções policiais, sendo que 84,1% das vítimas eram pessoas negras (BRASIL DE FATO, 2021). O extermínio da juventude preta em nosso país representa as marcas da violência histórica atrelada ao racismo. Um relatório do IPEA revela que são assassinados 50 mil jovens por ano. Totalizando, nos últimos 10 anos, 321 mil mortos. Observa-se que nenhuma guerra nesse período matou tanto. Somado a isso há o genocídio de nossa juventude negra nas periferias¹³.

Os dados sobre o racismo revelam as suas consequências na sociedade brasileira, sendo que o escritor Lima Barreto já estava falando intensamente sobre esse tema no começo da nossa República. Ele não somente sentia na pele e na alma os sofrimentos impostos pelo racismo, mas também se compadecia dos seus irmãos, daqueles que, também, enfrentavam destinos semelhantes ao seu. Esse tema será aprofundado à luz da literatura barreteana no terceiro capítulo intitulado *O racismo ou preconceito de cor a partir da literatura de Lima Barreto*. Na vida e obra do autor, este movimento de refletir e criticar o “preconceito de cor”¹⁴ também se repetiu nos seus escritos sobre a loucura, em que o escritor não somente tece importantes reflexões sobre a loucura, como também faz descrições impactantes sobre a realidade manicomial e a vivência dos loucos.

No quarto capítulo intitulado *A loucura a partir da literatura de Lima Barreto*, aprofundaremos as reflexões acerca da loucura na obra do autor com a ajuda de alguns (as) autores e autoras que pensaram sobre esse fenômeno, tal como Michel Foucault e Frantz Fanon. Esses pensadores, assim como Lima Barreto, nos convidam a refletir sobre a loucura também na sua dimensão social, pois, na Idade Clássica, como nos mostrou o pensamento foucaultiano, a verdade sobre a loucura era buscada sempre no indivíduo, como se fizesse

¹³ ESTADÃO. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/brasil/no-brasil-62-jovens-sao-assassinados-por-dia-veja-onde-crime-e-mais-frequente/>>. Acesso em: 23/06/2024.

¹⁴ É importante destacar o olhar de Frantz Fanon (2008, p. 110) apresenta a seguinte definição para preconceito de cor ou racismo: “O preconceito de cor nada mais é do que a raiva irracional de uma raça por outra, o desprezo dos povos fortes e ricos por aqueles que eles consideram inferiores, e depois o amargo ressentimento daqueles que foram oprimidos e frequentemente injuriados. Como a cor é o sinal exterior mais visível da raça, ela tornou-se o critério através do qual os homens são julgados, sem se levar em conta as suas aquisições educativas e sociais. As raças de pele clara terminaram desprezando as raças de pele escura e estas se recusam a continuar aceitando a condição modesta que lhes pretendem impor”.

parte da sua constituição biológica. Mas, o relato de Lima Barreto, nos chama a refletir sobre outra dimensão da doença mental, que envolve os condicionantes externos, extrínsecos ao sujeito e que são capazes de gerar graves sofrimentos psíquicos a ponto de desencadear o enlouquecimento.

Destaca-se, dessa forma, o aspecto social da loucura, que não pode ser entendida somente como uma categoria biológica, mas como uma condição imbricada com todo o contexto que circunda o louco. O enlouquecimento, assim, é concebido como um processo multifatorial, que envolve uma série de outros aspectos que ultrapassam a biologia, pois se relaciona, também, com o ambiente familiar, social, econômico e histórico dos sujeitos. Fanon (2008), psiquiatra, homem negro e extremamente crítico aos regimes de opressão, faz reflexões fundamentais que relacionam a história da colonização e da escravização dos negros a diversos transtornos psíquicos desencadeados nas vítimas escravizadas.

É mencionado, neste capítulo, como no anterior, o conceito de “trauma cultural”, de Jeffrey Alexander (2011 *apud* SILVA, 2017, p. 2). Também recorro às reflexões de Achille Mbembe que, como Fanon, fala sobre os sofrimentos gerados pelo colonialismo e o escravismo. Esses autores trazem importantes chaves interpretativas que me permitem realizar este ensaio teórico para ajudar na compreensão de possíveis aspectos do sofrimento mental que emerge na vida e nas obras de Lima Barreto.

Nas considerações finais, para fechar o texto da tese, teço uma reflexão breve acerca das relações entre raça, classe e loucura na biografia e obra de Lima Barreto. Neste momento, há uma discussão que visa estabelecer relações entre esses marcadores sociais da diferença a partir da síntese dos capítulos anteriores. É possível perceber que o escritor é atravessado por esses condicionantes. Os seus personagens trazem as cicatrizes deixadas pelas vivências do escritor e denunciam situações pungentes de racismo, desumanização de loucos através da internação e discriminação devido a condições econômicas.

Lima Barreto somatizava uma série de opressões que parecem ter contribuído para o seu sofrimento mental. O racismo e a pobreza o colocaram em um lugar de grande desvantagem social, mas, como aponta Schwarcz (2017), Lima Barreto não se deixava aprisionar em categorias fechadas. A sua literatura crítica e afiada parece buscar pela tão sonhada liberdade que lhe fora negada por toda a sua vida.

Através da experiência de Lima Barreto é possível tecer estreitas relações entre raça, classe e loucura, isto é, interseccionalidades que, articuladas, podem produzir zonas de silêncio e esvaziamentos do “sujeito” ou um “não-ser”, para lembrar algumas das discussões de Frantz Fanon (2008) no livro *Peles Negras, Máscaras Brancas*, em que o autor demonstra

a construção de uma subjetividade negra marcada por regimes discursivos e estruturas racistas, coloniais e extremamente violentas, que conformam uma identidade negra sempre precária, inferior e abjeta, cuja existência é negada. Para este autor, a construção da desumanidade do negro é responsabilidade branca.

As estruturas de opressão: racismo e capitalismo, operam conjuntamente, em interação, colidindo e dando nascimento à desumanização, exclusões e às existências subalternas. A pesquisadora baiana Carla Akotirene (2019) resgata as reflexões da socióloga feminista Patricia Hill Collins e da estudiosa e militante negra Kimberlé Crenshaw e tece, no Brasil, uma importante reflexão sobre as interseccionalidades. Entretanto, estas autoras não parecem tocar no fenômeno da loucura como um dos marcadores interseccionais, uma vez que a ênfase que elas dão recai sobre os cruzamentos entre raça, gênero e classe. Neste trabalho, optou-se por considerar a loucura como um elemento fundamental de exclusão, juntamente com as demais categorias. Essas classificações serão refletidas a partir da literatura barreteana.

Tal reflexão será feita através do aprofundamento em algumas questões que essa pesquisa apresenta: quem era Lima Barreto? Como a loucura e o racismo são testemunhadas em sua obra? Como essas categorias se relacionam entre si e o que podemos inferir do cruzamento desses marcadores?

À frase comumente associada à filósofa e ativista negra Ângela Davis “não basta não ser racista é preciso ser antirracista”, poderíamos complementar dizendo que também precisamos ser antimanicômiais. Ou seja, assim como nos voltamos contra a insanidade do racismo, também é fundamental que nós combatamos discursos que defendem a volta de regimes opressivos e violentos, que violam a dignidade dos sujeitos, tal como fazem os manicômios.

A literatura de Lima Barreto não só combate o horror do racismo ou do “preconceito de cor”, como também denuncia a triste realidade vivida pelos loucos do seu tempo. Trazer à baila o testemunho desse autor e refletir sobre seus escritos configura-se como o principal objetivo desta pesquisa. Ao darmos ênfase aos discursos dos subalternizados podemos romper com lógicas históricas de violências epistêmicas e revelar a “loucura branca” responsável por criar monstros, deturpações e desumanidades a partir de uma “razão” que enxergava, e ainda enxerga, muitas vezes, o “outro” como ausência, degenerescência, inferioridade, delinquência e desrazão.

1. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

As ciências, portanto, entre si, dividem os objetos primitivamente ou capazes de ser concebidos primitivamente; contudo, sem sair do domínio da ciência, nota-se que o mesmo objeto, que o mesmo fato, que a mesma ideia podem ser examinados de várias maneiras, recebendo explorações diferentes, todas aceitáveis e necessárias (BARRETO, 2021, p. 462).

Para o desenvolvimento desta pesquisa li praticamente toda a bibliografia de Lima Barreto: crônicas, contos, romances, artigos de jornal e sátiras. Destaco algumas das obras consultadas que permitiram imergir no universo barreteano. O livro: *Lima Barreto - Obra Reunida, 2ª Edição*, da editora Nova Fronteira, do ano de 2021 é uma importante referência, na medida em que traz as principais obras do autor numa edição recente, que conta com prefácios e introduções presentes em uma outra coleção, que pode ser considerada clássica, tendo sido organizada por Francisco Assis Barbosa, intitulada *Obras de Lima Barreto - 17 volumes*, publicada em 1956. Esta reunião dos textos barreteanos, feita por Assis Barbosa, se tornou a principal referência para estudiosos na posteridade. Outra coletânea importante são os *Contos Completos de Lima Barreto*, organizado por Lilia Schwarcz (2010), que conta com uma introdução escrita pela autora. Outra obra consultada foi *Sátiras e outras subversões: textos inéditos*, uma reunião de escritos atribuídos a Lima Barreto após intensa pesquisa realizada por Felipe Botelho Corrêa (2016).

Além das obras que trazem os textos do autor, também destaco as biografias fundamentais que permitiram a construção do próximo capítulo que trata da vida do escritor. *A vida de Lima Barreto:(1881-1922)*, escrita por Francisco de Assis Barbosa e publicada em 1952, obra que contribui significativamente para a divulgação da literatura barreteana e que serve, também, como base para a produção de outra importante biografia intitulada *Lima Barreto-triste visionário*, de Lilia Schwarcz (2017), que traz no título uma referência ao livro *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, do momento em que o marechal Floriano, aborrecido, se refere pejorativamente ao Major Quaresma, devido às suas ideias consideradas excêntricas. O marechal diz: “você, Quaresma é um visionário!” (BARRETO, 2021, p. 373). Ao escolher o adjetivo para o título da biografia, Schwarcz quer chamar a atenção para a vida de Lima Barreto, sobretudo em relação ao contexto histórico em que viveu, um tempo em que as suas ideias e perspectivas não foram acolhidas pelos seus pares.

Tendo reunido essa bibliografia, que foi a minha principal fonte de pesquisa, considerando que os temas que me interessavam eram o racismo, ou “preconceito de cor”, tal

como Lima Barreto (2021) o nomeia nas *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, e a loucura, bem como aspectos relativos à vida do autor, realizei a leitura do material com o direcionamento de captar os momentos em que esses assuntos apareciam. Para isso, usei a técnica de fichamentos com destaques para os trechos que interessavam à pesquisa. As obras mais importantes, que trazem mais dos temas destacados, foram lidas repetidas vezes, no intuito de perceber elementos que possam ter passado despercebidos em um primeiro momento.

1.1 O testemunho literário de Lima Barreto

Após imergir no universo da literatura barreteana, fui conhecendo cada vez mais o autor. A forte característica autobiográfica permite que possamos, de certo modo, desnudar a alma do escritor. Na verdade, é ele quem se revela a todo momento, expressando as suas emoções através da vida dos personagens. Em obras como *Diário do Hospício* e *Diário Íntimo*, sobretudo, Lima Barreto tece o seu cotidiano com pormenores das suas impressões sobre diversos temas e sobre si mesmo. Além disso, nas suas obras ficcionais, fantasia e realidade se misturam, como diz Francisco Assis Barbosa, no prefácio do livro *Recordações do Escrivão Isaías Caminhas*, em 1909.

A leitura da obra barreteana me leva a interpretar muitos dos seus escritos como um testemunho de alguém que tentava todos os dias sobreviver ao racismo, à desigualdade e aos diversos sofrimentos que atravessava no Brasil da Primeira República. Embora Lima Barreto tenha falecido, a sua obra sobreviveu e dá testemunho das diversas vicissitudes vividas por ele. Os seus livros são uma fonte documental importantíssima para entendermos um pouco mais dos pormenores da história brasileira, sobretudo, devido às ricas descrições que faz dos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro. Considerar a literatura barreteana como testemunhal nos leva a saber da grande relevância que ela tem para compreendermos o nosso passado do ponto de vista dos excluídos, ou melhor, de um excluído que usava o seu talento de escrever para narrar as dores de outros semelhantes a ele: pretos, pobres e loucos.

Penso em Lima Barreto como um escritor que “tocou o fundo”, de uma maneira que guarda semelhanças com um “muçulmano” de quem nos fala o filósofo Giorgio Agamben (2015). Este autor fez uma análise profunda da produção literária dos sobreviventes do holocausto durante o período nazista. Na obra, “o muçulmano” se refere àqueles seres humanos destituídos da sua humanidade, seres que se tornaram como cadáveres ambulantes, privados de linguagem, despojados de estatuto político e reduzidos à uma “vida nua”.

Ao se questionar sobre o que poderiam testemunhar esses desumanizados que morreram e não podem falar, Agamben (2015) quer saber o que eles diriam se pudessem falar, pois foram impedidos pela morte ou por sofrimentos tão aterradores que roubaram as suas falas. Quando Agamben reflete sobre os diversos testemunhos dos sobreviventes do holocausto, ele fala sobre uma lacuna, uma zona de silêncio que se refere à voz abafada daqueles que atingiram “o fundo”. “Os muçulmanos” são os desfigurados do massacre, presos sem rosto, que abdicaram da luta e, devido à extrema precariedade em que se encontravam, ameaçavam até a definição de humanidade, pois haviam deixado de ser humanos, vitimados pelo abandono e pela exclusão. Agamben (2015, p. 13) diz que ninguém, nesse contexto, deve ser excluído da possibilidade de testemunhar. Dignidade e respeito tem a ver com deixar falar e jamais esconder aqueles que foram silenciados. Impedí-los de testemunhar é como condená-los a uma segunda morte. Nenhuma ética pode pretender excluir do seu âmbito uma parte do humano. As situações e sofrimentos vividos precisam ser transmitidos por mais dolorosos que sejam, sobretudo daqueles que não puderam voltar para contar, pois chegaram ao limite irretornável da desgraça: a morte, o extermínio. São eles quem podem dar o testemunho essencial, mas por terem morrido, não podem dizer, daí a ausência de suas vozes deixam uma lacuna, uma falta, um resto que falta ser dito e que precisamos encontrar formas possíveis de alcançar e escutar (AGAMBEN, 2015, p. 15-16).

Lima Barreto foi uma testemunha da sua vida e de seu tempo. Embora não tenha estado em um campo de concentração, é um descendente dos sobreviventes da escravidão. A cor escura em uma sociedade racista e presa a ideias eugenistas faz com que se viva desumanizações que se assemelham às enfrentadas pelos judeus, pois nas duas situações estamos falando de racismo, que obriga alguns seres humanos ao deslocamento para lugares limites, isto é, situações em que as fronteiras entre o humano e o inumano são borradas, para se criar uma indefinição, um não-lugar, um não pertencimento (AGAMBEN, 2015, p. 56)

No “muçulmano” e no negro escravizado, a dignidade é sequestrada e as suas vidas perdem todo o valor. No nazismo e no racismo cadáveres são fabricados em série. Quando se tira o estatuto de humanidade das pessoas, pode-se fazer o que quiser com elas. “Os muçulmanos”, segundo Agamben (2015, p. 78), foram degradados. Até mesmo a morte deles não era considerada morte, pois não eram tidos como humanos. Por isso, também podiam ser liquidados sem remorso. Os “muçulmanos” dos campo de concentração podem ser comparados com os milhares de negros que foram degradados a ponto de não conseguirem dar seu testemunho antes de serem mortos pelo genocídio.

Aos que sobreviveram sobram sequelas irreparáveis, os traumas, depressões e pensamentos suicidas (2015, p. 99). Aos que morreram resta o testemunho que legitima a sua humanidade negada. Apesar da morte, as suas vozes ecoam como um som que não pode ser esquecido e que pode ser ouvido e sentido, apesar de não ter podido ser expresso com palavras. O testemunho integral, para Agamben, advém dessa situação limite, que chega a ser tão drástica que sequer pode ser narrada em linguagem comum. Esse resto garante que os acontecimentos não sejam arquivados e esquecidos (AGAMBEN, 2015, p. 157).

Em uma palestra realizada no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), em 2018, Lilia Schwarcz¹⁵ aponta que Lima Barreto tinha o sonho de escrever uma “história da escravidão negra no Brasil”¹⁶. Dizer que a literatura de Lima Barreto é de testemunho, não é só fazer referência ao modo como ele narrou os seus sofrimentos em sua escrita, diferentemente disso, é ressaltar que a sua escrita ultrapassa também a sua biografia, pois ele estava interessado em testemunhar também sobre as agruras dos seus irmãos escravizados. Lima carregava em seu coração as vozes dos seus descendentes e ancestrais que clamaram tantas dores de um passado cheio de tormentos indizíveis. Um passado que ainda não havia sido deixado para trás, afinal os racismos e opressões aos ex-colonizados e escravizados que sobreviviam em um país pós-escravista estavam muito presentes na vida dessas pessoas. A naturalização da inferiorização de seres humanos com base em caracteres físicos estava em voga naquele período. Os vícios das relações entre senhor e escravo ainda eram persistentes.

Rafael Silva aponta:

Essa história do negro no Brasil também poderia ser contada por meio de uma história do sofrimento humano, nosso país foi edificado sobre as bases da desigualdade, relegando à população negra sempre um espaço subalterno, o lugar das classes sociais mais carentes e de condições mais precárias, ocupando espaços subalternos desde as senzalas aos quatinhos de empregadas (2017, p. 1).

Apesar da abolição da escravatura em 13 de maio de 1888, após muita pressão do movimento abolicionista, sobretudo dos quilombos, pouca coisa mudou na realidade dos ex-escravizados. As sobrevivências do período mais violento e sanguinário do nosso país

¹⁵ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=WhWYXEMnZhw>>. Acesso em: 20/05/2024.

¹⁶ No *Diário Íntimo*, em 1909, Lima Barreto escreve: “Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro, escreverei a História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade”.

estavam muito vivas.¹⁷ A ideia de uma democracia racial que era cobrada pelos movimentos sociais não havia se concretizado. Além disso, a memória do trauma ainda estava muito presente. De acordo com Jeffrey Alexander (2011 apud SILVA, 2017, p. 2), o “trauma cultural”¹⁸ é provocado quando pessoas de uma comunidade sentem que foram submetidas a eventos ou situações terríveis que deixam marcas indeléveis em sua consciência coletiva, ficando impregnados às suas memórias, influenciando profundamente a sua identidade cultural de forma fundamental e irremediável. Esse “trauma cultural” é responsável por provocar efeitos e sofrimento social nos sujeitos, mesmo com o passar do tempo, como se estivesse ainda reverberando nas novas situações e relações dos sujeitos afetados.

Tal como no ensaio de Silva (2017), a escravidão é tomada nesta pesquisa como um evento traumático que não só incidiu sobre a vida de Lima Barreto, como o influenciou a escrever sobre o racismo. Pensar no “trauma cultural” gerado pelo período escravista, nos conduz a refletir sobre os impactos desse evento histórico na saúde mental dos escravizados e dos seus descendentes. Quando Lima se coloca como um denunciante desse passado e do presente de violências que enfrentava, ele dá vida a um testemunho de suas dores e do sofrimento social de grupos marginalizados. A sua literatura torna-se testemunha de sofrimentos coletivos, de um trauma compartilhado por loucos, pretos e pobres.

1.2 Análise de Conteúdo

Após ler e fichar o material selecionado, escolhi a metodologia de análise de conteúdo para fazer a interpretação dos dados. Segundo Moraes (1999, p. 2-3), esta técnica é:

[...] usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. [...] utilizando especialmente a indução e a intuição como estratégias para atingir níveis de compreensão mais aprofundados dos fenômenos que se propõe a investigar. [...] De certo modo a análise de conteúdo, é uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados. Não é possível uma leitura neutra. Toda leitura se constitui numa interpretação.

¹⁷ Ao analisar a abolição em seu país, Fanon (2008, p. 183) aponta que “a notícia da libertação dos escravos provocou psicoses e mortes súbitas”.

¹⁸ Fanon (2008, p. 137) fala de “traumatismo insegurizante” conceito próximo para se referir ao sofrimento psíquico causado por lembranças traumáticas. Trata-se de um gerador de inseguranças e inferiorização.

O foco na análise das obras selecionadas recai na descrição e interpretação das fontes literárias à luz de alguns autores, autoras e conceitos que permitem refletir sobre os fenômenos abarcados pelos objetivos da pesquisa. Na análise de conteúdo que me propus a fazer, são levadas em consideração elementos como contexto histórico das fontes, a biografia do autor, bem como significados que giram em torno da obra, bem como as possíveis motivações que possam ter influenciado a sua produção.

Alguns dos trechos identificados das obras de Lima Barreto que tratam sobre o racismo e a loucura serão destacados nos próximos capítulos e interpretados com a ajuda de autores como Francisco Assis Barbosa, Lilia Moritz Schwarcz, Giorgio Agamben, Frantz Fanon, Grada Kilomba, Michel Foucault, Achille Mbembe, Djamila Ribeiro, Silvio Almeida entre outros (as).

Apesar de contar com ajuda dos conceitos apresentados por esses (as) grandes autores (as), assumo a inteira responsabilidade pelas associações e interpretações tecidas e, sobretudo, pelos eventuais equívocos na análise do material. Tal como exposto na citação de Moraes (1999), logo acima, a análise de conteúdo é uma interpretação pessoal que parte da percepção do (a) pesquisador (a). Por isso, quero deixar expresso que, as reflexões que são tecidas através desta pesquisa não têm nenhum interesse de se apresentarem como verdades absolutas, mas antes como interpretações possíveis sobre fenômenos multifacetados que estão abertos a inúmeros pontos de vista, tal como expressa Lima Barreto na epígrafe deste capítulo. As descrições do conteúdo que faço, partem de um viés qualitativo, sendo, portanto, mais subjetivo, pois lida com significados e elementos intangíveis, da ordem dos sentimentos, que, muitas vezes, não estão na superfície e precisam de um olhar muito mais profundo para se penetrar no seu âmago.

De acordo com Moraes, sobre a descrição e interpretação do conteúdo:

O momento da descrição é, sem dúvida, de extrema importância na análise de conteúdo. É o momento de expressar os significados captados e intuídos nas mensagens analisadas. [...] O termo interpretação está mais associado à pesquisa qualitativa, ainda que não ausente na abordagem quantitativa. Liga-se ao movimento de procura de compreensão. Toda leitura de um texto constitui-se numa interpretação. (1999, p. 9).

A compreensão é um dos principais objetivos deste trabalho. Compreender o que Lima Barreto diz sobre o racismo e a loucura em seus escritos e estabelecer relações entre eles e a vida de pobreza do escritor, tendo como suporte as discussões teóricas de autores e autoras

consagrados (as) que refletiram argutamente sobre a loucura, a violência colonial, o racismo, a pobreza e os modos como esses fenômenos sociais se cruzam.

Para que haja aprofundamento na observação das fontes, Moraes (1999) salienta que pode-se buscar por “motivações inconscientes” que estão ocultas no documento. Para isso, dá-se ênfase a elementos sutis e a construção da interpretação acontece gradualmente, mas sem, necessariamente, haver uma escala de continuidade, uma vez que, no processo de observação e análise de material, há momentos de rupturas, transformações, descontinuidades e reinterpretções. Algumas das obras de Lima Barreto, no meu entendimento, são também documentos¹⁹ que manifestam as vozes do autor, fontes que possuem uma linguagem escrita que traduz um universo de símbolos, profundamente abstrato, que abarca signos, conteúdos, sentidos, mensagens etc. a serem decodificados com um conhecimento ou teoria compatível com os objetivos do estudo (SAMARA e TUPY, 2013, p. 121).

Samara e Tupy chamam a atenção para a importância de uma “análise externa” dos documentos, que equivale, como já foi dito, ao contexto em que estes foram gerados, bem como as informações sobre os autores que os criaram, apontam que é salutar saber quais as intenções por trás das fontes. Neste percurso deve-se, optar por uma leitura crítica, que atente para os possíveis anacronismos²⁰ que podemos cometer ao realizarmos as nossas interpretações. Quando pensamos no conceito de racismo, por exemplo, é importante ressaltar que esta é uma palavra que não existia na época do Lima Barreto, embora possamos constatar que o fenômeno já estivesse se manifestando nas relações sociais. Além disso, as discussões envolvendo as diferenças de raça já estavam ganhando força, como vimos na introdução²¹. Como já foi dito, Lima Barreto usava o termo “preconceito de cor” para se referir ao racismo.

Embora os nomes do fenômeno sejam distintos, seja racismo ou “preconceito de cor”, ambos podem ser usados para designar processos históricos de violência, opressão e

¹⁹ O que são documentos? Há uma definição ampla: cartas, livros, relatórios, diários, pinturas, esculturas, fotografias, filmes, músicas, mitos, lendas, falas, espaços, construções arquitetônicas e paisagísticas, instrumentos e ferramentas de trabalho, utensílios, vestimentas, restos de alimentos, habitações, meios de locomoção, meios de comunicação. São ainda sentidos culturais, estéticos, técnicos e históricos que os objetos expressam, organizados por meio de linguagens (escrita, oralidade, números, gráficos, cartografias, fotografia e arte) (SAMARA e TUPY, 2013, p. 118).

²⁰ SAMARA e TUPY (2013, p. 123) alertam para o cuidado com o anacronismo para que este não interfira negativamente na decodificação do documento. A leitura e interpretação de mensagens do passado com os olhos do presente podem levar um pesquisador a comprometer os resultados de todo o seu trabalho. O historiador (pesquisador) precisa realizar uma análise das informações obtidas sem atribuir a elas valores próprios de época ou sociedade diferentes.

²¹ Para um aprofundamento sobre o surgimento dos termos raça e racismo, sugiro a referência: MENDES, Maria Manuela. Raça e racismo: controvérsias e ambiguidades/*Race and racism: controversies and ambiguities*. **Vivência: revista de antropologia**, v. 1, n. 39, p. 101-124, 2012.

silenciamento, que agem sobre o cotidiano de indivíduos, criando situações de sofrimento, humilhação e inferiorização.

1.3 Conhecimento negro: a importância de ir além da história única

Grada Kilomba (2020, p. 27) fala de uma história de vozes torturadas, de línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos e sobre os lugares em que os negros foram impossibilitados de entrar, permanecer ou falar. É como se houvesse uma “fome por voz” e a necessidade de se recuperar uma “história escondida”, de se narrar aquilo que não foi dito, mas que é essencial dizer.

No livro *Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidiano*, Kilomba analisa detalhadamente o racismo a partir de cenas e situações contundentes em que a “outricidade” construída revela a sua face mais nociva e cruel, identificada com a negritude (2020, p. 38). A branquitude parece ter criado um muro que protege o acesso ao poder de falar, de modo que, populações subalternizadas, como as mulheres negras, por exemplo, são impedidas de tecer o seu próprio conhecimento e, mesmo que o façam, podem ser capturadas pelo colonialismo e por aqueles que estão comandando os centros de poder: homens brancos, heterossexuais e de classe alta. A autora aponta que a Academia não é um espaço neutro de produção do conhecimento, pois se configura também como um lugar de violência histórica. Em um contexto de violações do direito de fala e participação, não podemos falar de uma “objetividade científica”, pois o que se nota é a presença de um conjunto de relações desiguais de poder de raça (KILOMBA, 2020, p. 48-51).

Os discursos produzidos pelos sujeitos negros são tratados como menores, segundo Kilomba, eles são tidos como mais “emocionais”, “acientíficos”, “subjetivos”, “parciais” e “menos inteligentes”. Quando refletimos sobre o lugar das mulheres negras, esse julgamento é ainda mais duro, uma vez que, estas tendem a ter o seu pensamento menosprezado, tido como “alucinação feminina” (KILOMBA, 2020, p. 55).

Diferentemente do que se propaga a ciência racista, branca e eurocêntrica, a ciência produzida por homens negros e mulheres negras, de que fala a autora, é um saber atravessado por alma, memórias e sentimentos de dor, raiva e decepção. Mas isso não equivale a dizer que são saberes menos científicos, pelo contrário, pois são forjados com a verdade que é também sentida na pele e ultrapassa os laboratórios, servindo à Vida, à sobrevivência de quem foi e continua sendo exterminado. Esse extermínio ainda é reforçado pela ciência que se nega a reconhecer os seus equívocos e vieses racistas.

Kilomba (2020, p. 58) reivindica uma epistemologia que não exclua o pessoal e o subjetivo, uma vez que estes devem fazer parte do discurso acadêmico, que está longe de ser neutro. Como a autora afirma, a teoria é sempre construída por alguém que pertence a um lugar específico, é um “saber localizado” (HARAWAY, 1995). Ou seja, a ciência é sempre política. Cabe abrir espaço para que os sentimentos historicamente represados e as dores geradas pela opressão e trauma sejam liberadas a fim de que, quem sabe, possamos todos e todas nós nos curarmos de violências que são capazes de impossibilitar a alegria e a esperança, principalmente, de quem sente na pele, cotidianamente, as consequências dos racismos.

Kilomba (2020, p. 60) chama atenção para o elevado grau de criatividade e potência dos saberes criados nas margens e nos “não-lugares”. Eles expressam uma forma de fortalecer a luta contra a colonização do conhecimento, da mente e da imaginação. Lima Barreto, ao ser atravessado pela experiência do racismo, loucura e da pobreza, longe de se fechar em si mesmo para sofrer em silêncio e clausura, se transforma em um porta-voz que dá o seu testemunho através da literatura. Ele resistiu ao escrever e, como resistente, contribuiu para a criação de novas narrativas que destoam dos centros de poder. A riqueza disso é termos uma visão que brota da precariedade, dos abismos que são, por excelência, nascedouros de novas formas de ver e perceber a realidade que rompem com as epistemologias racistas.

No prefácio do livro de Frantz Fanon (2008) *Peles Negras, Máscaras Brancas*, Lewis Gordon afirma que o racismo e o colonialismo precisam ser compreendidos como modos socialmente gerados de ver e viver no mundo. Isto significa, em outras palavras, que os negros são construídos como negros, isto é, “negros” são construções. Tal construção se dá pela linguagem, que precisa ser examinada, na medida em que, é por meio dela que criamos e vivenciamos os significados. O que nos deparamos, quando pensamos as relações de opressão entre brancos e negros é que houve, por parte dos primeiros um processo de subordinação imposto às populações negras. Isso passa pela linguagem. É pela linguagem que as pessoas são capazes de se expressarem e se entenderem, e através dela que os discursos são construídos (FANON, 2008, p 15).

Fanon sustenta que:

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da

metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será (2008, p. 34).

Isso significa dizer que “o negro” toma - ou é obrigado a tomar - para si uma gramática estrangeira que destoa da sua cultura original. Muitas vezes, nesse processo, são importados uma série de arquétipos e imagens preconcebidas sobre os negros, que vão construindo um ser dotado de um profundo sentimento inferioridade, que se reifica (FANON, 2008, p. 47). “No negro existe uma exacerbação afetiva, uma raiva em se sentir pequeno, uma incapacidade de qualquer comunhão que o confina em um isolamento intolerável”, aponta Fanon, (2008, p. 59). Ainda argumenta que “a inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Precisamos ter a coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado.” (FANON, 2008, p. 90). Isso equivale também a perceber a beleza no que foi classificado como feio e inferior por um “estrangeiro” que tinha uma visão específica e limitada sobre a realidade.

Ao conhecer um pouco mais sobre o Lima Barreto, percebe-se que ele é um anti estrangeirismo. Este traço se manifesta no *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, com o peculiar nacionalismo do Major Quaresma, que está o tempo inteiro exaltando as riquezas originais da nossa terra e do nosso povo. Quaresma parece implorar para que olhemos para nós mesmos a fim de que possamos descobrir a beleza e completude da nossa cultura. Qual a razão de viver de comparações com os brancos da Europa ou com a ciência estrangeira? Ao invés de acreditar no que dizem sobre nós, poderíamos reconhecer quem realmente somos e como fomos historicamente classificados e inferiorizados por povos que, por muito tempo, se consideram superiores a nós. Ao fazerem isso, criaram fantasmas e demônios que minaram a nossa autoestima enquanto nação. Esse processo histórico de depreciação foi comum nas Américas e na África.

Fanon (2008, p. 111) aponta que o branco não queria a intimidade entre as raças que ele mesmo criou, pois acreditava-se que os cruzamentos de raças diferentes rebaixam o nível psíquico e mental dos seres humanos. Poeticamente, Fanon contrasta essa imagem distorcida, no trecho:

Sinto-me uma alma tão vasta quanto o mundo, verdadeiramente uma alma profunda como o mais profundo dos rios, meu peito tendo uma potência de expansão infinita. Eu sou dádiva, mas me recomendam a humildade dos enfermos. . . Ontem, abrindo os olhos ao mundo, vi o céu se contorcer de lado a lado. Quis me levantar, mas um silêncio sem vísceras atirou sobre

mim suas asas paralisadas. Irresponsável, a cavalo entre o Nada e o Infinito, comecei a chorar (FANON, 2008, p. 126).

Fanon exalta a si mesmo, pois tem conhecimento dos séculos de racismo e opressão que ofereceram a seu povo um espelho borrado que apresentou uma realidade distorcida. Na cultura europeia, o negro, era tido como o não-civilizado. Ela o rejeita e o esmaga por considerá-lo selvagem e o princípio do mal. Essa inferiorização resulta de uma imposição cultural (FANON, 2008, p. 161). O referencial branco prevalece, espécie de destino com o qual o negro se identifica e, assim, pretende realizar uma existência branca (FANON, 2008, p. 188).

Como veremos em algumas das obras literárias analisadas, “ser negro” se torna um problema em uma sociedade que valoriza cada vez mais o que é branco. Isso diante da ausência de referenciais positivos, da imposição de ideais de branquitude que criam um “outro” inabitável, considerado desprezível e uma existência indesejável. Habitar um corpo negro em contextos em que inexiste qualquer valorização da negritude, é estar mergulhado em um mar de opressões, em rios de violências que podem inviabilizar qualquer possibilidade de realização pessoal do sujeito. No livro *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, podemos observar a crescente angústia de um personagem que sofre o “preconceito de cor”.

1.4 Entrelaçamento entre pesquisador e pesquisado: Aproximações entre Dagoberto Alves de Carvalho e Lima Barreto

Ao ter contato com as ideias de Fanon sobre o processo de depreciação e distorção que os negros enfrentaram, penso em Isaías Caminha, assim como em Lima Barreto. Mas também me faz pensar em uma outra pessoa que, durante a pesquisa, me serviu de inspiração, sobretudo devido às semelhanças com a biografia de Lima Barreto. Trata-se de meu pai, Dagoberto Alves de Carvalho.

Quem era meu pai? Um homem negro que morreu jovem, aos 48 anos de idade, de um infarto agudo, na cidade de Sento-Sé-BA, onde morei por muito tempo junto com a minha família, composta por meu pai, minha mãe Maria José e minhas três irmãs, Elizabeth, Luzimar e Zilmaria. Considero importante introduzir brevemente um pouco da história de meu pai, pois ele é uma grande motivação e inspiração para o desenvolvimento da pesquisa. O mais curioso é que não percebi esta ligação previamente, mas no decorrer das leituras, à medida que fui conhecendo mais Lima Barreto e alguns de seus personagens, sobretudo o Isaías Caminha, as semelhanças com a história de vida do meu pai foram aparecendo.

Dagoberto Alves de Carvalho nasceu numa pequena comunidade do interior da Bahia chamada Lajes dos Negros, ou “Laje dos Nego”, como se conhece lá pelas bandas de Juazeiro-BA e Sento-Sé-BA. É um lugar bastante remoto e um pouco inacessível, pois não é identificado nos mapas. Eu nunca fui até lá e as poucas informações que tenho dessa comunidade peguei com a minha mãe. Tudo que sei é que meu pai nasceu lá e depois foi morar nas Minas de Cabeludas-BA, lugar onde conheceu a minha mãe, onde se casaram e tiveram os filhos. Meu pai e minha mãe eram garimpeiros e catavam pedras preciosas na região. Nas comunidades vizinhas das Minas de Cabeludas, o garimpo e o comércio eram as principais fontes de renda. A pedra ametista era uma das principais comercializadas, até me lembro de alguns dos dias em que me ensinavam a pegar o pequeno martelinho de ponta bem fina e que era usado para lapidar as pedras. Lembro bem pouco do período em que vivi nas Minas de Cabeludas. As minhas melhores recordações são do tempo em que vivíamos todos juntos quando estávamos morando na cidade de Sento-Sé.

Estávamos na década de 1990, a nossa casa ficava no centro da cidade. Tínhamos um mercadinho que meu pai, juntamente com minhas irmãs e eu, trabalhávamos. Minha mãe trabalhava como motorista de van, transportando pessoas de Juazeiro-BA a Sento-SÉ, além de outros interiores entre essas duas cidades. Um trabalho extremamente desgastante e, na época, muito masculino. “Maria Galega”, era como as pessoas conheciam a minha mãe. E ela era bastante conhecida na região, como uma mulher trabalhadora, valente e um excelente motorista. Mas também havia um preconceito muito forte, machismos e misoginia eram muito comuns. Não eram poucas as pessoas que a discriminavam por ser uma mulher que estava dirigindo e trabalhando em uma profissão que era considerada masculina.

Minha mãe passava o dia inteiro fora, saía cedo de manhã e só voltava à noite. A rotina era assim de segunda a sábado. Quase não havia tempo para descanso. Enquanto isso, em casa, íamos para a escola, a minha irmã mais velha, Elizabeth cuidava de nós como se fosse a nossa mãe. A nossa vida foi assim durante alguns anos, até que meu pai começou a beber e fumar de forma demasiada. Não posso precisar as razões específicas que o levaram a abusar do álcool e do cigarro. Lembro-me que ele parecia inconformado. Tinha muitos momentos de raiva em que se tornava agressivo e violento. As surras que ele dava na gente aconteciam com certa frequência, bastava que fizessemos pequenas travessuras para recebermos a dolorosa lição.

Lembro-me também dos momentos em que ele era carinhoso conosco, sobretudo comigo, o caçula e “único homem”, e a minha irmã mais nova, Zilmária. Sempre que podia ele comprava presentes para mim, fazia alguns também, como uma vez em que ele fez um

carrinho de madeira com pedais. Mas o presente mais inesquecível que ele me deu foi uma bicicleta, pois ele sabia que era um dos meus sonhos ter uma. Também não esqueço da coxinha na lanchonete da esquina que ele comprava pra mim todas as tardes e do pão com salsicha e café que ele preparava e ficavam tão deliciosos.

Infelizmente não consigo me lembrar das boas recordações que nós tínhamos em família. Elas são muito vagas e escassas. Eu me recordo mais das discussões, brigas e agressões entre ele e minha mãe. Talvez o amor, respeito e afeto que tinham um pelo outro já tivesse acabado. Soube pelas minhas irmãs que houve dias de felicidade. Mas, o que se tornou mais frequente foi a bebedeira do meu pai, a sua agressividade, as crises que ele tinha, que o faziam querer quebrar tudo que aparecia pela frente. Lembro-me que, em alguns momentos, ele ficava girando com os olhos esquisitos, desesperado, como se algo o afligisse e ele não soubesse o que era. Estes eram os momentos de crise em que meu pai perdia todo o controle e parecia se transformar em “outra pessoa”, muito mais agressiva, violenta e com atitudes autodestrutivas.

Naquela época, no interior, era costume algumas pessoas terem arma em casa. Na nossa tinha, pois o passado no garimpo e a vida no comércio fazia com que fôssemos um alvo atrativo para assaltantes. Meus pais guardavam a arma no guarda-roupas. Em diversos momentos em que meu pai teve surtos psicóticos ele pegou essa arma e apontava pra própria cabeça e colocava na boca. Todos nós, minha mãe, irmãs e eu corríamos pra cima dele a fim de tirarmos a arma e impedir que ele se matasse. Em muitos desses momentos de brigas dentro de casa, eu saía correndo pra casa da minha tia Zilda, irmã de meu pai, onde também morava a minha avó, Martinha, mãe do meu pai. Essa era uma das estratégias que encontrei a fim de que eles parassem de brigar. Quando minha avó chegava dava conselhos pro meu pai. As coisas se acalmavam por um breve período de tempo, até a próxima briga ou surto do meu pai.

Infelizmente, naquela época, a gente não sabia nada sobre saúde mental. Hoje penso que, se tivéssemos mais acesso e conhecimento, talvez pudéssemos ter ajudado o meu pai a lidar com o que ele estava sentindo. Porém, acredito que sequer tínhamos serviços públicos voltados para saúde mental. O quadro do meu pai foi se agravando cada vez mais. Ele começou a ter envolvimento com outras mulheres, a frequentar bares e bordéis da cidade, chegando até mesmo a levar amantes pro mercadinho de casa para que pudessem fazer a feira de suas casas. Enquanto isso, a minha mãe trabalhava de sol a sol. Até o dia em que descobriu as traições, pois todos da cidade já estavam sabendo. Cidade pequena era assim, as fofocas se espalham rapidamente. Amigos foram avisar a minha mãe das traições. A situação em casa se

tornou insustentável, até que veio o divórcio. Minha mãe quis se separar depois que meu pai começou a ameaçá-la de morte, tendo inclusive, segundo a minha mãe, contratado “um pistoleiro” para matá-la. Meu pai queria vender a casa onde morávamos para poder dividir o dinheiro. Segundo a minha mãe, quando questionado sobre onde ela moraria com as crianças, ele disse que era pra irmos pra debaixo dos pés das Algarobas que ficavam na entrada da cidade.

Após a separação, minha mãe nos levou para morar em Juazeiro-BA. Não dava pra ficar na mesma cidade que meu pai. Ele permaneceu em Sento-Sé. Os bens foram divididos. Eu não consegui me adaptar à nova cidade e voltei pra ficar com meu pai. E vi de perto ele se entregar cada vez mais ao uso da bebida, que aumentava a frequência dos seus surtos. Ele gastava muito dinheiro nos bares e com diversas mulheres. A vida boêmia, sem uma fonte de renda que pudesse bancá-la, logo fez com que o dinheiro acabasse. O mercadinho que ele montou na casa da minha tia Zilda, não suportou os gastos e rapidamente foi fechado. Com o fim do dinheiro, foram embora os “amigos”, as mulheres e a vida boêmia, tendo restado meu pai, sozinho. Eu estive ao seu lado durante esse tempo. Vi a sua tristeza aumentar a cada dia. Ele começou a viajar para algumas cidades vizinhas em busca de trabalho. Passou a viver de bicos.

Meu pai regressou às Minas de Cabeludas -BA, nossa terra natal. Retomou as atividades de garimpeiro, quando retornou à Sento-Sé, começou a trabalhar como ajudante de pedreiro. Durante o tempo em que fiquei sozinho com ele, eu compartilhava de muitos dos seus sofrimentos. Chorei com ele em momentos de desespero. Vivíamos como nômades, de casa em casa, morando com parentes, “vivendo de favor”, como se costuma dizer. Meu pai teve um grave problema no braço, certamente havia uma grande inflamação devido a trabalhos manuais excessivos, seja como garimpeiro ou como pedreiro. Lembro que o braço dele inchou muito a ponto de perder totalmente os movimentos. Não havia dinheiro para remédios e estes não eram distribuídos nos hospitais, a única forma de consegui-los era com a assinatura de algum político. Se um vereador assinasse a receita, podíamos apresentar na farmácia e pegar o medicamento. Mas nem sempre isso era possível. Por isso, durante a noite, o meu pai gemia de dor e febre. Foi assim por vários dias. No breu do quarto, eu ouvia o seu choro e os sussurros. Ele pedia a Deus para curá-lo da doença. O tempo passava e as suas preces pareciam se perder naquele quarto escuro.

Os surtos psicóticos aconteciam após o consumo de álcool. Ele ficava transtornado, quebrava móveis e objetos, se jogava no chão, precisava ser contido por vizinhos e amigos. Uma das ocasiões mais dramáticas que passamos juntos, foi quando estávamos na casa da

cunhada de meu pai, em Sento-Sé. Ele havia chegado bêbado em casa, na companhia de alguns dos seus colegas de bar. Só me lembro de vê-lo sentado no chão no mesmo quarto onde eu estava dormindo. Quase não o reconheci. Estava de cabeça baixa, muito sério, na verdade, com um rosto muito fechado como se estivesse carregado de ódio. A impressão que tive era que aquele não era meu pai, mas um outro ser, carregado de ira. Eu me aproximei dele, me agachei ao seu lado e olhei nos seus olhos, acho que nunca senti uma presença tão infeliz e angustiada como aquela. Nas suas mãos havia um punhal que ele segurava com as duas mãos apontando-o em direção ao peito. O seu olhar estava tão fixo que eu fiquei assustado. Não sabia o que ele poderia fazer.

Mas era o meu pai, apesar de não parecer. Apesar do medo que senti, por causa do ódio que percebi nele, coloquei as minhas mãos sobre as suas, senti a grande força com que ele segurava a lâmina, demonstrando que não queria soltar. Comecei a chorar pedindo que ele não fizesse aquilo. Eu buscava o seu olhar o tempo inteiro. Em alguns momentos, ele desviava a atenção fixa no punhal e olhava nos meus olhos e era como se não me reconhecesse. A testa estava franzida e caía lágrimas dos olhos dele. Após alguns instantes de apelo, o seu semblante começou a mudar. Senti que ele estava voltando e recobrando consciência. As mãos deixaram de fazer força no punhal e eu o tirei calmamente da mão dele e o abracei. Saí do quarto, pedi ajuda de outras pessoas, fiz algo pra ele comer, ele tomou um banho e dormiu.

Os bons momentos com o meu pai iam ficando cada vez mais escassos. O vício no álcool parecia estar levando o melhor dele. Apesar da melhora do braço doente, após buscar ajuda de uma rezadeira, ele quase não sorria mais. O seu braço já não era mais o mesmo também. Estava com os movimentos limitados. Ele vivia sério e cabisbaixo. Andava sempre olhando para baixo como se estivesse com vergonha de algo. Todo dinheiro que chegava até ele era usado para bebida. Ele mentia e já não conseguia se livrar do vício. O seu aspecto quase sempre era de um homem triste. Tornou-se mais silencioso, embora eu pudesse sentir o seu grande carinho por mim, também parecia sentir um grande arrependimento, mas não conseguia expressar os seus sentimentos. Era um homem muito fechado em si mesmo.

Durante esses anos em que vivi com meu pai, continuei vendo a minha mãe com frequência, pois ela ainda viajava de Juazeiro a Sento-Sé transportando pessoas. Ela tentava me convencer a ir morar com ela, mas eu era muito apegado ao meu pai. Até que um dia eu decidi ir morar com ela e minhas irmãs. Anos depois lembro-me que meu pai foi nos visitar em Juazeiro. Ficou alguns dias em nossa casa, num período em que minha mãe estava viajando. Mas nossa relação já não era mais a mesma. Tínhamos nos distanciado fisicamente

e afetivamente. Eu sabia do grande amor dele por mim e por minhas irmãs, mas tudo havia mudado.

Mais alguns anos depois, recebemos uma ligação de Sento-Sé, era da minha tina Zilda. Ela chorava e, desesperada, dizia que meu pai tinha sentido uma forte dor no peito quando estava trabalhando de pedreiro em uma obra. No momento da ligação ele já havia sido encaminhado para o hospital, que era muito precário, e precisaria ser transferido para o hospital de Juazeiro às pressas. Na segunda ligação que a minha tia fez, ela chorava e disse que ele não havia resistido e faleceu. Morreu muito jovem, aos 48 anos de idade, vítima de um infarto agudo. Suas últimas palavras foram lamentos, ditos ao meu tio, de que não queria morrer.

Dagoberto Alves de Carvalho, um homem negro, nordestino, analfabeto e que não teve muitas oportunidades na vida. Não conseguiu ficar na escola, pois começou a trabalhar muito cedo. Desde a infância teve que executar serviços braçais, com o uso da força. Após o contato com a obra de Lima Barreto, aos poucos, as lembranças do meu pai ressurgiram. Ao ler *Recordações do Isaías Caminha*, notei muitas semelhanças com a minha figura paterna. Isaías, Dagoberto e o próprio Lima Barreto são filhos de ancestralidades machucadas pelo racismo doentio que veio junto com a colonização. Em suas existências havia o que considero uma angústia na vida. O desejo suicida de meu pai, que tantas vezes o levou a querer tirar a própria vida, parecia, de certo modo, estar ligado a uma profunda falta de amor e ausência de vontade de viver, talvez frutos de diversos traumas que não haviam sido curados. Mas não só isso, existia a falta de perspectivas, de recursos, o desemprego e toda a precarização que viviam, sem falar o fato de serem homens negros vivendo em um tempo em que o racismo era ainda mais naturalizado. A morte parece tentadora quando o desespero não pode ser superado. Quando não se encontra a cura para as dores da alma.

Em 16 de julho de 1908, no *Diário Íntimo*, Lima Barreto escreveu:

Desde menino, eu tenho a mania do suicídio. Aos sete anos, logo depois da morte de minha mãe, quando eu fui acusado injustamente de furto, tive vontade de me matar. Foi desde essa época que eu senti a injustiça da vida, a dor que ela envolve, a incompreensão da minha delicadeza, do meu natural doce e terno; e daí também comecei a respeitar supersticiosamente a honestidade, de modo que as mínimas coisas me parecem grandes crimes e eu fico abalado e sacolejante. Deu-me esse acontecimento, conjuntamente com a vida naturalmente seca e árida dos colégios, uma tristeza sem motivo, que é fundo de quadro, mas pelo qual passam bacantes em estertores de grande festa. Outra vez que essa vontade me veio foi aos onze anos ou doze, quando fugi do colégio. Armei um laço numa árvore lá do sítio da ilha, mas não me sobrou coragem para me atirar no vazio com ele ao pescoço.

Nesse tempo, eu me acreditava inteligente e era talvez isso que me fazia ter medo de dar fim a mim mesmo.

Hoje, quando essa triste vontade me vem, já não é o sentimento da minha inteligência que me impede de consumir o ato: é o hábito de viver, é a covardia, é a minha natureza débil e esperançada.

Há dias que essa vontade me acompanha; há dias que ela me vê dormir e me saúda ao acordar.

Estou com vinte e sete anos, tendo feito uma porção de bobagens, sem saber positivamente nada; ignorando se tenho qualidades naturais, escrevendo em explosões; sem dinheiro, sem família, carregado de dificuldades e responsabilidades.

Mas de tudo isso, o que mais me amola é sentir que não sou inteligente. Mulato, desorganizado, incompreensível e incompreendido, era a única coisa que me encheria de satisfação, ser inteligente, muito e muito! A humanidade vive da inteligência, pela inteligência e para a inteligência, e eu, inteligente, entraria por força na humanidade, isto é, na grande humanidade de que quero fazer parte.

Mas não é só não ser inteligente que me abate. Abate-me também não ter amigos e ir perdendo os poucos que tinha. [...]

Eu fico só, só com os meus irmãos e o meu orgulho e as minhas falhas.

Vai me faltando a energia. Já não consigo ler um livro inteiro, já tenho náuseas de tudo, já escrevo com esforço. Só o Álcool me dá prazer e me tenta. . . Oh! meu Deus! Onde irei parar?

Tenho um livro (trezentas páginas manuscritas), de que falta escrever dois ou três capítulos. Não tenho ânimo de acabá-lo. Sinto-o besta, imbecil, fraco, hesito em publicá-lo, hesito em acabá-lo.

É por isso que me dá gana de matar-me; mas a coragem me falta e me parece que é isso que me tem faltado sempre (2021, p. 550-551).

Nesta triste confissão, Lima expressa um dos seu sentimentos mais tristes e destruidores: a vontade de se matar que o acompanha desde a infância. Fala da sua imensa sensibilidade que faz com que sinta em demasia os acontecimentos. Sentia-se deslocado nos ambientes. As tentativas de suicídio acontecem na busca por encontrar um refúgio frente a uma vida marcada por faltas e sobrecargas. Importante ressaltar, também, a baixa auto-estima que o faz duvidar da própria capacidade e inteligência, ele fala da solidão, do abandono dos amigos. Expressa a sua falta de energia, o refúgio no álcool, a auto-depreciação. Ele vê falhas em si mesmo que o levam a desejar a morte.

Quando li esse desabafo do autor, lembrei do meu pai. A sua história e a de Lima Barreto se cruzam em vários aspectos. O racismo que ambos sofreram, a pobreza, o sentimento de impotência frente a uma realidade difícil, os surtos psicóticos, as emoções perturbadoras que foram minando a saúde física e mental de ambos. Lima, diferentemente do meu pai, era um homem instruído, conseguiu, a duras penas, adquirir formação e pôde usar o seu conhecimento para combater o que tentava minar a sua existência. Dagoberto, como

tantos outros homens negros, teve uma vida silenciosa e sofreu as agruras de um tratamento desigual, da ausência de oportunidades, além de tanta precariedade, em silêncio, conformado ao sofrimento, pois não pôde problematizar o racismo.

Apesar de ser um homem de pele branca, estou aqui como descendente do meu pai, é este o lugar que também ocupo: o de filho de um homem negro retinto que foi mais uma vítima do racismo estrutural que tantas pessoas insistem em dizer que não existe, tendendo a culpabilizar as pessoas, através de uma visão reducionista que não considera o contexto histórico de violência racial nesse país. Ao fazer essa consideração não quero deixar de responsabilizar indivíduos, ou meu pai, pelas más escolhas que fizeram. Não é disso que se trata. O que quero chamar a atenção é que os sofrimentos psíquicos desses homens, e de todas as pessoas, não podem ser desvinculados de contextos sociais mais amplos. As semelhanças entre meu pai e Lima Barreto não são por acaso. Refletir sobre elas me remete a pensar em como o racismo estrutural e toda uma história de violências e desigualdades são potentes condicionantes na vida das populações negras.

A história de vida de meu pai, narrada com brevidade nessas páginas, é mais do que uma inspiração dessa pesquisa, ela ajuda a observar os efeitos do racismo estrutural. Este minou as suas referências ancestrais, sequestrou o seu passado, inviabilizou o seu futuro e aproximou a sua vida da do escritor Lima Barreto. De certo modo, a voz do escritor também ecoa os gritos de sofrimento do meu pai. Penso que as palavras de Lima fazem justiça ao passado sofrido de Dagoberto. Irmanados por dores indizíveis e vitimados por sofrimentos semelhantes, é em literaturas como a barreteana em que vamos ter a resistência necessária à superação de tantas situações aviltantes. Pela grande importância e poder das suas obras, Lima Barreto pode ser considerado um dos expoentes da literatura negra brasileira.

1.5 A potência da literatura negra de Lima Barreto

De acordo com a professora de literatura Luiza Brandino (2021):

O conceito de literatura negra consolidou-se em meados do século XX, com o surgimento e o fortalecimento dos movimentos negros. A pesquisadora Maria Nazareth Soares Fonseca pontua que a gênese das manifestações literárias negras em quantidade deu-se na década de 1920, com o chamado Renascimento Negro Norte-americano, cujas vertentes – Black Renaissance, New Negro e Harlem Renaissance – resgatavam os vínculos com o continente africano, desprezavam os valores da classe média branca americana e produziram escritos que constituíram importantes instrumentos

de denúncia da segregação social, bem como direcionavam-se à luta por direitos civis do povo negro. Segundo Fonseca, foi essa efervescente produção literária a responsável pela afirmação de uma consciência de ser negro, que depois espalhou-se para outros movimentos na Europa, Caribe, Antilhas e diversas outras regiões da África colonizada.

Apesar de, como todo campo de saber, a literatura negra ser um lugar de tensões e disputas, ele se caracteriza, sobretudo, como um universo que permite romper silenciamentos históricos e trazer visibilidade às narrativas e sentimentos das existências negras que sofreram apagamentos pelos diversos racismos e preconceitos históricos. Lima Barreto não se calou, apesar das tentativas da intelectualidade de seu tempo de bani-lo, como afirmam Schwarcz (2017) e Barbosa (2017). A arte literária parece funcionar, para ele, como um processo terapêutico em que se coloca para fora os demônios internos. Ao externalizar os seus inconformismos através da escrita, talvez estivesse aliviando toda a pressão do seu interior, daí o seu fascínio pela literatura, como se ela expressasse um elemento essencial à sua existência, um mecanismo de sobrevivência frente a uma realidade que o oprime.

A historiadora Luciana Hidalgo (2008) vai caracterizar essa escrita como “literatura de urgência”, isto é, um escrito que emerge da dor, das emoções e sentimentos inconfessos devido aos sufocamentos provocados pelas estruturas de opressão de uma sociedade que não se libertara do espírito escravocrata e colonial. Esse tipo de literatura se relaciona à visão dos grupos subalternizados, àqueles que têm a urgência de terem as suas vozes ouvidas. Ao expressarem os seus sentimentos e anseios esperam por compreensão, por alguém que os escute. Através desse tipo de escrita diversos fenômenos podem ser manifestados e ajudar a refletirmos sobre a sociedade²². Tal como Lima Barreto, percebo a literatura como uma incrível ferramenta de reflexão sobre os processos sociais. Cruz (2017, p. 9) afirma:

Mais revelador, talvez, seja explorar as possibilidades de interação e complementaridade entre a obra sociológica e a obra literária – mesmo porque a literatura, como toda forma artística, não se limita à constatação da realidade, mas se dedica à extrapolação figurada do que é objetivamente possível, desvelando não apenas o contexto existente, como também as utopias e distopias projetadas.

Ao discorrer sobre a relação de complementaridade entre literatura e sociologia, Cruz se aproxima do pensamento de Wolf Lepenies (1996), para quem a literatura, em sua plenitude seria a arte que pode se aproximar da vida, até mais do que a própria ciência, pois a arte possibilita a ampliação das nossas experiências ao nos conduzir para além das relações

²² Entendimento semelhante parece haver nos esforços de pesquisa de Raphael de Souza Cruz (2017), que também tem pensado nas potencialidades do diálogo entre literatura e ciências sociais.

peçoais e aprofundar o conhecimento de nossos semelhantes. Ambos os autores, tal como Lima Barreto, reforçam a grande potência da arte literária que não só pode representar a realidade social e metaforizá-la, como pode ir muito além, criando imagens e formas de expressão que tornam possível aprofundar mensagens e compreensões sobre os fenômenos e dilemas humanos.

Ao acreditar na importância da articulação entre literatura e ciência compartilho do pensamento de Edgar Morin (2005) que no livro *Amor, Poesia e Sabedoria* defende o rompimento das fronteiras entre objetividade e subjetividade, convidando-nos à dimensão mais poética da vida que, muitas vezes, é obliterada pela prosa que empobrece as experiências. A literatura permite a dissolução dos limites entre as áreas, ela é capaz de desafiar a ingenuidade de uma pretensa neutralidade científica que, na verdade, tem muito de ilusão. A escrita literária não expulsa a parcialidade, por isso se compatibiliza com um viés qualitativo de fazer pesquisa. Nesta perspectiva, as muitas marcas e vieses que existem no olhar do pesquisador não são negadas, mas reconhecidas e incorporadas na análise. Assume-se a parcialidade das interpretações.

1.6 Escrita ensaística e pensamento complexo: breves notas sobre a liberdade na escrita do texto

Devido aos diversos elementos subjetivos deste trabalho, optei por utilizar o ensaio como gênero de escrita porque me possibilita maior liberdade para refletir sobre os temas abordados. De acordo com Alves (2000, p. 14-15), o ensaio: “tem como característica permitir maior liberdade conceitual e possibilitar um espaço mais amplo para o exercício criador e inovador, mesmo em áreas ‘não-literárias’”. O ensaio tem características próprias e peculiares, de acordo com o autor é mais flexível na abordagem ou análise de um tema ou problema. Este gênero se torna um excelente meio de suscitar questões sem necessariamente recorrer à sistemática tradicional de elaboração de trabalhos científicos (ALVES, 2000, p. 16). Cada ensaio possui a sua própria configuração e realiza um caminho muito particular de construção do resultado, mesmo que não seja o esperado e esteja repleto de desmantelos. Isso se dá devido ao seu caráter eminentemente experimental, que não exige perfeição (ALVES, 2000, p. 16).

Usando como referência a ensaística de Theodor Adorno, Duarte (1993, p. 19) aponta o ensaio como uma forma de expressão intelectual, que pressupõe que a filosofia - e aqui interpreto como as ciências de modo geral - não pode abarcar a totalidade do real. Duarte

interpreta a ensaística de Adorno como relacionada à liberdade de espírito, mas que não é bem vista pela forma de pensar tradicional e positivista (1993, p. 24).

Na verdade, o núcleo de verdade das coisas encontra-se muito mais escondido por trás dos fatos, do que o positivista pode sequer imaginar, o que exige do intérprete, muito mais do que rigor classificatório, a espontaneidade da imaginação subjetiva. Tal valorização dos elementos subjetivos, banidos ou sublimados na ciência oficial, leva a um *quid pro quod*, segundo o qual o ensaio seria uma forma mais dependente da arte do que do pensamento conceitual. Até mesmo autores sabidamente distantes do positivismo, como o jovem Lukács, cometeram o engano de listar o ensaio enquanto forma artística (DUARTE, 1993, p. 24).

O ensaio não é uma forma fechada. É incompatível com a definição de certezas ou rigidez, sendo compatível com a metodologia de análise de conteúdo e com a pesquisa qualitativa, pois estas últimas se voltam para subjetividade, que também equivale a uma busca, que possui indefinições inerentes aos próprios fenômenos humanos. Trata-se de um gênero anti-sistema e que oferece uma crítica à ordem. Ele evita definições estanques e caminha pela “não-identidade”, pois considera como o mais importante a “abertura essencial da experiência” (DUARTE, 1993, p. 26). Há uma felicidade diante do tema abordado, que pode dar mais de si do que se estivesse submetido imperiosamente à ordem das ideias (DUARTE, 1993, p. 28).

Lago Junior (2000, p. 5) expressa uma consideração sobre o ensaio que é compatível com o caminho seguido no desenvolvimento e escrita dessa pesquisa:

O trabalho do ensaísta se inicia e termina nos limites de sua experiência pessoal e do esforço que seu espírito realiza para encontrar e formular ideias adequadas. Isso equivale a dizer que a ensaística, não raro, é uma composição escrita em prosa na qual o escritor estuda, discute e desenvolve um tema ou propõe ideias sem nenhuma pretensão de esgotar o assunto. Dessa perspectiva, o ensaísta passa por um processo de reflexão e de apreensão de ideias e materiais alheios e próprios com longos cuidados de quem capta, aclara e escreve, valendo-se de argumentos que fundamentam as questões estudadas.

O ensaio é uma ciência da interpretação, responsável por estabelecer conexões. O trabalho envolve formas livres de análise e interpretação das anotações das informações que surgem no decorrer das leituras, como se estivesse garimpando tesouros. O ensaísta ao analisar os significados das questões suscitadas no seu material, submete-as a indagações profundas, recriando as próprias interpretações, pegando emprestado pontos de vista de outros, além das suas conversas interiores, dos diálogos imaginários que tece com outros

autores e com os pensamentos que surgem ao longo do processo criativo. Nesse exercício, há o livre exame, reflexão profunda, crítica e paciência na busca por compreender fenômenos. Do ensaísta também se pede emoções (LAGO JUNIOR, 2000, p. 5-6).

[. . .] a arte ensaística é considerada um gênero literário que trata de um quadro de referências uni ou multidimensional com variadas possibilidades de entrelaçamento de diversas visões intelectuais. Temas que convidam à liberdade de interpretação porque apresentam muitos planos de leituras, justapondo opiniões próprias e alheias em graus variáveis de percepção e compreensão. (LAGO JUNIOR, 2000, p. 7).

Ao trazer um pouco da minha vida pessoal, ao falar da história de vida de meu pai e de como ela foi fonte de inspiração e motivação para pesquisa, penso estar usando dessa liberdade criadora que permite o envolvimento entre pesquisador e pesquisado. Tento não assumir a perspectiva positivista da ciência tradicional. As emoções de Lima Barreto expressas em seus escritos, me atravessam e me afetam. Identifico-me em diversos momentos com ele, por vezes, vejo o meu pai refletido e em outros momentos vejo a mim mesmo. Esse entrelaçamento, de certo modo, ajuda-me a refletir sobre o tradicional dualismo sujeito e objeto. Ao optar pela pesquisa qualitativa, dentro do universo epistemológico da complexidade e por uma escrita ensaística, tento dar vazão à liberdade que é compatível com a literatura e a arte, de modo geral. O ensaio teórico que me propus a fazer sobre a literatura de Lima Barreto requer esse lugar de liberdade e abertura, sobretudo para a possibilidade de cometer erros e extravasamentos que desencadeiam a mistura entre pesquisa e pesquisador.

Meneghetti argumenta que:

Este é o espírito do ensaio-teórico, a relação permanente entre o sujeito e objeto, um vir-a-ser constituído pela interação da subjetividade com a objetividade dos envolvidos. (2011, p. 321).

De acordo com este pensamento, os ensaios teóricos são para espíritos livres e não dominados pelos formalismos da ciência. O ensaio rompe com a lógica, e sistemática, ciência positivista. O seu rigor está na capacidade reflexiva para compreender e interpretar a realidade (MENEGHETTI, 2011, p. 321-322). Meneghetti (2011, p. 323) aponta que “a subjetividade do ensaísta está permanentemente em interação com ele. A subjetividade é um dos elementos permanente e importante na forma como o ensaio avança como processo de conhecimento.” (2011, p. 323). As escolhas daquele ou daquela que se propõe a fazer um ensaio, muitas vezes, não estão associadas à razão, na verdade, persiste uma razão transgressora que não se

limita a modelos racionalista, em que “o autor, na própria atividade de produção, transforma-se em sujeito que cria, mas que também é criado na dinâmica de elaboração do ensaio” (MENEGHETTI, 2011, p. 224-226).

Ao escolher caminhar por essa perspectiva, penso que, nesta pesquisa sobre Lima Barreto, há um processo de troca. Os espelhos que Lima Barreto me fornece a partir de sua biografia e de sua obra faz com que eu vislumbre o meu passado e olhe para mim mesmo. Tal como Sidney Mintz (1984), ao ter um encontro com Taso e se descobrir a partir da relação que estabelecem. A minha interação com o universo barreteano proporciona a autodescoberta, o autoconhecimento, sobretudo em relação à minha ancestralidade. Transformo-me em ensaísta para poder tecer um texto que expresse o que nasce dessa troca. Meneghetti (2011, p. 328) defende que o ensaio dá autonomia para o seu autor, que não se divorcia da sua subjetividade, essa escrita de liberdade faz com que se teça uma ciência com a essência da arte e da Vida.

A escolha do ensaio como forma de expressão da pesquisa se relaciona à sua grande potência expressiva. Através dele pretendo dar ênfase à voz de Lima Barreto, como se fosse um aliado da luta que ele travou no seu tempo. Esta é uma pesquisa que se posiciona contra o racismo, que tem a pretensão de somar esforços com o “povo negro” em contar as suas próprias histórias depois de tantos séculos sendo impossibilitados por aqueles que detiveram o privilégio sobre a possibilidade de dizer, conforme explicado pela filósofa feminista negra Djamila Ribeiro, que diz:

Se pessoas brancas continuarem falando sobre pessoas negras, não vamos mudar a estrutura de opressão que já confere esses privilégios aos brancos. Nós, negras e negros, seguiremos apartados dos espaços de poder. E nossa luta existe justamente por causa dessa separação. De modo que não podemos seguir apartados do movimento formado para combater justamente isso (RIBEIRO, 2018, p. 55).

Como homem branco, eu ocupo lugares de privilégio historicamente construídos. Mas também estou no lugar de quem teve a sua ancestralidade machucada pela insanidade do racismo. Esse estudo, para mim, tem um profundo caráter formativo, de desconstrução e de questionamento dos lugares de poder da ciência. Djamila Ribeiro (2018, p. 55) aponta que:

Como disse Pierre Bourdieu no artigo “O campo científico”, “A ciência neutra é uma ficção. Uma ficção interessada”. Quem possui privilégios sociais tem interesse em criar mecanismos para mantê-los, seja pela ciência, pela arte ou pela educação. Lélia Gonzalez, intelectual e feminista negra,

aborda essa questão em suas obras. Criticando a ciência moderna como padrão exclusivo para a produção do conhecimento, ela vê a hierarquização de saberes como produto da classificação racial da população, uma vez que o modelo valorizado e universal é branco.

Pensando nas reflexões da filósofa feminista Donna Haraway (1995) este é um texto localizado, de um saber construído das parcialidades - e subjetividades - que atravessam o pensamento do pesquisador, que caminha por abismos em busca de uma forma de “dizer”, que seja menos colonial²³, menos branca, e que permita dar vazão a vozes esquecidas nas brechas do tempo e silenciadas pelas malhas do Poder que obliterou a aparição da “razão negra”.

Trabalhar com literatura negra, evocando os escritos de Lima Barreto é uma maneira eficaz de se construir uma ciência comprometida com as minorias e as populações silenciadas pelos discursos hegemônicos e majoritariamente brancos. Esta é uma das motivações dessa pesquisa, não somente ajudar a pôr fim aos silenciamentos das epistemologias e narrativas subalternizadas, mas contribuir para a construção de um saber científico comprometido com as minorias sociais.

Esses sentimentos e motivações ajudaram na definição do tema de pesquisa, que está atravessada por assuntos de primordial importância no que se refere ao contexto sócio-político brasileiro. Afinal, o nosso racismo cotidiano tem deixado muitas marcas, ceifado muitas vidas e aprofundado ainda mais o fosso das desigualdades sociais que tanto caracteriza o nosso país²⁴. Além disso, quando pensamos o racismo em relação com a loucura, ou mesmo com a saúde mental das populações negras²⁵, temos um amplo campo de debates que precisam ser

²³ “Esta brutal investida fora da Europa ficará conhecida pelo termo «colonização» ou «imperialismo». Sendo uma das maneiras de a pretensão europeia ao domínio universal se manifestar, a colonização é uma forma de poder constituinte, na qual a relação com a terra, as populações e o território associa, de modo inédito na história da Humanidade, as três lógicas da raça, da burocracia e do negócio (commercium). Na ordem colonial, a raça opera enquanto princípio do corpo político. A raça permite classificar os seres humanos em categorias distintas supostamente dotadas de características físicas e mentais específicas. A burocracia emerge como um dispositivo de dominação; já a rede que liga a morte e o negócio opera como matriz fulcral do poder. A força passa a ser lei, e a lei tem por conteúdo a própria força.” 105-106 (MBEMBE, 2014, p. 105-106)

²⁴ Segundo a Associação dos Docentes da UESB (ADUSB): “Informalidade, baixos salários, pobreza. Em mais uma demonstração do gritante racismo estrutural existente no Brasil, estudo do IBGE, divulgado nesta quinta-feira (12), revela que a população negra enfrenta os piores índices sociais no país. (...) Com base nos dados da PNAD Contínua 2019, o estudo Síntese de Indicadores Sociais mostra que a situação no mercado de trabalho, a renda e as condições de moradia são desiguais conforme a cor e raça dos brasileiros. Pretos e pardos têm maiores taxas de desocupação e informalidade do que brancos, estão mais presentes nas faixas de pobreza e extrema pobreza e moram com maior frequência em domicílios com algum tipo de inadequação” (Disponível em: <https://adusb.org.br/web/page?slug=news&id=10775&pslug=#YkHF5HLISUk> Acesso em: 28/03/2022).

²⁵ Segundo Damasceno e Zanello: “Opressão, agressão e violência são práticas que afetam a saúde mental da pessoa alvo. O racismo, como crença na superioridade de algumas raças sobre outras, que justifica a desigualdade entre os grupos, é uma forma de opressão, de agressão e de violência”

realizados com urgência a fim de que possamos fortalecer o compromisso com a luta antirracista. Com a definição do tema desta pesquisa-ensaio, posicione-me como um parceiro dessa pauta.

Na busca por tentarmos construir uma pesquisa e escrita antirracistas devemos falar através de linguagens com marcadores e enquadramentos que fogem às epistemologias dominantes, mas sem perder a liberdade de dançar pelo conhecimento, sem negar ou rejeitar fontes importantes para as reflexões. Nessa construção, é salutar trazer à baila os saberes subalternizados²⁶. É preciso termos sempre em mente os silenciamentos históricos dos (as) intelectuais negros e negras que fizeram com que a ciência fosse em grande medida dominada por referenciais brancos.

Trazer à tona uma discussão sobre literatura negra, tal como a do escritor Lima Barreto, é um importante passo na empreitada de gerar alternativas às epistemologias dominantes. Acredito se tratar de um processo de “escurecimento dos saberes”, quase sempre oriundos de uma matriz branca e europeia, que moldaram a ciência através de mecanismos de poder dos colonizadores ocidentais. Este movimento requer o passeio por formas de imaginar e olhar que destoam das matrizes hegemônicas, a ensaística tem esse potencial.

Esse lugar de deslocamento é oferecido pelas ciências da complexidade. As “epistemologias do imaginário”, que podem ser inseridas no pensamento complexo, podem nos direcionar para a linguagem poética que possibilita a transcendência do conhecimento que, muitas vezes, está preso às grades disciplinares. A complexidade nos motiva a seguir dançando pelos saberes, fazendo da ciência também uma música divertida e prazerosa de se ouvir. A “transcendência do pensamento” é uma maneira de ir além dos cânones acadêmicos ocidentais. Ensaiai sobre a literatura negra levou-me a caminhar além da racionalidade branca e europeia, como se estivesse a romper com a “história única” de que nos fala Chimamanda Ngozi Adichie (2019).

Discorrer sobre literatura negra, sobretudo a afiada produção barreteana é seguir por uma perspectiva transgressora, indócil, que quebra grilhões forjados por aqueles que sempre dominaram a palavra. É fazer algo parecido com os intelectuais subalternizados fazem: fugir da “metrópole”, para que floresçam os saberes mortificados pelo Poder. Esse lugar de

(DAMASCENO, ZANELLO, 2018, p. 450). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/gPSLSxDcHDhDccZgpk3GNVG/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 28/03/2022.

²⁶ A noção de subalternidade que evoco nesse texto está inspirada nas reflexões de Gayatri Spivak (2010), para quem quiser acessar essa discussão, sugiro a leitura do texto que está indicado nas referências.

resistência requer a ajuda daqueles que foram proibidos de tecer o conhecimento, os “outros” inconcebíveis e intoleráveis, portadores de “linguagens malditas”. Djamila Ribeiro (2017, p 19) salienta que o colonialismo foi responsável por criar, legitimar e deslegitimar certas identidades. A autora aponta que os poderes que articulam essas identidades são oriundos de uma estrutura de opressão que privilegia alguns grupos em detrimento de outros.

Deslocar-se dos lugares de hegemonia de produção discursiva é estar nas margens, imerso em lugares considerados sujos e legados ao esquecimento. Para romper com as epistemologias que por tanto tempo dominaram a produção do discurso intelectual, é necessário esforços que rompam com os saberes petrificados por estruturas de dominação repletas de naturalizações racistas e preconceituosas. Quando Djamila Ribeiro (2017, p. 32) discute sobre o “lugar de fala”, há um importante questionamento sobre quem tem o poder de falar. Esta é uma problematização fundamental se quisermos romper com os monopólios científicos que marcam a nossa história a fim de que possamos acessar as subjetividades negadas e as vozes silenciadas.

Na obra de Lima Barreto aparece o resgate das subjetividades pretas. Este escritor se torna, no fim do século XIX e início do século XX, um verdadeiro expoente que irradia uma farta produção discursiva negra. Lima figura como um dos integrantes dessa literatura negra, sendo responsável também por dar forma e consistência a esta categoria, uma vez que, foi através dos seus escritos que ele estabeleceu um rico arsenal literário que traz de maneira contundente as experiências do “ser negro” em uma sociedade racista e preconceituosa.

Além de Lima Barreto, outros nomes da literatura emergem na construção de novos saberes que dão vazão a saberes oriundos das margens. Em *A Escrava*, de Maria Firmina dos Reis, é descrita com muita sensibilidade o itinerário de uma mulher, a escrava Joana, que sofre a ponto de enlouquecer. De modo semelhante, em *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo nos apresenta uma personagem ferida pelo passado constituído de dor, perdas e tristezas que engendram um presente encoberto por véus de memórias que minam qualquer tipo de realização pessoal ou felicidade. Stella do Patrocínio também traz a experiência do sofrimento e do aprisionamento que mina a vida dos sujeitos, que impede a alegria. A situação da vida dessas três mulheres nos ajudam a perceber a construção de subjetividades pretas em contextos de opressão e mortificação da identidade.

Lima Barreto e as demais autoras nos convidam a um lugar peculiar para pensar criticamente a sociedade brasileira, por uma via que foge aos discursos dominantes e hegemônicos. Tais escritores (as) são importantes fontes de inspiração metodológica, sobretudo, devido à potência política que os seus escritos e as suas biografias evocam.

Percebe-se indocilidade, voracidade e força capazes de desencadear potência política. Como se essa literatura engendrasses força crítica e de luta contra as desigualdades, injustiças sociais e os fenômenos responsáveis por produzir sofrimentos e adoecimentos.

Ao entrar nesse campo cercado de tantas dores e traumas, o ensaísta precisa tentar se aproximar o máximo possível de um “olhar abjeto”. De uma “forma de ver” e “dizer” conformada por marcadores sociais produtores de sofrimento. Na pesquisa, esse é o exercício de uma sensibilidade antropológica que tem como base a alteridade. Não se trata de “ser como o nativo” ou “sentir como ele”, pois sabemos que isso não é possível, mas de se aproximar dele, o suficiente para ser impregnado, tocado e afetado. Quem sabe, assim, possibilitar que a sua visão, escrita e inteligibilidade se misturem com aqueles dos subalternizados, pretos, pobres e loucos. Essa perspectiva se aproxima do que tem defendido Orivaldo Pimentel Lopes Jr ao se referir às parcerias do conhecimento²⁷.

Para finalizar esse capítulo metodológico, gostaria de salientar que trabalhar com literatura, na tese, permite um certo encantamento. Talvez pela possibilidade de se deixar que a magia das palavras e dos sentimentos nos afetem, a ponto de provocar deslocamentos, desestabilizações e também fascínio. Rubem Alves (2017) ao interrogar sobre “o que é científico”, chama a atenção para essa dimensão do fascínio, espécie de feitiço que nos convida a dançar sempre outras danças e quebrar os feitiços que nos impelem à dança única.

Lidar com as literaturas pretas, com os “escritos negros” é também adentrar em linguagens repletas de silêncios, afetos, angústias, resistências e urgências de escritores e escritoras que fazem da vida a pena de sua escrita, escrevivências, para lembrar do importante conceito de Conceição Evaristo (2020). Refletir sobre o racismo e a loucura na literatura de Lima Barreto por si só já me parece uma perspectiva extremamente transgressora. Pensar a realidade social com o auxílio dessas fontes já é provocar fissuras nas epistemologias hegemônicas. Ter como referencial teórico autores e autoras negras e mergulhar na literatura negra é um convite a esta outra dança capaz de quebrar feitiços que já duram tanto tempo.

As vozes negras nas obras selecionadas, os ecos da loucura, os excessos, faltas e impossibilidades das vidas pretas manifestadas na literatura de Lima Barreto, são trazidos à baila para ajudar com o rompimento de silenciamentos históricos. O testemunho de Lima Barreto, com a sua narrativa crítica e afiada, que reflete uma vida de muitas batalhas contra os sistemas de opressão e em benefício dos excluídos é o grande tesouro que as minhas palavras podem ajudar a revelar cada vez mais.

²⁷ Ver: LOPES JÚNIOR, Orivaldo Pimentel. O espelho de procrusto: ciência, religião e complexidade. Natal, EDUFRN, 2013. (The mirror of Procrust: science, religion, and complexity).

Na pesquisa, há o entendimento de que literatura, vida e realidade estão imbricadas e que a arte tem carne, sangue e sentimentos, sobretudo uma arte comprometida em tecer a vida em palavras, tal como demonstra a experiência de Lima. A aproximação com a perspectiva da Complexidade, a busca pela expressão ensaística e a tentativa do exercício de uma sensibilidade baseada na alteridade são caminhos metodológicos para tornar esta pesquisa mais livre, menos colonial e mais distante das matrizes de pensamento hegemônicas.

O discurso artístico, seja na pintura ou na escrita, diferentemente daquilo que postula o cientificismo positivista, quando é atrelado à ciência permite que esta dance. A filósofa Isabelle Stengers (2016) diz que uma ciência triste é aquela que não dança. Penso que o diálogo entre literatura e ciência para tratar dos fenômenos da vida social também tem o potencial de criar uma dança, com movimentos e forças que desestabilizam, desconstroem e recriam.

Que este texto seja uma aventura pelo universo da arte literária em diálogo com teorias sociais sem perder a inspiração ensaística que torna mais leve e bela mesmo as temáticas mais difíceis. Apesar da grande seriedade do tema e da sua importância primordial para os debates políticos e sociais do presente, que não falte uma dose de imaginação, leveza e poesia a fim de que possamos, quem sabe, trazer mais harmonia para esses tempos de agonia que, por vezes, quase nos roubam a esperança, não fosse a fé que alimenta o coração e rega as nossas resistências cotidianas. Que a vida e o testemunho de Lima Barreto nos inspirem e nos deem coragem de lutar contra as situações de violência, racismo e preconceito que persistem entre nós.

2. UMA VOZ SOLITÁRIA EM UMA SOCIEDADE RACISTA: BIOGRAFIA E CONTEXTO HISTÓRICO DE LIMA BARRETO

Não quero morrer, não; quero outra vida.
(BARRETO, 2021, p. 686)

2.1 Da infância à vida adulta: contexto histórico e alguns dos acontecimentos que marcaram a vida de Lima Barreto

Este capítulo tem como objetivo a introdução de alguns elementos biográficos de Afonso Henriques de Lima Barreto, bem como refletir sobre o seu contexto histórico, além de alguns aspectos importantes para a compreensão do seu estilo de literatura. Não tenho como meta aprofundar na biografia do autor, sobretudo, porque já existem duas biografias extremamente ricas escritas por pesquisadores que já se debruçaram sobre Lima há muitos anos. Inclusive, foram essas obras que também me serviram de fonte para a escrita deste texto, as já citadas biografias escritas por Francisco de Assis Barbosa (2017) e a de Lilia Schwarcz (2017). Além dessas fontes recorri a outros materiais que ajudam a compreender quem foi Lima Barreto e a contextualizar a sua obra literária no final do século XIX e início do século XX. Neste momento, é importante nos perguntarmos: quem foi Lima Barreto?

De acordo com Francisco de Assis Barbosa (2017, p. 41-42), Afonso Henriques de Lima Barreto, nasceu em uma sexta-feira, 13 de maio de 1881, na data em que se comemora Nossa Senhora dos Mártires – embora o seu pai, João Henriques (1830-1905), fosse devoto de Nossa Senhora da Glória – na Província do Rio de Janeiro. O pai de Lima Barreto era um tipógrafo, alforriado, que trabalhava incansavelmente para sustentar a sua família. Ele desistiu de estudar medicina, pois seus planos foram tragados pelas difíceis condições de sua vida e de sua família. Não era nada fácil a condição de vida dos negros naquele período.

João Henriques era filho de uma escrava e de um madeireiro português, sua mãe era a escravizada Carlota Maria dos Anjos, o seu pai, como era de costume entre os brancos que tinham “relações de ocasião” com as escravizadas, não assumiu a paternidade de João Henriques. Como uma mulher negra, escravizada e abandonada pelo progenitor do seu filho, Carlota dos Anjos ficou sozinha, sendo levada a uma vida de prostituição e violências²⁸. O sonho de João Henriques era ser doutor, ele acreditava muito na educação como uma maneira

²⁸ No romance *Clara dos Anjos*, são perceptíveis as referências que Lima faz à história de vida da sua avó paterna, destacando o papel de inferiorização das mulheres negras escravizadas que eram, muitas vezes, seduzidas por homens brancos, violentadas, estupradas e, em seguida, abandonadas. As precárias condições de vida faziam com que elas tivessem que se prostituir para sobreviver, muitas delas contraindo doenças venéreas e morrendo no abandono.

de transformar a vida das pessoas. Como não pôde realizar os seus sonhos, colocou as suas esperanças nos filhos, por isso a sua grande preocupação em investir na educação de Lima Barreto (SCHWARCZ, 2017, p. 46).

A mãe de Lima, Amália Augusta (1862-1887), era filha de uma mulher negra escravizada e agregada da família dos Pereira de Carvalho. Augusta possuía uma saúde frágil, por isso, João Henriques vivia se sacrificando para cuidar dela. Amália logo deixou de lecionar para cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos. A sua saúde piorava dia após dia, até que morreu em dezembro de 1887, vítima de uma tuberculose galopante. Aos 35 anos, João Henriques ficou viúvo, com quatro filhos pequenos para criar. Lima teve três irmãos: o mais velho, Carlindo, e os mais novos, Evangelina e Eliézer. É de extrema importância destacar que a morte prematura da mãe de Lima, em 1887, deixou uma grande sombra no seu coração (BARBOSA, 2017, p. 41-42).

Amália Augusta havia nascido no Rio de Janeiro e era filha da escravizada alforriada Geraldina Leocádia da Conceição e neta da escravizada Maria da Conceição que, por sua vez, era “cria” da família dos Pereira de Carvalho, tendo sido trazida da África em um navio negreiro (SCHWARCZ, 2017, p. 31). A mãe de Lima havia se tornado professora devido ao apoio da família dos Pereira de Carvalho. É possível que tenha sido filha do seu padrinho, Dr. Feliciano Pereira de Carvalho, que jamais assumiu essa ligação (SCHWARCZ, 2017, p. 31). Augusta, se beneficiou com a ampliação dos direitos educacionais no ano de 1870, pois essa mudança tornava mais possível a ascensão social, pois começava a se pregar valores como o da educação como mecanismo de acesso à liberdade. Cabendo destacar que na década de 1850 a formação para as mulheres se reduzia ao aprendizado de tarefas para serem boas “donas de casa” (SCHWARCZ, 2017, p. 39).

A mãe de Lima era uma das raras exceções de mulheres, sobretudo negras, que conseguiram fugir do roteiro social que as confinava em posições de submissão. Ela não era só dona de casa, tendo chegado a ser diretora de uma escola, até ter a sua trajetória impedida pela doença. Também teve uma vida de muitos sofrimentos. Sofreu paralisia das pernas após problemas em partos. Em 1884 deixou de trabalhar para se dedicar à vida doméstica (SCHWARCZ, 2017, p. 54). A debilidade em sua saúde logo trouxe a morte prematura.

João Henriques e Amália Augusta estavam casados desde 1878. Após os adoecimentos de Amália, a família mudou algumas vezes de endereço em busca de um lugar mais saudável e que possibilitasse a recuperação da matriarca. A tuberculose que contraíra ainda levava o estigma de ser um sinal hereditário, marca da suposta degeneração racial atribuída à

mestiçagem (SCHWARCZ, 2017, p. 56-57). Além de lidar com a difícil condição da doença, ainda havia o sofrimento causado pelo estigma que relaciona doenças com diferenças raciais.

Após a morte da esposa, ele se afogou em desânimo e tristeza. Também passou por muitas dificuldades financeiras. Ele trabalhava incessantemente para sustentar a família. As adversidades parecem ter fragilizado a saúde mental de João Henriques. Um luto profundo, falta de dinheiro, dívidas com agiotas, pressões intensas no trabalho e as responsabilidades com a família, sobretudo os filhos pequenos, levaram-no a surtos psicóticos (SCHWARCZ, 2017, p. 51). O seu padrinho, Afonso Celso, o havia internado, anos atrás, na Casa de Saúde e Convalescença São Sebastião. Os problemas de saúde mental só aumentaram desde então. Importante lembrarmos que, neste período, as teorias deterministas e raciais estavam em ascensão, atrelando a degenerescência da espécie humana a supostas diferenças raciais, usando uma régua perversa para separar seres humanos com base em critérios de hereditariedade. O médico Nina Rodrigues, por exemplo, falava com veemência dos “males da mestiçagem” (SCHWARCZ, 2017, p. 51-53).

Neste cenário, em que doença e raça eram aproximados por intelectuais e escolas mergulhados em perspectivas racistas, a imagem da mãe morta sempre acompanhou Lima, desde os seis anos, quando teve que levá-la ao túmulo (SCHWARCZ, 2017, p. 57-58). Diante de um ambiente de grandes desafios, e após a morte da mãe, Lima Barreto foi se tornando um menino “taciturno, reservado e tímido” (BARBOSA, 2017, p. 53). Ele se sentia frágil e indefeso. Reagia com extrema violência frente às injustiças do mundo e às incompreensões das pessoas que o cercavam. Tornou-se retraído, sem gosto para viver, desconfiava de todos, ruminava mágoas em seu coração, não brincava mais. A morte da sua mãe fez com que nascesse uma sombra em seu coração que nunca se dissipou (BARBOSA, 2017, p. 53-54).

Quando o menino tinha sete anos, a Lei Áurea foi assinada, no dia do seu aniversário. Ele assistiu com o pai aos festejos. Era um menino contemplativo, não amava os brinquedos, mas vivia a devanear, procurava a solidão dos bancos afastados para poder se entregar às leituras e aos seus pensamentos (BARBOSA, 2017, p. 60). Desde pequeno Lima devaneava no vasto tecido da sua imaginação. Vivia constrangido em meio ao luxo (SCHWARCZ, 2017, p. 25), sobretudo num contexto social em que a condição das populações pobres e negras era tão difícil. O analfabetismo era muito comum. Além disso, a linguagem social ainda era dominada pelas cicatrizes da escravidão (SCHWARCZ, 2017, p. 26). Era difícil para Lima ser feliz frente a um contexto social tão árido. Ele via de perto as lutas de seu pai. Naquela época, o escravismo tinha moldado condutas, definindo desigualdades e fazendo da raça um marcador fundamental de diferença entre seres humanos (SCHWARCZ, 2017, p. 29).

Barbosa (2017, p.42) afirma que a mão do destino conspirava contra Lima. No entanto, em meio à penumbra formada pelas desgraças familiares, o menino Lima Barreto percebia na literatura um vasto campo onde podia se encontrar com um grande prazer. Escrever não era só um momento em que ele podia ficar consigo mesmo, mas também era uma espécie de lugar em que podia exercitar a sua rica imaginação, como se o grande escritor que ele viria a se tornar estivesse em fase de germinação. Barbosa (2017, p.42) aponta que João Henriques era um homem extremamente afetuoso. Ter crescido em um ambiente familiar repleto de amor, com pais que incentivam os seus sonhos e alimentava suas pretensões intelectuais, certamente, preparou o solo onde iria florescer o escritor.

Mudanças na política fizeram com o que João Henriques perdesse o emprego de tipógrafo no *Jornal Tribuna* e na *Imprensa Nacional*, após doze anos de trabalho. O *Tribuna* fechou em 1890 após soldados invadirem a redação e matarem um jornalista. Depois do fim da carreira nos jornais (SCHWARCZ, 2017, p. 76), João Henriques atuou como administrador das Colônias dos Alienados, na Ilha do Governador, local onde passou a residir toda a família, inicialmente como escriturário e depois como almoxarife, após ter sido promovido nos primeiros meses de 1891.

Barbosa (2017, p.65) aponta que a mudança para a Ilha do Governador foi um momento de felicidade para Lima. Lá, ele não só pôde sair da vida insalubre das cidades, como passou a viver em um lugar paradisíco, roceiro, um ambiente onde poderia exercitar seus sonhos e a liberdade, ainda com a doce memória da abolição da escravidão. Na ilha, João Henriques conseguiu viver brevemente o sonho de cultivar a própria terra e produzir os próprios alimentos, isto é, de se tornar agricultor e viver da própria terra. Entristecido pela morte da esposa e pelas grandes dificuldades familiares, o pai de Lima encontrava refúgio para os seus revesses no álcool. Nessa época o jovem Lima o admirava, considera-o um amigo, além de muito inteligente e trabalhador (BARBOSA, 2017, p.70). Apesar dos problemas, pai e filho nutriam uma boa relação, de companheirismo, regada pela alegria que brotava do afeto que sentiam um pelo outro. Barbosa (2017, p.79) informa que eles até estudavam juntos, o que demonstra o grande incentivo que João Henriques dava ao seu filho.

Ao observarmos a grande força e destemor de Lima, talvez possamos relacioná-los à figura de seu pai, que não se dobrou frente às dificuldades da vida. À sua mãe também que, como vimos, era uma mulher de grande garra, tendo conseguido se instruir em um contexto social em que às mulheres era negado o acesso à educação. Lima tinha grandes referências em sua casa, pai e mãe dedicados, trabalhadores e empenhados em garantir uma vida melhor para os filhos. Este lar de amor e cuidado paterno e materno devem ter nutrido alguns dos sublimes

valores que Lima manifesta em sua escrita, sobretudo, a compaixão pelos grupos mais sofridos e necessitados²⁹.

Na Colônia de Alienados, a família Barreto pôde se deparar com a medicalização da loucura e os processos de exclusão dos indivíduos afetados por ela. A casa onde eles moravam era vasta e roceira. Lima gostou da ilha, achava que era “a própria imagem do paraíso” (BARBOSA, 2017, p. 65). Entretanto, o lugar era ainda uma roça onde habitavam moradores pobres, apanhadores de frutas silvestres, lenhadores, carvoeiros e roceiros. Por lá havia muitos ociosos, pobres e crianças espalhadas. As plantações costumavam ser atacadas pelas formigas saúvas (BARBOSA, 2017, p. 65). Cabe destacar que “as formigas saúvas” aparecem no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* para atormentar a vida do Major Quaresma. Este é um elemento que reforça a ligação da obra com a vida Lima Barreto. Policarpo também sofreu muito com as suas experiências como agricultor, percalços semelhantes acometeram a família Barreto.

Outro fato a destacar é que, quando Lima Barreto e a sua família foram morar nas Colônias dos Alienados eles já estavam se aproximando do universo da loucura, que, futuramente, iria marcar profundamente a vida do escritor e a de seu pai³⁰. Barbosa (2017, p. 74) aponta que, por viver desde cedo em um asilo de loucos, o menino Lima Barreto, extremamente sensível, foi apresentado precocemente a muitas das injustiças do mundo. Luciana Hidalgo (2008, p. 232) aponta que:

[. . .] o autor tinha apenas dez quando se viu obrigado a passar os finais de semana em casa, isto é, no hospício, após cumprir semana de estudos num colégio particular, às custas do padrinho, o Visconde de Ouro Preto. A habitação no domínio da loucura só foi interrompida quando o pai enlouqueceu, sendo precocemente aposentado, levando a família a morar no Engenho Novo. Ou seja, a loucura se avizinhou da casa durante quase três quartos da vida do escritor.

Com o correr dos anos, a situação de João Henriques se agravava, Lima Barreto terminou as aulas no Liceu e iniciou os testes preparatórios para o curso superior. João

²⁹ Ao escrever este parágrafo sobre a relação de Lima com os seus pais, percebi a semelhança que há entre ele e eu, uma vez que, tanto meu pai, Dagoberto, como a minha mãe, Maria, sempre me incentivaram a estudar. No coração deles, o caminho do conhecimento era aquele que eu deveria trilhar, por isso, regaram essa semente, fazendo grandes esforços, apesar das próprias limitações, para criarem a base que me permitiria buscar a educação como meio para transformar a mim mesmo e o mundo que me cerca. Sou profundamente grato por isso, talvez Lima também fosse.

³⁰ Possivelmente João Henriques sofria do que hoje chamamos transtorno bipolar, que se caracteriza, grosso modo, por drásticas alterações de humor (SCHWARCZ, 2017, p. 58), também conhecido como psicose maniaco-depressiva.

Henriques havia projetado nele os sonhos que não pôde realizar para si, o menino seguia os passos que o pai não pôde caminhar. Apesar da mudança de ambiente, Lima continuou recluso, cabisbaixo, depressivo e isolado. Não se misturava com os seus colegas. Aproximou-se do positivismo. Parecia ser indiferente às mulheres dos bordéis. Ele se apaixonou por Júlio Verne. Passeia entre a literatura e a filosofia. A sua rotina de estudante era intensa. O seu pai lhe ajudou como podia (BARBOSA, 2017, p. 79-89).

No ambiente de grandes sofrimentos, que era a ilha, Lima passou parte da sua infância. Lá conhece Manuel de Oliveira, o Manuel Cabindo, como era conhecido, um homem negro ex-escravizado vindo da costa da África, que pagou pela própria alforria negro escravizado, que enlouqueceu após ter sido abandonado por uma mulher (SCHWARCZ, 2017, p. 96). É ele quem vai introduzir Lima na história africana e em algumas discussões importantes sobre o povo negro. De acordo com Beatriz Resende (2018), Manuel Cabindo foi de extrema importância na vida de Lima, pois graças a este amigo, o escritor despertou para os sofrimentos extremos de um povo explorado pelos europeus. A figura do “preto velho”, Cabindo, emerge como uma figura paterna para Lima, pois é ele quem vai ser o responsável por incutir em Lima uma visão de mundo crítica, que parte de um ponto de vista muito bem localizado: o lugar do negro colonizado. Cabindo não só se torna parte da família de Lima, mas, também, a sua descendência.

A família de Lima seguia vivendo na Ilha do Governador, onde, apesar das belezas naturais, o cotidiano era penoso. Havia uma elevada quantidade de mortos em virtude da precariedade e falta de recursos do lugar. A situação era de extrema insalubridade. Com a “Nova Política de Assistência Médica” que surge em 1888, a loucura é tratada com reclusão e trabalho. O asilo é visto como o melhor tratamento para a loucura (SCHWARCZ, 2017, p. 87-90). Na Colônia de Alienados, o trabalho era a terapia central (SCHWARCZ, 2017, p. 93).

Em decorrência dos problemas psiquiátricos de João Henriques, Lima Barreto, ainda criança, precisou dedicar-se a cuidar dos seus irmãos e de seu pai. De acordo com Ana Paula G. de Oliveira (2017, p. 29) o fato do pai de Lima Barreto ter presenciado os sofrimentos dos negros abalou muito a sua saúde mental. No caso dos pretos alforriados, muitos deles viam-se completamente abandonados e submetidos aos piores destinos (OLIVEIRA, 2017, p. 29). João Henriques, assim como Lima, compartilhavam das memórias de dor dos seus descendentes escravizados.

Estudando no Liceu, Lima viveu uma situação ambígua. Lá ele se dá conta da diferença de classe e do racismo dissimulado de seus colegas. Sofre com os castigos físicos, como a palmatória, além da disciplina marcial da instituição (SCHWARCZ, 2017, p. 99-103).

Em 1896 seus colegas diziam que Lima parecia um velho, sempre metido com livros e longe das diversões juvenis. É possível que frequentasse a capelinha do apostolado positivista, já que desde os 15 anos, o jovem Barreto era atraído pelo Positivismo. Era difícil para Lima se dedicar aos estudos e ainda ter que lidar com os problemas familiares. (BARBOSA, 2017, p.80-87).

Para piorar a situação, os nervos de seu pai estavam à flor da pele, sobretudo pela grande pressão no trabalho. Administrar a Colônia de Alienados não era nada fácil. João Henriques se torna cada vez mais inseguro (SCHWARCZ, 2017, p. 107). As contas da instituição não batem. Em meio a tantas preocupações, os sinais de loucura se instalam muito rapidamente a partir de 1912.

Mesmo com as crises no ambiente familiar, Lima tentava levar os seus estudos. Passou pela Politécnica sem destaque. Ele se sentia muito distante de todos. A percepção do racismo o silencia. Ele se achava ora perseguido, ora fracassado. A sua subjetividade estava dilacerada (SCHWARCZ, 2017, p. 122-130). Aos 21 anos teve que assumir a responsabilidade da família, quando seu pai já sofria de delírios e falava sem nexos (SCHWARCZ, 2017, p. 130-131). Sobre a difícil relação que Lima tinha com a sua família, ele escreve no *Diário Íntimo*, no ano de 1904:

Dolorosa vida a minha! Empreguei-me há 6 meses e vou exercendo as minhas funções. Minha casa ainda é aquela dolorosa geena pra minh'alma. É um mosaico tétrico de dor e de tolice. Meu pai, ambulante, leva a vida imerso na sua insânia. Meu irmão, C. . . , furta livros e pequenos objetos para vender. Oh! Meu Deus! Que fatal inclinação desse menino! Como me tem sido difícil reprimir a explosão. Seja tudo que Deus quiser! A Prisciliana e filhos, aquilo de sempre. Sem a distinção da cultura nossa, sem o refinamento que já conhecíamos, veio em parte talvez prender o desenvolvimento superior dos meus. Só eu escapo! (BARRETO, 2021, p. 463).

Apesar de viver em um ambiente com muitas dificuldades, Barbosa (2017, p.96-97) descreve Lima como um rapaz amável e empático com as outras pessoas, apesar de ser reservado e de poucos amigos. Barbosa também aponta que Lima pode ter sofrido racismo nas escolas por onde passou, como na escola do Largo do São Francisco e na Politécnica, pois, como diz o autor, Lima era um “mulato sem disfarce, com cabelo ruim e pele azeitonada” (BARBOSA, 2017, p.103-104).

A família Barreto abandona a ilha e vai morar em Engenho Novo. Lima se sente desconfortável em estudar na Politécnica, sente-se inferior aos colegas. Incomoda-se até com o modo como as pessoas olham para ele, como se reprovassem as suas roupas (BARBOSA,

2017, p.147). Sempre quis abandonar o curso na Politécnica, mas não o fazia por causa de seu pai. Não queria decepcioná-lo. A pobreza era um outro condicionante que fazia com que se sentisse inferior, num ambiente que já era majoritariamente branco. Após o agravamento da doença de seu pai, que foi diagnosticado com neurastenia³¹. Lima se sentiu livre e largou o curso na Politécnica, pois precisava conseguir dinheiro para sustentar a família. Ele passou em um concurso na Secretaria da Guerra e começou a trabalhar como amanuense, um copista. Mas recebia muito pouco. Não parava de se maldizer da nova profissão, pois queria ser escritor (SCHWARCZ, 2017, p. 131-144).

No Engenho Novo, a casa do Barreto ficou conhecida como “a casa do louco” por causa de João Henriques (SCHWARCZ, 2017, p. 145). Dividindo o teto com o seu pai, trabalhando em um emprego que não lhe satisfazia, Lima se sentia medíocre. Ele desdenha da sua ocupação. Vai buscar refúgio no álcool. Este se torna o seu companheiro, além da sua rica imaginação, que é usada para tecer os seus primeiros escritos (SCHWARCZ, 2017, p. 146).

Em 1903, dá início ao seu *Diário íntimo*, em tiras e notas separadas. Nele escreve os rascunhos de *Clara dos Anjos*. A escrita de Lima vai revelando um outro aspecto do escritor: o bovarismo, que Schwarcz (2017, p. 15-156) vai se referir como a criação de uma outra realidade para viver e habitar, pois ele tinha muita dificuldade de enfrentar o que vivia, na verdade, ele não aceitava. Considerava a sua vida uma desgraça, pois queria ser valorizado e a insatisfação com a vida que levava fazia com que quisesse estar em outro lugar (SCHWARCZ, 2017, p. 157-158). As intensas dificuldades fizeram com que assumisse uma posição de indignação, “do contra”, pois ele se volta contra o Sistema, contra as injustiças e a continuidade da violência aos negros que se perpetuava no período pós escravidão (SCHWARCZ, 2017, p. 158-161).

Schwarcz (2017, p. 163-167) aponta que Lima se torna um andarilho e boêmio que perambula pelas ruas do Rio de Janeiro, observando os tipos humanos, de uma cidade cheia de afro-brasileiros saídos do Sistema Escravista. Os subúrbios se tornam muito importantes em sua vida. Em seus escritos ele vai tecendo uma etnografia minuciosa da periferia carioca, tal como um romancista suburbano (SCHWARCZ, 2017, p. 180-187).

Lima queria falar da escravidão e dos africanos trazidos à força para o Brasil. Essa é uma bandeira muito importante para ele. Entretanto, ele não revelava sensibilidade parecida em relação a alguns temas, como o da homossexualidade. Na verdade, ele expressou

³¹Um estado clínico que se relacionava à ansiedades e depressão, além das pressões do estresse gerado pelo trabalho exaustivo, frustrações e traumas, morte da esposa, acusações de mal uso da verba pública na administração da Colônia dos Alienados (SCHWARCZ, 2017, p. 145).

posicionamentos bem preconceituosos sobre esse assunto, como pode ser percebido nos ataques ao escritor homossexual João do Rio (SCHWARCZ, 2017, p. 223-225). Lima implicava com certas personalidades, mas também contra instituições. Por muito tempo ele atacou a Academia Brasileira de Letras (ABL) por seus formalismos e pelo academicismo que ele não suportava. Ele atacava o que intitulava a “República das Letras”, que o excluía como se não fosse um intelectual à altura (SCHWARCZ, 2017, p. 226).

Schwarcz aponta que Lima tinha uma “sociabilidade instável”³². Sumia de repente, faltava a reuniões, não levava muito jeito com as mulheres, frequentava bordéis, era descrito pelos conhecidos como alguém que vivia tombando de bar em bar, bebendo cada vez mais, tinha dor nas juntas. Muitas vezes era encontrado com o rosto avermelhado, cabelo enebado, andando com descontrole, cheirando a cachaça, também caía na sarjeta, dormia na rua, tinha a roupa amassada (2017, p. 256-257).

A cor de sua pele afetava a sua autoestima, tendo descrito a si mesmo no *Diário Íntimo* como “mulato”, desorganizado, incompreensível e incompreendido. Ele exigia de si mesmo que fosse inteligente, pois só assim poderia “fazer parte da humanidade.” (SCHWARCZ, 2017, p. 261-262). Como não conseguia se sentir satisfeito, bebia ainda mais, para fugir da família, seja do pai louco ou dos irmãos que lhe pediam dinheiro. Embriagava-se porque não suportava o trabalho e o ambiente militar, pensamentos suicidas o visitam com frequência. Temia morrer sem nada ter feito (SCHWARCZ, 2017, p. 270). A bebida parecia ser uma alternativa para obter prazer e alegria, através dela se divertia nos bares, socializando com os seus colegas e, assim, podia esquecer um pouco das suas preocupações.

Ainda sobre as dificuldades que enfrentava no âmbito familiar, Lima escreveu no seu *Diário Íntimo*:

Se essas notas forem algum dia lidas, o que eu não espero, há de ser difícil explicar esse sentimento doloroso que eu tenho de minha casa, do desacordo profundo entre mim e ela; é de tal forma nuançoso a razão de ser disso, que para bem ser compreendido exigiria uma autobiografia, que nunca farei. Há

³² Uma declaração bastante contraditória é feita por Lima em seu *Diário Íntimo*, demonstrando o que percebo como certa instabilidade dos seus posicionamentos. Uma vez que ele, por um lado, escreve uma literatura dos oprimidos, mas, ao mesmo tempo, diz não querer estar próximo e ainda se sentir superior a eles. Ele escreveu: “Eu tenho muita simpatia pela gente pobre do Brasil, especialmente pelos de cor, mas não me é possível transformar essa simpatia literária, artística, por assim dizer em vida comum com eles, pelo menos com os que vivo, que, sem reconhecerem a minha superioridade, absolutamente não têm por mim nenhum respeito e nenhum amor que lhes fizesse obedecer cegamente. Entretanto, é por meu pai e, por assim ser, levarei a cruz ao Calvário, pois que, se meu pai fez tal coisa, foi por supor que nunca nos atingiria, mas a desgraça não quis e a coisa nos atingiu”. (BARRETO, 2021, p. 496).

coisas que, sentidas em nós, não podemos dizer. A minha melancolia, a mobilidade do meu espírito, o cepticismo que me corrói — cepticismo que, atingindo as coisas e pessoas estranhas a mim, alcançam também a minha própria entidade —, nasceu da minha adolescência feita nesse sentimento da minha vergonha doméstica, que também deu nascimento a minha única grande falta (BARRETO, 2021, p. 496-497).

Nota-se que era difícil para ele expressar tais sentimentos por sua família, ele até sente vergonha de dizer e não encontra as palavras capazes de falar sobre reflexões internas tão duras. Lima sente que aqueles sentimentos o corroem por dentro e o fazem ter um profundo sentimento de desconfiança. Em seu ambiente mais próximo, que era o familiar, não conseguiu construir vínculos de afeto que lhe permitisse desenvolver segurança. Pelo contrário, sufocado por cobranças, responsabilidades, dívidas e o grande peso que era a situação de seu pai, Lima definhava. Essa triste realidade, que começou a se intensificar na adolescência, contrasta com os seus primeiros anos, em que podia desfrutar de um pouco de conforto e liberdade na presença dos seus pais afetuosos. É como se isso tivesse sido tirado dele, em um primeiro momento quando a sua mãe morreu e logo depois que o seu pai enlouqueceu. Lima foi obrigado a amadurecer cedo, a condição de seu pai o obrigava. No *Diário Íntimo*, Lima desabafa:

Perdi a esperança de curar meu pai! Coitado, não lhe afrouxa a mania que, cada vez mais, é uma só, não varia: vai ser preso; a polícia vai matá-lo; se ele sair à rua, trucidam-no. Coitado, o seu delírio cristalizou-se, tomou forma. Pobre de meu pai! Uma vida cheia de trabalhos, de afanosos trabalhos, acabar assim nesse misterioso sofrimento que me compunge! [. . .] Meu pai freqüentemente me ia apoquentar. Pobre insano. Não quer comer e é preciso forçá-lo, e as perseguições que ele tem no espírito não o deixam sossegar. Às vezes, é preciso obrigá-lo a comer, porque, diz ele, no estado em que está, chamariam-no de cínico, porque come com satisfação (BARRETO, 2021, 505-506).

A saúde de Lima se fragilizava cada vez mais. Ele sabia que precisava parar de beber, mas não conseguia. Em 1852, os hospitais estavam sendo usados para colocar os embriagados e loucos. Era preciso tirá-los da cidade. O *Hospital Nacional de Alienados*, antigo *Dom Pedro II*, cumpriu essa função: a de receber os “loucos”. Lima Barreto é levado para lá em 1914, aos 33 anos, diagnosticado com alcoolismo. É tratado com ópio e purgantes, mas havia outros tipos de métodos “terapêuticos” como os banhos frios, o trabalho e sangrias. A medicalização era outro mecanismo para lidar com a loucura (SCHWARCZ, 2017, p. 271-274). Medicava-se, inclusive, muitas pessoas que sequer estavam com alguma doença mental diagnosticada (SCHWARCZ, 2017).

Lima, como tantos (as) outros (as), era um alienado passageiro. Sofria de um delírio transitório provocado pelo álcool. Via monstros, sentia-se perseguido, ficava agressivo e imprevisível. Quebra móveis, atacava aqueles que queriam ajudá-lo. Nas visões que tinha, via um gato grande que ficava embaixo da mesa, via “vagabundos que queriam invadir a sua casa, mas que depois desejavam fazer uma serenata”. Atirava objetos nas pessoas. Gritava com medo do tenente Serra Pulquério que supostamente queria prendê-lo por seu anarquismo e por criticar o Presidente Hermes da Fonseca. Lima foi internado pelo seu irmão Carlindo, que fazia parte do quadro da polícia. Jamais perdoou o irmão por causa disso. Lima se sentiu extremamente humilhado pelo modo como foi levado pro hospital, pois havia sido jogado no carro da polícia, como se fosse um criminoso³³ (SCHWARCZ, 2017, p. 275).

Lima parecia ter uma relação de aversão a policiais. Talvez temesse ser abordado por eles em virtude de sua cor. Sabe se lá o que poderiam fazer a um homem negro se o apanhassem. Ele sabia de histórias tenebrosas envolvendo essas autoridades. No *Diário Íntimo*, ele escreveu:

A polícia arrepanhava a torto e a direito pessoas que encontrava na rua. Recolhia-as às delegacias, depois juntavam na Polícia Central. Aí, violentamente, humilhantemente, arrebatava-lhes os cós das calças e as empurrava num grande pátio. Juntadas que fossem algumas dezenas, remetia-as à ilha das Cobras, onde eram surradas desapidadamente (BARRETO, 2021, p. 472).

Como foi dito, anteriormente, a cerca da história de Stella do Patrocínio, a polícia, na época de Lima, também costumava levar negros, pobres e desempregados para hospícios como uma forma de manter a cidade limpa. Logo abaixo, há uma fotografia de Lima Barreto tirada no momento da internação, em 1914, após ser levado para o manicômio no camburão da polícia. A foto foi colocada em sua ficha clínica (Imagem 01). Na imagem, podemos identificar um homem com muitas olheiras, rosto inchado, olhar resignado. Importante ressaltar que, na ficha de Lima, foi dito que ele tinha a cor branca, mas ele se definia como escritor de origem africana (SCHWARCZ, 2017, p. 279).

³³ Essa viagem é descrita no conto *Como o homem chegou*, publicado em 1914.



Imagem 01 - Fotografia presente na ficha de internação de Lima Barreto

No período em que Lima Barreto foi internado, intelectuais como o médico psiquiatra Franco da Rocha, estabeleceram não somente relações entre raça e criminalidade, mas também entre loucura e radicalismo revolucionário. Isso significava que também poderiam ser mandados para o hospício dissidentes políticos ou qualquer pessoa que começasse a questionar o *status quo*. A prisão em manicômios era uma forma de contenção e controle. Neste período, também estava acontecendo uma epidemia do consumo de álcool, e estes alcoólatras também tinham passagem garantida para dentro dos hospitais psiquiátricos. Havia muitos casos de internação pelo uso abusivo de álcool (SCHWARCZ, 2017, p. 280-285). Dentro dos hospícios a situação era dramática. Lá, Lima sofria de insônias e ficava exaltado quando se referiam a sua internação. A alimentação do lugar era ruim, havia superlotação e as pessoas eram amontoadas em espaços minúsculos onde a dignidade delas também era reduzida para caber na condição de “não ser”.

Anos mais tarde, em 1918 Lima fez requisição de aposentadoria, julgara-se inválido para o serviço público, fraturou a clavícula, foi encontrado delirando numa estação, com o olhar perdido (SCHWARCZ, 2017, p. 377). No hospital do exército recebeu o diagnóstico de alcoolismo crônico. Em 1917 é recusado para entrar na Academia Brasileira de Letras. Em 1921 desiste da candidatura. Nesta época, Lima Barreto havia se aproximado do, também escritor, Monteiro Lobato, que disse em uma carta que Lima Barreto só não entrava na ABL porque era “preto”, pois, se fosse branco, até seria convidado, sem precisar passar pela

humilhação de implorar por votos. Algo parecido aconteceu com Cruz e Sousa, quando a Academia Brasileira de Letras foi fundada, em 1897. Ele até que teve seu nome citado para se tornar um dos fundadores. Entretanto, como era negro, tal como Lima Barreto, também foi excluído³⁴.

Em seus escritos sobre o hospício, no *Cemitério dos Vivos*, Lima relata uma segunda internação em que havia sido tomado por uma crise alcoólica com delírios e alucinações. Nesta ocasião, havia sido levado para a Santa Casa em 1916 e em 1917, foi transferido para o Hospital Central do Exército (BARRETO, 2021, p. 610).

Em 25 de dezembro de 1919, Lima é internado no hospício pela terceira vez, ficando lá até o mês de fevereiro do ano seguinte. Novamente havia sido colocado no camburão da polícia, como um indigente. É neste período que escreve os *Diários do Hospício e Cemitério dos Vivos*. Posteriormente esses diários, juntamente com o *Diário Íntimo* foram compilados pela sua irmã, Evangelina e pelo seu biógrafo Francisco de Assis Barbosa. Durante essa internação, Lima sentiu a necessidade de observar tudo e de fazer anotações. Usou tiras de papel para isso. Foi o psiquiatra Juliano Moreira, também negro e de personalidade mais sensível e humana, quem lhe deu lápis e papel para que registrasse as suas memórias. Esse médico compartilhava alguns posicionamentos políticos com Lima, ambos eram contra as teorias deterministas que buscavam razões hereditárias para a loucura, ambos se contrapunham às teorias racistas (SCHWARCZ, 2017, p. 387-388).

No romance *Cemitério dos Vivos*, logo ao chegar ao hospício, Lima narra, sobre o tratamento que recebem os loucos:

Tiram-nos a roupa que trazemos e dão-nos uma outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão. Da outra vez que lá estive me deram essa peça do vestuário que me é hoje indispensável. Desta vez, não. O enfermeiro antigo era humano e bom; o atual é um português (o outro o era) arrogante, com uma fisionomia bragantina e presumida. Deram-me uma caneca de mate e, logo em seguida, ainda dia claro, atiraram-me sobre um colchão de capim com uma manta pobre, muito conhecida de toda a nossa pobreza e miséria (BARRETO, 2021, p. 679).

Nesta terceira internação, na seção Calmeil do Hospital Nacional Alienados, Lima tinha alucinações. Via bichos pelas paredes, aranhas, percevejos, pulgas e baratas. Ele relata ter sido maltratado na “seção de observação”, o médico Aduino Junqueira Botelho era-lhe indiferente, seus sapatos e roupas foram retirados, colocaram-no para lavar banheiros sob a

³⁴ Informação disponível em: <<https://oestadoce.com.br/artegenda/negros-e-mulatos-na-abl/>>. Acesso em: 28/05/2024.

justificativa da “cura pelo trabalho”. Foi diagnosticado com psicose alcoólica. O seu estado era de avançado alcoolismo, com alucinações, perturbações psicomotoras, ideias delirantes, com quedas e desmaios. Nesse cenário, a identidade de escritor deixa de existir e a de louco prevalece³⁵. Ele sente a dor da invisibilidade, que era um de seus maiores medos. Por sorte, foi poupado da lobotomia, eletrochoques e de toda a farmacologia que era passado para os loucos. Ao ser transferido para a “seção Pinel”, sofreu bastante com a superlotação. Pediu ao médico Juliano Moreira a transferência para Calmeil e foi atendido. O humanismo de Juliano Moreira ajudou Lima a viver melhor dentro da instituição psiquiátrica (SCHWARCZ, 2017, p. 389-390).

De acordo com Schwarcz (2017, p. 391), neste momento Lima tem uma fisionomia triste, como se estivesse vencido. O diagnóstico da seção Pinel revelava que o vício em Parati não podia ser controlado por Lima. O uso excessivo do álcool lhe causou envelhecimento precoce, sofria de tremores nos músculos, tinha uma fala arrastada e embolada. De fato, ele não conseguia vencer o vício e, desesperado, escreve, no *Diário do Hospício*, entre os anos 1919 e 1920:

Oh! meu Deus! Como eu tenho feito o possível para extirpá-lo e, parecendo-me que todas as dificuldades de dinheiro que sofro são devidas a ele, e por sofrê-las, é que vou à bebida. Parece uma contradição; é, porém, o que se passa em mim. Eu queria um grande choque moral, pois físico já os tenho sofrido, semimorais, como toda a espécie de humilhações também. Se foi o choque moral da loucura progressiva de meu pai, do sentimento de não poder ter a liberdade de realizar o ideal que tinha na vida, que me levou a ela, só um outro bem forte, mas agradável, que abrisse outras perspectivas na vida, talvez me tirasse dessa imunda bebida que, além de me fazer porco, me faz burro (BARRETO, 2021, p. 686).

No internamento, durante o banho que davam nos loucos, Lima lembrou do livro *Recordações da Casa dos Mortos*, de Fiódor Dostoiévski (2019), por isso, escreveu, em 1920, no *Diário do Hospício*:

Voltei para o pátio. Que coisa, meu Deus! Estava ali que nem um peru, no meio de muitos outros, pastoreado por um bom português, que tinha um ar

³⁵ Aqui percebemos o processo de mortificação do eu, descrito por Goffman (2008). Através das tecnologias de isolamento, padronizações e a imposição da coletividade, do indivíduo é-lhe retirada a sua individualidade e intimidade. Ele vai se tornando parte da instituição, como mais um número imerso em relações burocráticas que roubam a identidade do sujeito, tornando-o objetificado. Mecanismos como esse, comuns em instituições totais, são capazes de minar a humanidade dos internos. Ou seja, a mortificação do eu é um típico processo de desumanização que ocorre, por exemplo, nos manicômios, hospícios e prisões.

rude, mas doce e compassivo, de camponês transmontano. Ele já me conhecia da outra vez. Chamava-me você e me deu cigarros. Da outra vez, fui para a casa-forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos nós estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoiévski, na *Casa dos Mortos*. Quando baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoiévski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria (BARRETO, 2021, p. 680).

O “banho de chicote”, de que fala Lima, é mais uma das tecnologias de castigo e correção que eram empregadas nos loucos. De acordo com Foucault (1978, p. 352), esta era uma técnica privilegiada. A água representava uma “forma de purificação” através de um processo de violência a fim de, supostamente, arrastar as impurezas que constituíam a loucura. A água possibilitaria um segundo nascimento, a retirada de tudo o que era considerado sujo. Porém, tal como podemos ver em Lima, era mais uma tecnologia que causava dor e medo, gerando memórias de sofrimento naqueles (as) que sofriam a experiência.

Lima Barreto vivia o seu próprio drama literário, só que na vida real. As agruras durante o internamento foram muitas: furtos constantes, obrigando-o a sempre esconder as suas coisas, sem falar no tratamento ruim que sofria por parte de alguns funcionários (SCHWARCZ, 2017, p. 396). Nos escritos sobre o hospício ele vai revelar detalhadamente essas vivências, levando muitas das suas sombras para a personalidade de alguns dos seus personagens, como o Vicente Mascarenhas, do *Cemitério dos Vivos*.

De acordo com Schwarcz (2017), em 1921 há o agravamento da doença do pai de Lima, muitas dificuldades financeiras na família e problemas com o irmão. Lima bebia ainda mais e escrevia bastante, mas o álcool ia aos poucos ocasionando a sua decadência física e drenando as suas forças. Era visto se embriagando todos os dias, caindo pelas calçadas. O médico e escritor Ranulpho Hora Prata, que admirava a literatura de Lima, tentou ajudá-lo a sair da crise alcoólica. Convenceu Lima a passar um tempo num sítio em Mirassol, no interior paulista. O médico acreditava que o ar puro, uma vida regrada, longe dos estímulos da cidade e uma boa comida fariam bem a Lima. A estratégia do médico parecia estar dando certo, mas após ter sido convidado para dar uma palestra sobre o destino da literatura, tudo mudou. Lima até escreveu o texto, mas não aguentou a pressão de falar em público. A ansiedade o levou novamente à embriaguês. Foi encontrado dias depois bêbado e perdido (SCHWARCZ, 2017, p. 431-442).

Oakley (2011, p. 4) aponta que Lima, antes da recaída e de desaparecer, havia feito um belo discurso chamado “O destino da literatura”, em que criticava ferrenhamente os

formalismos acadêmicos, defendendo o conteúdo da literatura em detrimento da forma. Para ele, mais importante do que construir um texto gramaticalmente impecável, seguindo tendências estilísticas importadas, era tecer uma narrativa com verdades sobre os homens e a vida. Lima tinha a literatura como missão, concebendo-a como uma arte capaz não só de descrever, mas de transformar a realidade social. Infelizmente, ela não estava conseguindo mudar a difícil condição em que Lima se encontrava.

2.2 A morte de Lima Barreto

Lima parecia cada vez mais vencido, apesar da sua luta, força e resistência. Ele estava perdendo a batalha contra o vício. Seu corpo deteriorado manifestava as agruras de um mundo interior turbulento. Schwarcz (2017, p. 443) afirma que ele sonhava com um projeto de literatura que dissesse respeito a todos, mas não conseguia mais lutar por isso. Lima queria que indígenas e negros fossem representados para fazer frente a um passado imperial e a uma cultura importada (SCHWARCZ, 2017, p. 456). Porém, ele não tinha mais a força necessária para sustentar essa posição de resistência.

Em 1922, Lima se fechava cada vez mais em seu próprio mundo e nos seus pensamentos. Afastou-se de amigos, tornando-se ainda mais ensimesmado (SCHWARCZ, 2017, p. 461). Em outubro de 1922 já estava confinado em casa, com reumatismos, sentia que as suas vísceras, órgãos e membros estavam arrebatados. Morreu de um infarto fulminante em 1º de novembro de 1922, aos 41 anos no Rio de Janeiro, sentado em uma cadeira, lendo uma revista francesa, após vinte anos consumindo álcool de uma forma abusiva³⁶. Ironicamente, foi enterrado no cemitério São João Batista, em Botafogo, longe dos subúrbios. Seu pai, João Henriques, morreu 48 horas depois, em 3 de novembro. Ao saber da morte do filho, perguntou por ele, dizendo: “Que foi que aconteceu? Afonso morreu?”. Ambos foram enterrados com a mesma lápide, no mesmo cemitério em que estava Amália (SCHWARCZ, 2017, p. 482-488).

Adeliana Alves Barros (2013, p. 7), aponta que Lima Barreto não constituiu família e morreu solitário. Tendo sido rejeitado pela Academia e os grupos intelectuais da época, o nome de Lima Barreto foi tornado invisível, como se habitasse em um lugar de esquecimento

³⁶ Uma triste semelhança entre Lima e meu pai, Dagoberto: ambos morreram de um infarto fulminante, após terem a saúde muito degradada pelo álcool e pelos sofrimentos da vida. Antes da morte, Lima sentia os seus órgãos arrebatados e foram essas algumas das últimas palavras do meu pai, a sensação de terem os seus órgãos estourando. Quem sabe quantas tristezas, dores contidas e reprimidas não podem ter contribuído para a explosão desses órgãos? Quantas emoções dolorosas e sofrimentos abafados que, somados, contribuíram para a morte prematura desses homens?

e silenciamento. Sua literatura se transformou em revolta contra a exclusão, racismos, opressões e violências. O seu enlouquecimento era também uma manifestação do seu grande inconformismo (SCHWARCZ, 2017, p. 463).

Ficou bastante ressentido com a intelectualidade de seu tempo, escreveu usando a dor como motivação (SCHWARCZ, 2017, p. 466). No personagem Vicente Mascarenhas, de *Cemitério dos Vivos*, imprimiu muito de si mesmo, do seu sofrimento íntimo e dos segredos que o consumiam por dentro. Criador e criatura se misturavam, compartilhando a loucura, luto e tristezas (SCHWARCZ, 2017, p. 468). Em meio aos seus padecimentos, Lima buscava por uma democracia ampla e plural (SCHWARCZ, 2017, p. 470). Desde cedo, sentiu a dor das injustiças e sempre se colocou contra a opressão, inclusive contra aquela que praticava contra si mesmo, alimentando pensamentos depreciativos.

A vida de Lima Barreto jamais foi a mesma após as suas perdas essenciais. Ao perder a mãe tão cedo, sentiu uma dor tão profunda que foi como se uma parte dele mesmo tivesse sido arrancada. O adoecimento do pai tirou outra parte de sua vida. Após tantos episódios traumáticos, Lima não podia mais seguir os seus sonhos. Foi incumbido de responsabilidades muito acima das que poderia suportar uma criança. Viver com o luto não curado e com o pai louco, em estado quase vegetativo, foi minando a sua saúde mental. Lima foi morrendo aos poucos (SCHWARCZ, 2017, p. 481-482). As temporadas no hospício o colocaram frente a frente com uma das visões mais estereotipadas que se pode presenciar: a degradação humana dentro de ambientes manicomial³⁷. A morte de Lima foi cultivada dia a dia, tendo o racismo como pano de fundo, tornando a sua vida cada vez mais difícil³⁸.

Lima Barreto morreu, mas a sua presença permaneceu nos seus escritos e em seus personagens que dão vazão a dores que não eram só suas, mas de muitos pretos, pobres e loucos que tiveram um destino semelhante. O autor surge como intérprete do seu tempo, mas que teve a voz silenciada pelos estigmas que carregava.

³⁷ Para um aprofundamento da visão acerca do ambiente manicomial, sugiro o livro de ficção *Uma Temporada no Inferno*, de Henrique Marques Samyn (2022). Nesta obra, há uma curiosa história de um escritor negro, fã de Lima Barreto, que decide se internar voluntariamente em um hospício, a fim de seguir os passos de Lima, dialogando com a vida e obra deste último. Na trama ficcional, o escritor pretende dar continuidade ao livro sobre o hospício, *Cemitério dos Vivos*, que Lima não finalizou.

³⁸ Prado (2012, p. 165) se refere a um sentimento de profunda frustração que acompanhava Lima Barreto em seus últimos dias, mas aponta que em seu íntimo resplandecia emoções nobres, de amor pelos seus semelhantes, arrependimentos, o desejo de contribuir para a felicidade dos outros e uma bondade genuína. Mas os bons sentimentos pareciam estar encobertos pelos traumas das internações, dos dramas familiares e do desprezo motivado pelo racismo e oriundos de sua condição econômica.

2.3 A literatura peculiar de Lima Barreto

Após a breve exposição da biografia do escritor, teço algumas reflexões sobre a inserção de Lima Barreto no campo da literatura negra. É importante o papel do escritor no rompimento de silenciamentos históricos através da manifestação de um gênero literário marcado pelo compartilhamento de sentimentos e emoções que só podem ser acessados e expressos por quem viveu na pele processos de exclusão, de racismo, preconceito de classe e, no caso de Lima Barreto, agravados pelo alcoolismo e a loucura.

De acordo com Denilson Botelho (2015), Lima estava bastante antenado com o mundo, ele lia autores estrangeiros, fazia amplos diagnósticos sobre a realidade política e social do Brasil. Botelho apresenta Lima como um intelectual latino-americano, negro, neto de escravizados, que tinha uma grande energia e talento, mas foi depreciado pelo *establishment* literário de sua época. Lima colaborou em jornais e revistas, criticando a desigualdade, o latifúndio, a especulação financeira, defendendo a reforma agrária e condenando a propriedade privada.

Ao percorrer as obras de Lima Barreto, Botelho (2015) descreve algumas delas, destacando peculiaridades, as críticas que fazem ao oportunismo político e da imprensa, como em *Numa e a Ninfa*, publicado em 1915. Botelho aponta, na obra de Lima, as críticas às violências burguesas, revelando solidariedade de classe de Lima, como pode ser percebido nas *Recordações do Escrivão Isaiás Caminha*, publicado em 1909. No *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, publicado em 1911, destaca-se a trajetória do Major Quaresma, que pensava um outro projeto de nação, elaborando ideias peculiares de um nacionalismo que pretendia resgatar as origens indígenas do povo brasileiro.

Botelho (2015) aponta que, apesar das suas intensas atividades em vida, após a morte, Lima Barreto caiu no ostracismo e ficou lá por três décadas, quando ressurgiu em 1956, graças aos empenhos de Caio Prado Júnior e Francisco de Assis Barbosa que reúnem a obra do autor e a publicam em 17 volumes. Na época de suas publicações, Lima foi acusado de desleixo por sua escrita mais coloquial, porém ele escrevia para o povo, isso é, para as massas, e era avesso aos preciosismos e formalismos acadêmicos. Ele criticava também o bacharelismo e conversava frequentemente com as pessoas da periferia. Lima tinha uma rica biblioteca em sua casa, a sua coleção foi intitulada de Limana, com mais de 800 livros (BOTELHO, 2015).

Luiz Silva (2011), apresenta Lima Barreto como mais um dos escritores considerados malditos, em seu tempo. Embora não seja um autor que possa ser encarado de uma forma

rígida devido à grande abertura e variabilidade dos seus escritos. Silva (2011, p. 10) reforça a atualidade da obra barreteana para pensar o nosso tempo devido aos temas que abordou, informando que a literatura é uma maneira eficaz de perenizar narrativas. Por muito tempo, a história dos negros foi contada por brancos de má fé que ajudaram no fortalecimento de ideologias racistas (SILVA, 2011, p. 15-16). Trazer a literatura de Lima Barreto à baila, assim como as narrativas tecidas por outros (as) escritores (as) negros (as) nos ajudam a enriquecer, democratizar e diversificar as nossas histórias.

Personagens como João Cândido, o “almirante negro”, da Revolta da Chibata e Zumbi dos Palmares, também foram homens negros que passaram por processos de invisibilização, pois brancos racistas não queriam heróis negros em nossa história. Essa tentativa de apagamento também aconteceu com Lima Barreto e a sua obra (SILVA, 2011, p. 16-17). Silva (2011, p. 18) nos alerta para um elemento importante ao pensar a vida e escrita barreteana: a de que é preciso tomar muito cuidado para não confundir o drama de enfrentamento ao racismo vivido por Lima Barreto com mero “complexo de inferioridade”, pois isso seria individualizar um problema que se articula com nuances sociais.

Atribuir as situações de sofrimento vividas por Lima a aspectos biográficos é negar o racismo enquanto fenômeno estrutural que diz respeito a toda a sociedade. Estabelecer esse entendimento é salutar para que todas e todos nós estejamos implicados em formas de combater o racismo que estrutura as nossas relações sociais. Uma reflexão semelhante foi traçada anteriormente em relação ao fenômeno da loucura e a necessidade de tomá-lo em suas dimensões sociais.

No contexto sócio-histórico em que Lima Barreto escreveu a sua literatura, o cenário era propício para que a sua voz e a sua literatura fossem esquecidas e apagadas da nossa história. Lima era um indesejável que não teria o direito de expressar, não fosse a sua coragem, talento e força para resistir aos processos, instituições e estruturas que subjogavam a sua existência. Do lugar de precariedade em que habitava, do destino reservado aos pretos, loucos e pobres: o hospício, a sarjeta e a morte social, Lima Barreto escreveu. Ele sobreviveu através de sua literatura, que não se caracteriza muito pelo aroma das flores mais doces ou pela poesia romântica. Pelo contrário, são palavras que se metamorfoseiam ora em pedras capazes de ferir hipocrisias, em cactos que furam e fazem sangrar ou em água que rompe estruturas racistas e opressoras.

Silva (2011, p. 22) aponta que no começo do século XX o mercado industrial era muito fechado para escritores negros. Para Lima, que escrevia uma literatura militante, o cenário era ainda mais aterrador. O seu caráter questionador e anarquista fez com que não

aderisse cegamente às ideologias de esquerda, sobretudo porque estas, muitas vezes, não se contrapunham ao racismo (SILVA, 2011, p. 27-29). O que Lima escrevia era criticado por seus pares. O fato dele misturar ficção com vida real não agradava a muitos. (SILVA, 2011, p. 34-35). Até porque, Lima atravessava gêneros literários, não se deixando fixar em estilos rígidos, recriando-se a todo momento (SILVA, 2011, p. 43-44).

Silva (2011, p. 56) critica o estigma que coloca Lima Barreto sempre na posição de alcoólatra e louco, pois pode ser uma forma de desqualificar a sua importância. Além disso, é importante destacar que, apesar da forte ligação da biografia do autor com a sua obra, esta última está além da vida de Lima Barreto, demonstrando outras facetas que, não necessariamente, se vinculam ao escritor, afinal, Lima tinha uma grande imaginação e força criativa. Ele não se limitou a escrever obras autobiográficas, embora essa seja uma característica peculiar de sua escrita. Porém, Lima tocou em outros temas, como, por exemplo, em crônicas em que escreve sobre política, futebol e sobre a morte de mulheres provocadas por seus maridos, crime que, hoje, nomeamos de feminicídio. Havia diversos temas que estavam brotando na mente daquele homem solitário.

De acordo com Silva (2011, p. 75) a solidão de Lima Barreto acontecia por causa dos preconceitos que sofria, isto é, ela era forçada. Silva se refere a esse processo como uma ação social perversa que enclausura e persegue pessoas, como um verdadeiro processo de trituração social que resulta em loucura e morte. Mas Lima era irreverente, ao se identificar como negro e mulato, atacava a mentalidade racista. Entretanto, Silva aponta uma das muitas contradições de Lima, pois, apesar de criticar o racismo, também reproduzia algumas de suas práticas, como o desprezo da cultura africana, a qual tinha pouco conhecimento. Lima também sonhava com a fama na Europa, continente que ele tanto atacou, devido às teorias racistas que vieram de lá (SILVA, 2011, p. 103-106). Só uma pessoa muito forte e obstinada, tal como Lima, para enfrentar as mazelas de um tempo tão áspero e avesso a qualquer ideia de igualdade. Mas ele, como podemos ver, não estava livre de contradições.

Como um representante da literatura negra, Lima Barreto era um insistente. A sua voz não é a de um vento ameno ou uma brisa suave de uma tarde calma. As suas palavras foram forjadas nas tempestades de emoções, no calor dos sofrimentos, na dureza da angústia, na violência da inconformidade em relação a absurdos e tristezas que bem poderiam ser ficções, mas infelizmente não eram. O que é narrado, muitas vezes, em sua obra é a própria vida de um homem preto, pobre e enlouquecido, isto é, a realidade nua e crua que Lima Barreto desenhou através de palavras que sangram, gritam, choram e tecem histórias que precisam ser ouvidas. No escritor, literatura e vida parecem se cruzar como se fossem reflexo uma da outra.

Essa é a sua literatura negra, em que, segundo Antônio Arnoni Prado (2012, p. 9) Lima imprime marcas profundas que moldaram a sua consciência. Lima fala de dores que não eram percebidas, e que era doloroso até mesmo escrever sobre elas. O autor fala de uma grande angústia frente ao papel virgem, quando ficava cheio de dúvidas e era invadido por um mal-estar repentino.

A literatura, que era o seu refúgio e mecanismo de extravasamentos, também lhe causava aflições (PRADO, 2012, p. 25-27). Apesar disso, via na arte literária uma forma de sensibilizar as pessoas sobre os problemas humanos, usando as emoções como uma forma de ligar os humanos pelo que têm em comum (PRADO, 2012, p.33). Via na arte literária o potencial de ir além das próprias limitações. O seu fascínio é tão grande que Lima declarou que se casou com a literatura, pois via nela a esperança para a humanidade (PRADO, 2012, p. 114-116). Deste casamento nasceu a resistência em um contexto que clamava por vozes contra-hegemônicas.

No Brasil da Primeira República, as consequências da colonização e escravização levaram ao estabelecimento de uma espessa cortina de silêncio que impediu por muito tempo que subjetividades negras se manifestassem. Afinal, o discurso predominante, sobretudo nos meios intelectuais, era aquele oriunda de uma matriz branca, ocidental e iluminista. Nas ofuscantes luzes não havia espaço para “o negro”. O excesso de luz e brancura fez com que o “preto”, fosse sinônimo de sombras, atrasos, ignorância, barbárie e loucura, como vimos anteriormente. De acordo com Oakley (2011, p. 26), na República Velha é mantida a marginalização e exploração das populações negras, que continuaram excluídas. Lima, influenciado pelo escritor francês Émile Zola, pretende fazer uma epopeia que narrasse essa situação opressiva (OAKLEY, 2011, p. 29-31).

Oakley (2011, p. 49) aponta que em *Recordações do Escrivão Caminha*, os fracassos do herói nos remete ao preconceito e a hostilidade que os negros enfrentavam no Brasil, no início do século XX, embora não seja só isso, pois o livro também busca sensibilizar as pessoas visando transformar o modo como os negros eram tratados. Entretanto, em personagens como Isaías e Policarpo, nota-se uma incapacidade de transformar a implacável realidade. O que também parece demonstrar, segundo Oakley (2011, p. 115) uma derrota do discurso inteligente frente aos acontecimentos. Isso vai ficar ainda mais evidenciado no romance *Vida e Morte de MJ Gonzaga de Sá*, em que o protagonista, apesar das lutas, cai em desencanto, sentindo a sua vida desperdiçada e um forte sentimento de que os livros não eram capazes de expressar as verdades humanas (OAKLEY, 2011, p. 144-145). Tanto Isaías quanto Gonzaga de Sá, apesar de denunciarem a opressão racial, também expressam a derrota da

inteligência humana frente a um Sistema muito poderoso, sobretudo, quando se trava uma luta tão solitária, como fez o próprio Lima.

A jornada de Lima Barreto foi solitária, isto é certo, mas também um caminho de cura de si mesmo. Samyn (2022, p. 104) vê na literatura de Lima Barreto um caminho para afastar a loucura, como se o fato de colocar para fora as suas memórias, traumas e experiências, fosse uma forma de trazer à consciência o mundo subterrâneo do escritor. O mundo interior de Lima Barreto refletiu em uma literatura avessa aos sistemas de pensamento dominante. Isso em um contexto em que a Razão Iluminista “iluminava” tudo a ponto de cegar quase todos, em que epistemologias, ideias, ideais, conceitos e formas de pensar a existência estavam sempre respaldados em um referencial branco e europeu, localizado em lugares de poder que foram naturalizados como sendo os únicos legítimos. A escrita de Lima provocava furos na cortina de silêncio que funcionava como interdito às falas subalternas.

Kilomba (2010) aponta para a dificuldade dos brancos em ouvir, devido ao incômodo que causa as vozes silenciadas. A recusa de ouvir os gritos abafados se liga ao receio pelo rompimento dos esquemas de domínio, resguardados pela fala única que toma para si o monopólio sobre a narrativa da experiência do “outro”, que é um “outro” subalternizado e impedido de expressar a sua dor, sonhos e histórias.

A literatura negra, tal como a expressa por Lima, surge como uma empreitada discursiva contra hegemônica em relação às epistemologias brancas, ocidentais e eurocêntricas. Esse saber emerge como um centro de produção intelectual em que escritores e escritoras negras, dotados (as) de uma sensibilidade *sui generis*, respaldada não só pelo lugar de fala, mas, também, pelo universo das emoções partilhada, que exprimem formas de sentir e de existir que só são acessadas por aqueles que têm a cor preta e que sofrem na carne e na alma os racismos e opressões cotidianos. Aqueles que atingiram “o fundo”, como fala Agamben (2015).

Conceição Evaristo, sobre o campo da literatura negra no Brasil, aponta que:

Esse corpus se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira (EVARISTO, 2009, p. 17).

As disputas em torno da definição literatura negra parecem render muitos debates. Conceição Evaristo (2019, p. 18) conclui que, não somente existe uma literatura negra no Brasil, como também existe uma vertente negra e feminina desta. Esta é uma discussão

complexa e que poderia nos levar à problematização de questões identitárias tal como nos convida a fazer grande parte da literatura pós-moderna³⁹.

No caso de Lima Barreto, percebe-se que conseguiu magistralmente captar os sentimentos e discursividades de muitos negros, negras, loucos e pobres do seu tempo. Ao sentir empatia com os destinos deles, usou a arte literária para expressá-los. O exemplo de como a literatura barreteana possibilitou a expressão de tantas vozes marginalizadas na Primeira República, nos dá motivo para considerar uma forma peculiar de literatura comprometida em partilhar emoções comuns a grupos que compartilham a experiência da subalternidade. A literatura negra produzida por Lima, é também um gênero de escrita vinculado aos subúrbios e aos seres que o habitam, isto é, os desumanizados, tidos como restos.

O que Lima imprime em sua escrita é originado a partir de um modo específico de ver e sentir o mundo, respaldado por símbolos, memórias e traumas de quem vive situações de opressão na pele e não somente de quem estuda sobre elas. O autor não escrevia sobre o negro, o pobre ou o louco como se fosse um “eu externo” que tece um discurso baseado em observações. Diferentemente disso, Lima Barreto escrevia sobre o que vivia, em obras como *Diário Íntimo*, *Diário do hospício*, *Cemitério dos vivos*, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, *Clara dos Anjos*, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, *Vida e Morte de MJ Gonzaga de Sá*, entre outras, Lima derrama a subjetividade de um homem preto, louco, pobre e marginalizado por sua sociedade que não abria brechas para aquilo que considerava indigno.

Conceição Evaristo (2009, p. 26) aponta que Lima Barreto:

[. . .] se destaca no desejo de pronunciar-se como negro, apesar de todas as dificuldades da época. [. . .] Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), a fusão personagem-autor acaba criando uma cumplicidade de vozes em que o autor pensa e discute as relações raciais da sociedade brasileira. Sua escrita se dispunha conscientemente a se apresentar como uma voz negra questionadora das relações raciais da época. Em seu *Diário íntimo* pode-se ler um projeto literário do autor: “Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto (...) No futuro escreverei a *História da Escravidão Negra no Brasil* e a sua influência na nossa Nacionalidade” (BARRETO, 1956, p. 33). Esse desejo foi registrado por Lima em 1903 e, certamente, o autor, se cumprisse tal anseio, o faria do ponto vista do negro. Em 1905, podemos ver a ideia registrada novamente nas seguintes anotações: Veio-me a ideia, ou antes, registro aqui uma ideia, que me está perseguindo. Pretendo fazer um romance em que se descrevam a vida e o trabalho dos negros numa fazenda. Será uma espécie de *Germinal Negro*, com mais psicologia especial e maior sopro de epopeia. Animará um drama sombrio, trágico e misterioso, como nos tempos da escravidão (BARRETO, 1956, p. 84) É interessante observar

³⁹ ver HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Lamparina, 2021.

também que Lima Barreto denomina o espaço da vila, onde ele morava, como “Vila Quilombo” (MORAIS, 1983, p. 17). A simbologia resguardada no significado do quilombo servirá para Lima como inspiração para nomear o seu espaço familiar.

Lima Barreto assume, muitas vezes, a identidade de negro em um tempo em que a negritude era associada à abjeção. Ele ataca as consequências do sistema escravista tomando o ponto de vista dos seus irmãos escravizados, numa sociedade que aboliu a escravidão, mas não propiciou a inserção dessas pessoas no mercado de trabalho (CORRÊA, 2016). Isso significa dar vida a um imaginário singular, a uma escrita muito diferente daquela feita por brancos, repleta de estereótipos e preconceitos.

Ao tematizar o negro a partir do ponto de vista dos negros, Lima Barreto rompe com o discurso canônico que marca a literatura brasileira, cujos referenciais estavam impregnados da cultura portuguesa. Ele fala de um lugar marcado, espaço de quem vive na pele a experiência que narra, muitas vezes usando pseudônimos⁴⁰, talvez para servir como máscaras que impedissem a sua identificação por causa das troças que fazia, além das sátiras que desencadearam muitas antipatias (CORRÊA, 2016, p. 13-14).

A literatura negra que se manifesta na escrita barreteana é forjada por um daqueles seres considerados “monstros” tão temidos, desprezados e calados pelo sistema de domínio epistemológico herdado dos tempos coloniais. Quando Lima escreve é aquele considerado “louco” que tece narrativas, é o preto, tido como maldito e por tanto tempo considerado incapaz de sentir e pensar. A sua voz dissonante e subversiva busca ser escutada (CORRÊA, 2016, p. 15).

De acordo com Corrêa (2016, p. 15), Lima tinha um grande compromisso com a vida pública brasileira, ele queria compreender o Brasil, as suas contradições históricas. Em 1907 funda a *Revista Floreal* a fim de ter mais espaço para expor os seus escritos, isso também refletia o seu profundo descontentamento com a literatura corrente que circulava nos jornais e revistas da época. Posteriormente funda a revista *Marginália*, que reúne escritos que atacam o Poder estabelecido, partindo da marginalidade. Além dessas revistas, publicou na *Fon Fon*, *Careta* e *ABC*. Sempre atacava a afetação literária dos seus pares que escreviam para si mesmos, enquanto Lima queria uma literatura das massas, sobre as massas e para as massas populares, uma literatura de impacto social (CORRÊA, 2016, p. 20-28).

⁴⁰ De acordo com Corrêa (2016, p. 30), Carlos Drummond de Andrade, juntamente com Francisco de Assis Barbosa, foi um dos investigadores que tentaram identificar escritos de Lima Barreto assinados com pseudônimos do autor. Corrêa refere-se a “máscaras”, para designar os pseudônimos barreteanos (2016, p. 31).

A identidade preta se destaca na produção dessa literatura negra produzida por Lima, como uma forma de demarcar um lugar específico de produção discursiva que não foge das raízes do povo negro, pelo contrário, busca reafirmá-las, mas com contradições que já foram apontadas. Esse processo envolve tentativas reiteradas de desconstrução de sistemas de significado por tanto tempo inquestionáveis, a fim de permitir a reconstrução de novos olhares, de novas formas de falar e de novos vocabulários.

Em empreitadas como essa busca-se, muitas vezes, um retorno à África, às origens silenciadas, ao passado negro estrategicamente apagado pelos esforços de branqueamento do Mundo. Busca-se pôr fim a um aniquilamento que deixou tantas lacunas, sobretudo, no campo literário. Não é por acaso que Lima pretendia escrever uma história da escravidão negra no Brasil. É uma tentativa de permitir que as vozes silenciadas do passado encontrem o seu caminho de expressão. Lima busca dar testemunho sobre a grande lacuna na história deixada pelas pessoas que não puderam falar e expressar o que sentiam e o que viveram.

Regina Dalcastagnè (2008) aponta para as profundas ausências do negro em nossa literatura como fruto do violento processo de racismo. Para além da escassez das referências negras, quando estas se manifestam, costumam estar eivadas de preconceitos e estereótipos. A autora traz dados quantitativos contundentes sobre o modo como os negros costumam ser representados em nosso universo literário. De acordo com Dalcastagnè, nessas narrativas os negros costumam aparecer de um modo negativo, sobretudo as mulheres. Além disso, os personagens negros são em menor número em relação aos brancos e, por vezes, passam por processos de animalização, como o homem negro, cuja sexualidade tende a ser atrelada a das feras.

Nos dados quantitativos apresentados por Dalcastagnè (2008), demonstra-se indicadores preocupantes acerca da representatividade do negro em nossa literatura, o que, segundo a pesquisadora, revela muitos dos estigmas que se relacionam com os negros em nossa sociedade. Na pesquisa, também é apontada para a ausência de escritores negros e negras, o que é bastante problemático, sobretudo devido às lacunas que essas faltas deixam na produção cultural e intelectual. Dalcastagnè (2008, p. 108) elege a literatura como um lugar privilegiado para a expressão de formas de existência, uma vez que é um importante referencial devido à legitimidade que possui. Por isso, é de extrema importância que personalidades como Lima Barreto, assumam o papel de vanguarda e enfrente as estruturas racistas que perpetuam a exclusão do povo negro, pois o alcance dos seus escritos são capazes de sensibilizar e, gradativamente, desencadear transformações sociais e incentivar resistências.

Conceição Evaristo argumenta que:

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interdito em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira (2009, p. 18)

Lima Barreto assume este papel de resistência em alguns dos seus escritos. No livro *Cemitério dos Vivos*, por exemplo, o autor assume a identidade de homem negro e louco internado no hospício, este último, um lugar que ele descreve como deplorável e inabitável. Nas obras, Lima relata as suas impressões sobre os seus dias de internamento no manicômio. Salienta que aquele era um ambiente destinado aos indesejáveis, que são interditos e excluídos do meio social.

O hospício em Lima Barreto surge como uma prisão, um depósito de gente, bem semelhante à descrição de Arbex (2019), que também tem a função de limpar o ambiente urbano do que é considerado o “lixo humano” que o polui. O “resto humano” que se amontoava nas cidades era o *lupem proletariado*, filhos abandonados de um Sistema que não os aceitava, eram os velhos, desempregados, em sua maioria negros, que estavam à mercê da sorte. Desenraizados de sua cultura, vivendo em um país estrangeiro, impossibilitados de retornar, sem perspectivas e privados de esperança. Lima tem empatia por esses “condenados da terra”, para usar uma caracterização de Fanon (1968).

A literatura negra produzida por Lima Barreto expressa um grande mergulho na subjetividade de um homem negro, que tem os sentimentos partilhados com os irmãos de cor, de classe e de loucura. A produção literária de Lima é, em grande medida, confessional. Os protagonistas surgem como ecos do passado do escritor ou de seus irmãos, como se fossem testemunhas de vozes roubadas. Os personagens tendem a carregar as dores e alegrias do autor, que, muitas vezes, faz das folhas em branco uma espécie de diário que torna vivas as memórias. A literatura, nesta dimensão, é também vida manifesta.

O filósofo búlgaro Tzvetan Todorov ao argumentar sobre a importância e riqueza do entrelaçamento entre a vida e a ficção literária, diz:

Mais densa e mais eloquente do que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão, primeiros nossos pais, depois aqueles que nos

cercam. A literatura abre ao infinito essas possibilidades de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que tornam o mundo real mais belo e pleno de sentido. Permite que cada ser humano responda melhor à sua vocação de ser humano (TODOROV, 2009, p. 23-24).

Todorov (2009) aponta para uma tendência contemporânea no meio universitário de não se ver a literatura como um discurso possível sobre o mundo. É como se a ciência aparecesse como autossuficiente, fechada em si mesma, como se fosse a única intérprete legítima para os fenômenos da vida. Esta ideia parece absurda, restrita e empobrecida para o filósofo. Para ele a arte e a literatura encarnam tanto a liberdade do criador quanto a sua soberania, há nela autossuficiência e transcendência em relação ao mundo. Todorov diz que “graças à arte o ser humano pode atingir o absoluto” (TODOROV, 2009, p. 52).

A literatura barreteana nos mostra que a arte, por si mesma, é uma genuína manifestação da vida. Apresenta descrições eivadas de parentescos com o tecido da realidade social. Apesar da intensa subjetividade de Lima impressa em sua literatura, se pudéssemos falar em poesia em sua obra, diria que ele produz uma poética realista, cuja expressão tem compromisso com a vida vivida. Literatura militante, de denúncia, de combate, dos subúrbios e engajada. Literatura negra, que surge como uma voz estrondosa, forjada na resistência, capaz de quebrar as densas paredes que constituem as estruturas racistas, classistas e preconceituosas.

Essa é a literatura de Lima Barreto, que se difere dos escritos do imaginário descritos pelo antropólogo Gilbert Durant (1994, p. 25), que aponta que as manifestações do imaginário podem nos colocar em contato com o sonho, devaneio, rito, mito etc. e com um lugar não localizável e irracional. A literatura barreteana, apesar de adentrar em aspectos emocionais e partir de zonas de aflição, desespero e, muitas vezes, loucura, carrega uma poética crua, dura, pesada, cortante e visceral. Uma poesia que reflete traumas, dores e um passado de negações, exclusões e opressões. Quando Lima se coloca contra as literaturas, que ele considera ensimesmadas, focadas em aspectos que Lima considera pueris, ele defende uma forma de fazer literária que reflita e transforme as condições de vida daqueles e daquelas que sofrem: pretos, pobres, loucos e mulheres.

Literaturas como a que Lima produziu podem reforçar o vínculo primordial entre arte e vida, entre poesia e realidade. Nela percebe-se uma escrita negra, comprometida em refletir e criticar as agruras da realidade social, tal como uma aliada à ciência que tanto se esforça em desvelar os problemas humanos. Todorov (2009) chega a conceber a literatura como uma

manifestação autêntica do real, além de uma forma potente de representação do mundo vivido⁴¹.

A literatura escolhida para análise, nesta pesquisa, engendra uma profunda relação entre ficção e realidade. Afinal, é de um autor que teceu a vida em palavras, uma voz solitária que viveu para dar o seu testemunho acerca de outras vozes que não foram escutadas. No contexto racista, classista e higienista da Primeira República no Brasil, as palavras de Lima são como lâminas miradas contra regimes que classificam, inferiorizam e degradam seres humanos.

A escrita de Lima Barreto é muito inspiradora, sobretudo para autores e autoras de literaturas periféricas, aqueles e aquelas que falam de lugares subalternizados. Lima partiu de um lugar periférico. De acordo com Livia Santos Souza (2020) e Anaxsuell Fernando da Silva (2020):

A escritura periférica é ela própria um ato de resistência, uma forma artística que não hesita em apontar suas armas para as persistentes desigualdades e para o racismo estrutural que marcam o Brasil contemporâneo (SOUZA, SILVA, 2020, p. 162, 2020).

Através dessa literatura combativa e engajada, conseguimos sensibilizar as pessoas. É uma forma de combater o silenciamento e garantir visibilidade a temas que sofrem tanta resistência por parte de muitos segmentos da sociedade, como ocorre com o racismo. Resistir é também o ato de trazer essas vozes para o nosso presente, equivale a refletir sobre a contemporaneidade dos (as) escritores (as) negros (as) do passado. Segundo Regina Dalcastagné:

A literatura contemporânea reflete, nas suas ausências, talvez ainda mais do que naquilo que expressa, algumas das características centrais da sociedade brasileira. É o caso da população negra, que séculos de racismo estrutural afastam dos espaços de poder e de produção de discurso. Na literatura, não é diferente. São poucos os autores negros e poucas, também, as personagens (2008, p. 87).

Precisamos fertilizar o solo das literaturas subalternas para que germinem e floresçam as histórias e testemunhos dos silenciados pelo Poder. Escutar e abrir espaço para essas vozes é, também, uma estratégia de reparação histórica, além de ser uma atitude antirracista.

⁴¹ O historiador Antônio Celso Ferreira (2013, p. 67) se refere à literatura como uma “representação deformada da realidade”, além de configurar-se como uma importante fonte de construção histórica.

3. O RACISMO OU “PRECONCEITO DE COR” A PARTIR DA LITERATURA DE LIMA BARRETO

A teórica, escritora, psicóloga e artista interdisciplinar Grada Kilomba (2010, p. 171) escreveu um texto em que descreve “a máscara”, um instrumento de opressão usado no período escravista para impedir que os cativos de se alimentarem da plantação, mas também que funcionava como um mecanismo de silenciamento das suas vozes. Tal instrumento de tortura metaforiza a mudez a que os negros foram condenados no período escravocrata.

Kilomba (2010, p. 172) aponta que, no racismo, a recusa do direito de fala ao outro é uma forma de manter e legitimar estruturas de violência e exclusão social. Além disso, a autora aponta que a construção da superioridade branca e da própria branquitude se deu sob a forma de um contraste com “o outro” sempre silenciado. O branco passa a ver tudo de negativo fora de si mesmo, e o coloca nesse “outro” que se torna “o ladrão”, “o violento”, “o bandido”, “o indolente”, “o malicioso”.

Kilomba argumenta:

Tais aspectos desonrosos, cuja intensidade causa muita ansiedade, culpa ou vergonha, são projetados para o exterior como um meio de escapar dos mesmos. Em termos psicanalíticos, isso permite que os sentimentos positivos em relação a si mesmo(a) permaneçam intactos – branquitude como a parte ‘boa’ do ego – enquanto as manifestações da parte ‘má’ são projetadas para o exterior e vistas como objetos externos e ‘ruins’. No mundo conceitual branco, o sujeito Negro é identificado como o objeto ‘ruim’, incorporando os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformado em tabu, isto é, agressividade e sexualidade. [...] (KILOMBA, 2010 p. 174-176).

Fica muito explícito na argumentação da autora o grande regime de silenciamento imposto. Este fenômeno teve grande relevância no período escravista brasileiro, um tempo de violência brutal contra negros, indígenas e mulheres, em que seres humanos perdiam o seu estatuto de humanidade e se tornavam coisas, quando não eram metamorfoseados em feras, em seres monstruosos.

3.1 O racismo ou “preconceito de cor” em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*

No *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Barreto (1997, p. 88)⁴², narra uma cena muito emblemática do que chamou de “preconceito de cor”, mas que nós chamamos agora de racismo. Trata-se do trecho em que Caminha, levado na delegacia após a suspeita de um furto,

⁴² Também foi consultada uma obra do ano de 2021. Ver nas referências.

é interrogado pelo delegado que o chama de “mulatinho”, com tom pejorativo e com ar de desprezo. Aquela expressão, no contexto em que ela aparece, causa grande humilhação em Isaías, pois a sua própria existência é posta em cheque. Além disso, o delegado duvida que ele, por causa de sua cor, pudesse ser estudante, tal como ele revelara. A dor do desprezo fez com que Caminha tivesse uma explosão de fúria, o que o levou a chamar o delegado de “imbecil”, resultando na prisão do escrivão (BARRETO, 1997, p. 93).

A humilhação resulta em seu estado depressivo. Em uma outra cena, Caminha bate em um repórter após ser destrutado e chamado de “moleque”. Lima conta que apesar do sucesso profissional de Caminha, ele se sentia deslocado, invadido por sombras e nuvens, cheio de remorsos e angústias, sentindo algo ignóbil em si mesmo que não sabia descrever (BARRETO, 1997, p. 214-219).

Caminha tinha muitas razões para se sentir mal frente a tantas humilhações. Era um estudante dedicado, saído do interior para ir morar no Rio de Janeiro a fim de se dedicar aos estudos. Mas teve que enfrentar muitas dificuldades por não ter tido o apoio que esperava. O seu sonho, tal como o de Lima, era se tornar doutor, pois assim, segundo o próprio Isaías: “Ah! Seria Doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onírico de minha cor...” (1997, p. 45).

Lima descreve Isaías como um personagem pobre, de casa extremamente humilde. Logo ao se despedir da mãe e sair de casa, já recebe um tratamento desigual na estação, quando um homem loiro recebe um bom tratamento, enquanto Isaías é deixado por último, além de ser tratado com desconfiança e desdém. Assim que saiu do seu lugar de segurança e afeto, já percebeu a grande desumanização a que estavam sujeitas pessoas que tinham a pele escura. Aquele contraste de tratamento o feriu. Ele se sente indignado e se questiona qual a razão para ser preterido (BARRETO, 1997, p. 49-50).

Isaías é o tempo inteiro confrontado com o fato de que, naquela sociedade, um “homem de cor” não podia estar ocupando o lugar que ele pretendia ocupar. Isaías era pobre, a falta de dinheiro lhe causava um grande temor (BARRETO, 1997, p. 69). Lima narra, sobre Isaías: “Sentia-se só, só naquele grande e imenso formigueiro, só sem parentes, sem um conhecido que a desgraça pudesse fazer amigos” (BARRETO, 1997, p. 69). Não podia ter apoio do pai, pois este não o reconhecia, uma vez que era padre e o envolvimento com a mãe de Isaías era um segredo. Desse segredo nasceu um menino que só era acariciado pelo pai às escondidas para que ninguém suspeitasse (BARRETO, 1997, p. 73-74).

Na cidade grande Isaías estava desesperançado. Sentia um profundo sentimento de opressão da sociedade inteira (BARRETO, 1997, p. 82). Ele expressa, diante desse cenário,

um grande desejo de destruição, ao afirmar: “Veio-me um assomo de ódio, de raiva má, assassina e destruidora, um baixo desejo de matar, de matar muita gente, para ter, assim, o critério da minha existência, de fato” (BARRETO, 1997, p. 82).

Caminha, em certo momento recebeu um safanão de um sujeito que ameaçou arrancar-lhe o jornal, e nem ao menos lhe pediu desculpas. O episódio aumentou os seus pensamentos amargos e de indignação. Ele queria reivindicar um outro tratamento, uma vez que tanto desprezo afetava profundamente o seu estado emocional. Além disso, sentia que os seus esforços em tanto estudar não eram recompensados, pois não via nenhum retorno, continuava pobre e passando dificuldades. Mal tinha dinheiro para pagar o aluguel e se alimentar. Isaías se sentia “humilhado, esmagado, enfraquecido por uma vida de estudar e servir de joguete aos poderosos” (BARRETO, 1997, p. 83).

Quando Isaías foi acusado de roubo, podemos perceber uma difícil lembrança do Lima se tornando parte da história. Como dissemos anteriormente, no *Diário Íntimo*, o autor revela que a acusação de roubo foi um dos motivos para querer se matar. É como se Lima quisesse expressar uma de suas grandes dores, um profundo trauma não cicatrizado. Os policiais se referem a Isaías como “mulatinho” (BARRETO, 1997, p. 88), como uma forma de diminuí-lo, colocá-lo em um lugar de inferioridade por sua cor, esse diminutivo expressa um processo de inferiorização, simbolizando um outro ser que é considerado menos humano, ou até mesmo, não humano. A humanidade de Isaías é negada com essa classificação dada pelos policiais que metaforizam, ou reproduzem relações racistas e de dominação, tal como os brancos historicamente fizeram com os negros. Isso também pode significar o silenciamento do outro.

Sobre o processo de transformação do negro em “monstro” pelos europeus ditos “civilizados”, Cynthia Hamlin e Jonatas Ferreira analisam as representações culturais que permitem enxergar esse “outro” no lugar da alteridade por excelência, sendo concebido como sinônimo do caos, da corrupção, da feiura e da barbárie (HAMLIN, FERREIRA, 2010, p. 812). No texto, os (as) autores (as) discutem sobre a criação de monstros a partir dos regimes de classificação dos colonizadores.

A “lógica” colonial impôs aos povos originários a condição de subalternidade, de monstruosidade. Os classificados como loucos, bárbaros, doentes e monstros são tidos como impossibilitados de acessar a linguagem da Razão, logo, não deveriam falar. Assim, esse grande silêncio foi cada vez mais disseminado. Os “não-seres” eram impedidos de falar para que não denunciassem as desumanidades a que estavam sendo expostos, as suas vozes representavam – e ainda representam – um perigo à manutenção do *status quo*, da dominação.

Grada Kilomba (2010) chega a falar de um “medo branco” de que essas reivindicações se manifestem e coloquem em risco os sistemas de controle. Assim, caberia garantir que as verdades desses subalternos sejam sempre negadas, impedidas de vir à tona. O segredo sobre os sofrimentos deveria ser a todo custo mantido.

Isaías, diante da humilhação na delegacia, chorou, as lágrimas lhe vieram aos olhos. Sentia o peso de viver em ambientes artificiais em que ele não era respeitado, apesar de ser inteligente e estudioso, de ter sensibilidade e ser capaz de grandes esforços. Era como se todos os seus atributos fossem simplesmente apagados com aquele epíteto que lhe roubava a humanidade e dignidade. Ser chamado de “mulatinho” era como uma bofetada. Significava ser diminuído do que ele via em si mesmo. Aquela adjetivação o transformava em algo menor, sujo, imperfeito e deformado. Sua existência era considerada sem importância. Doía ainda mais o fato daquela baixeza de tratamento vir de uma autoridade, de um representante do governo que, teoricamente, deveria respeitar os cidadãos (BARRETO, 1997, p. 88). Mas Isaías não era considerado um cidadão por causa da sua cor, ao menos não era tratado como um.

Diante do inspetor da polícia, Isaías é transformado em um incapaz. A quantia em dinheiro para que ele fosse solto era de trinta mil réis, mas ele não tinha essa quantia. Frente àquela autoridade que irradiava poder e força e que o destrutava, mergulhado no ambiente hostil da delegacia, Isaías sentiu um vazio mental. O policial duvidava que ele fosse estudante, mesmo após Isaías ter dito repetidas vezes. A voz de Isaías é negada, assim como a sua palavra. O inspetor o testa fazendo perguntas aleatórias, como se Isaías tivesse a obrigação de saber as respostas, só por ser estudante. O inspetor segue com os insultos, chamando-o de malcriado, malandro e gatuno (BARRETO, 1997, p. 92-93).

Foi por isso que o estudante explodiu e o chamou de imbecil. Aquele grito saiu do coração de Isaías como se a sua vida dependesse daquilo. Ao dizer “imbecil” pela segunda vez, vai para o xadrez. Enquanto é escoltado, as lágrimas surgem em sua face. Aquelas eram as lágrimas do próprio Lima, que também reproduziam tantos choros do passado de escravidão. O tratamento de Isaías na prisão era uma sobrevivência das relações escravistas. E o “preconceito de cor” ou racismo era quem ditava as verdades sobre os sujeitos negros naquele contexto.

Mbembe (2018, p. 27) fala sobre a condição de escravo no período colonial, argumentando que se tratava de uma morte social, com a presença da dominação absoluta e da alienação dos indivíduos. A *Plantation*, onde os escravos viviam, não era uma comunidade, mas um regime de pertencimento e subordinação em que o escravizado era tratado como um

mero instrumento de trabalho. Naquele mundo de horrores, o poder sobre a vida do escravizado se convertia em um comércio para os brancos. A humanidade dos escravizados era dissolvida no processo, fazendo com que deixassem de ser vistos como seres vivos e se convertessem em coisas, sombras personificadas. A *Plantation* representava o Estado de Exceção (MBEMBE, 2018, p. 27).

Caminha estava, novamente, naquele lugar do escravizado, ao ser diminuído e ter a sua humanidade negada, torna-se uma coisa, um brinquedo nas mãos daqueles que detêm o poder. Os mesmos que construíram o lugar de abjeção em que homens como Caminha eram confinados. O mesmo lugar que aponta negros como incapazes. Almeida (2019, p. 49) postula que o ser branco e o ser negro são construções sociais e que o negro é um produto do racismo. A negação do racismo, em conjunto com a ideologia da democracia racial, vinculam-se ao discurso da meritocracia. Ao se acreditar que não há racismo no Brasil costuma-se responsabilizar as pessoas negras por não alcançarem determinados lugares. O discurso da meritocracia é racista e promove a conformação ideológica dos indivíduos à desigualdade racial (ALMEIDA, 2019, p. 51-52).

Ao falar sobre racismo e política, o autor diz que é o Estado que dá sustentação ao racismo, de modo que o Estado Moderno é concebido como um Estado Racista. Assim, o Estado surge como uma relação material de força, de exercício de poder e mantenedor da ordem. Além disso, as relações de opressão e de exploração sexuais e raciais manifestam-se no modo de intervenção do Estado e na conformação dos aspectos gerais da sociedade (ALMEIDA, 2019, p. 56-60).

Por mais que fosse difícil para Isaías reviver aquelas memórias ao escrevê-las, ele precisava fazer isso. Ele acreditava que, quem sabe as suas palavras não pudessem modificar a opinião dos opressores e os obrigasse a pensar de um modo que não mais tratem com hostilidade e má vontade “rapazes como ele”, negros e pobres. Isaías, mesmo sem o saber, já manifestava uma postura antirracista. Segundo Almeida, este lugar permite:

[. . .] dismantlar as narrativas discriminatórias que sempre colocam minorias em locais de subalternidade. Isso pode servir para que, por exemplo, mulheres negras questionem o lugar social que o imaginário racista lhes reserva (2019, p. 68).

A prisão no xadrez trouxe pensamentos amargos para Isaías. Ele desabafa: “O caminho na vida parecia-me fechado completamente, por mãos mais fortes que a dos homens” (BARRETO, 1997, p. 98). Também diz que as palavras não eram suficientes para expressar a

dor que sentia. Em um momento de fraqueza, atribui a culpa a si mesmo, ao seu “sangue covarde”, “doçura” e “defeito de caráter” (BARRETO, 1997, p. 97-99). Quando Lima atribui tais pensamentos ao personagem, acaba por demonstrar uma de suas contradições, que era a crença em alguns dos pressupostos das teorias racistas e deterministas que atribui inferioridade genética e de caráter por causa de diferenças raciais.

Porém, a fala de Isaías também pode refletir a naturalização que o racismo pode fazer na subjetividade das pessoas afetadas. A ideologia racista opera no inconsciente, fazendo com que sequer seja percebido no cotidiano as mais torpes violências que emergem nas mais simples ações e até mesmo nos pensamentos. Almeida (2019, p. 75-76) fala que o racismo permite uma:

[...] conformação das almas, mesmo as mais nobres da sociedade, à extrema violência a que populações inteiras são submetidas, que se naturalize a morte de crianças por “balas perdidas”, que se conviva com áreas inteiras sem saneamento básico, sem sistema educacional ou de saúde, que se exterminem milhares de jovens negros por ano, algo denunciado há tempos pelo movimento negro como genocídio.

Além de envolver todo o coletivo em suas verdades construídas, o racismo também opera a nível individual, fazendo com que o indivíduo não consiga enxergar as belezas que existem em si mesmo. Em uma realidade externa que dita verdades sobre os sujeitos negros, percebe-se a interiorização dos preconceitos, classificações e inferiorizações pelos indivíduos. Isaías, por exemplo, aponta que as pessoas que o cercavam o consideravam inferior (BARRETO, 2019, p. 99).

Caminha, ao deixar a prisão, depois que o inspetor descobriu a sua amizade com o jornalista Ivã Gregorovite Rostoloff, decide que não queria voltar de modo algum para a casa de sua mãe, então, decidiu, a todo custo conseguir um emprego, mas também foi rejeitado no mundo do trabalho. Tentou trabalhar numa padaria, mas depois que Isaías é visto pelo proprietário, este disse, em tom de desprezo, que Isaías não lhe servia para trabalhar. Isaías, interiormente, se perguntava “não sirvo por qual motivo?”. Ao imaginar a resposta, fica esmagado (BARRETO, 1997, p. 99-101).

Isaías é acometido por um grande sofrimento devido às estruturas racistas que conformam a sua existência à objeção. Ele acredita que a sua vida sempre será assim, que sempre será recusado por “sentimentos injustificáveis” (BARRETO, 1997, p. 101). Mas o que justificava esses sentimentos contra ele era o racismo estrutural. Frente à profunda e estúpida desigualdade de tratamento, Isaías sabe que precisa se esforçar mais do que os outros.

Revoltado contra a resistência à sua pessoa, sente vontade de beber, para deixar de sentir a dor da exclusão. Queria encontrar na bebida um descanso para os nervos que estavam tensos. Isaías estava cansado. Ao ir ao mar para contemplá-lo, parece se perder em pensamentos amargos que pareciam chamar pela morte (BARRETO, 1997, p. 102).

“Eu não tinha nem a simpatia com que se olham as árvores” (BARRETO, 1997, p. 103), narra Isaías, ao se sentir sozinho, incompreendido e deslocado. O grande mar que ele contemplava o ouvia e o compreendia. Aquele estado de profunda desesperança levava-o a pensamentos suicidas. Sente-se vencido pela opressão. A força e o sofrimento provocados pelo racismo minavam qualquer possibilidade de uma vida feliz.

Novamente, as semelhanças de Isaías com Lima Barreto são muito presentes. Ambos ficaram abatidos ao se depararem com uma realidade que não podiam mudar, por mais que resistissem e enfrentassem. Isaías parece expressar uma identidade de Lima que estava muito cansada e que se torna, em certos momentos, passiva, uma vez que as suas forças pareciam estar esgotadas.

O cenário do personagem não o favorecia, Isaías estava numa cidade estranha, sozinho, sem dinheiro, sem perspectivas, sem amigos e mergulhado num contexto em que as portas não se abriam. Ele pede dinheiro emprestado à mãe, que logo depois adoece e é desenganada, passa fome e todas as espécies de privação, até conseguir um emprego de contínuo no jornal *O Globo*. Vai aos poucos se afastando das suas origens. Logo sua mãe morreu, mas por causa disso ele disse só ter sentido uma “mera e ligeira dor” (BARRETO, 1997, p. 192).

Isaías estava diferente, não se sentia mais vinculado ao seu passado, era como se quisesse negar tudo que estava no passado para abraçar o momento que estava vivendo, pois, enfim, estava empregado. Sente-se superior, apesar do ambiente hostil do trabalho, onde é humilhado e ridicularizado. Entretanto, vai aprendendo a ser mais forte, a revidar as ofensas. O sentimento de fúria o invade e ele passa a reagir para se defender (BARRETO, 1997, p. 214). Nota-se uma mudança na postura de Isaías, tal como se estivesse a pôr em prática a “violência necessária” contra os opressores, de que fala Fanon (1968). A ascensão no trabalho parece trazer empoderamento, força e coragem. Ele não é mais aquele que aguenta tudo calado. Chega a casar e tem um filho, que faleceu muito jovem (BARRETO, 1997, p. 215).

Apesar do sucesso profissional e da transformação do seu caráter, “sombras e nuvens” ainda o invadiam (BARRETO, 1997, p. 219). Os remorsos do passado e das lembranças de dor não podiam ser apagados com facilidade. Havia o trauma dos sofrimentos vividos. As lembranças de sua mãe, que fora desprezada e abandonada em meio à miséria, não iam

embora. Isaías ainda se sente triste, desgostoso, pequeno, sem nada que possa animá-lo de verdade (BARRETO, 1997, p. 224). O “trauma cultural” de que fala Jeffrey Alexander (2011 apud SILVA, 2017, p. 2), também o visitava. Caminha era um sobrevivente, mas como todo aquele que sobrevive ao trauma, fica carregado de marcas, de dores inconfessadas, de sentimentos não curados.

Sartre, na introdução ao livro de Fanon (1968), aponta que um dos efeitos da violência colonial era a desintegração da personalidade dos colonizados. Na época colonial, buscava-se a domesticação através de flagelos e das mais excruciantes formas de violência: cortava-se mãos, furavam-se lábios para os prender com cadeados. Os filhos, ao verem os pais serem espancados ficaram traumatizados. Fanon (1968, p. 28), fala da inibição e submissão que tomam conta dos explorados quando se deparam com um poder violento e coercitivo. O colonialismo, que representa esse poder, não estava preocupado somente em impor a lei ao presente e ao futuro dos colonizados, ele quis também se apossar do passado dos oprimidos, deformando-o, desfigurando-o, aniquilando-o. Os colonizadores pretendiam provocar a alienação cultural, destruir tradições (FANON, 1968, p. 175).

Quando Isaías Caminha se impõe frente a humilhações e agressões, é como se estivesse assumindo o lugar de um colonizado que não aceita mais os grilhões. Fanon (1968, p. 181), ao se referir à força dos colonizados em se afirmar em detrimento das imposições dos colonizadores, diz que aquilo era necessário para não se perderem de si mesmos e não se deixarem alienar. Isaías estava farto de tantas coações. Nos momentos em que manifestou ira, é como se trouxesse do inconsciente uma revolta coletiva que se refere à dor de um povo que foi massacrado pelo racismo.

Caminha vivia as consequências do sistema colonial. Existir como um homem preto numa sociedade que quer permanecer branca se tornou uma grande trajetória de resistência em todos os ambientes que ele precisava frequentar. Por isso, é muito compreensível o seu cansaço. Pois, ter que se esforçar para ser aceito, viver em meio a desconfianças alimentadas pelo veneno do racismo introjetado nos corações e olhares das pessoas era uma tarefa árdua.

Mas, diferentemente das ações dos colonizados, de que fala Fanon, que buscaram encontrar a si mesmos e impedir o processo de alienação cultural através do fortalecimento dos seus vínculos com a família e cultura de origem, Caminha se distancia do seu passado e afasta-se de sua mãe. Ao invés de olhar para a sua ancestralidade como lugar de força e resistência, talvez ele a visse como a responsável pelas suas desgraças, pois quando ele afirmou que queria ser doutor para “resgatar o pecado original do seu nascimento”

(BARRETO, 2021, p. 23), ele está atribuindo à descendência de sua mãe⁴³ um aspecto negativo, por ela ser negra e analfabeta. Caminha a menospreza e quer se afastar do que o liga a ela, mesmo tendo prometido levá-la para morar no Rio de Janeiro, assim que se estabilizasse (BARRETO, 2021, p. 25). Ao abandoná-la, ele também abandonou o seu passado e as suas raízes. Curioso que ao chegar no Rio, diante da solidão, ele se sentiu desprotegido, uma “árvore sem raiz” e sente saudade de casa (BARRETO, 2021, p. 48-50).

Talvez os sofrimentos tenham fechado o seu coração até mesmo para aqueles que ele mais amava. Isaías aprendeu a ter ódio pela sociedade. Começa a cultivar desejos de vingança, tal como um colonizado que busca por justiça, mesmo que para isso precise matar todos aqueles que o oprimem. O seu desejo de “matar muita gente” (BARRETO, 2021, p. 60), pode refletir também um desejo coletivo fruto de uma dor coletiva. Matar os algozes que roubaram a sua dignidade, história e voz, mas também, a dos seus descendentes, a de sua mãe.

Isaias, tal como Lima, que lhe dá vida, imprimindo nele muitos dos seus próprios sentimentos, parece estar carregado pelo “trauma cultural”, de uma angústia que está além da individualidade, mas que afeta as subjetividades individuais, a ponto das vítimas quererem deixar de viver. Ambos sofriam do que Lima chama de um “ressentimento geral de uma inferioridade decretada *a priori*” (BARRETO, 2021, p. 70).

Ressentimento que é uma marca do racismo, que coloca nas mentes e corações prenoções, julgamentos e estereótipos sobre indivíduos negros e pobres. Isaías ousou combater tais males usando da violência física, Lima usava a pena para dilacerar os racistas. Ambos queriam impedir de ser esmagados. Além disso, era como se brotassem neles o sentimento de desejo de reparação, sofriam profundamente pelos sonhos não realizados e, no íntimo de cada um, sabiam que não eram os únicos culpados, pois percebiam que, além das suas vidas individuais, havia forças maiores responsáveis por tornar vidas inviáveis.

De acordo com Silva (2011, p. 45-46), *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* é escrito do ponto de vista de uma pessoa pobre e mestiça, que realiza uma observação social e percebe as mazelas da sociedade, sobretudo, do racismo. Caminha era um caminhante, que se deslocava com frequência, observando e descrevendo o seu contexto. Ele faz a confissão de humilhações sofridas e quer se libertar da dominação (SILVA, 2011, p. 60). Confissão que também expressa o testemunho que Lima Barreto faz através de sua literatura. Testemunho de fatos, memórias e sofrimentos que transcendem o aspecto individual, evocando do inconsciente o “trauma cultural”. As dores que ainda queimavam eram combustíveis para a manifestação da escrita. Lima e Isaías tinham a urgência de escrever e a arte literária foi uma

⁴³ Caminha a descreve como esquelética, magra e sofrida de tanto trabalho (BARRETO, 2021, p. 25).

grande amiga que os escutou e serviu como canal para que as suas vozes fossem sentidas por outras pessoas.

Isaías, como tantos outros, sejam homens negros, nordestinos, retirantes e etc. , ao sair do interior estava cheio de esperanças, mas é paralisado pelo ambiente hostil da cidade grande (SILVA, 2011, p. 65). Desespera-se porque não pode se expressar devido às barreiras que o racismo impõe. Para Silva (2011), uma das estratégias racistas é o silenciamento das suas vítimas. Isaías Caminha não nomeava “os brancos” diretamente como seus algozes, pois o racismo, historicamente, impede as vítimas de nomear os racistas. Além desta estratégia de dominação, havia uma outra que consistia em fazer com que os dominados acreditassem na sua falta de valor (SILVA, 2011, p. 91-93). Silva (2011) se refere ao racismo como responsável por provocar grande pressão social em suas vítimas, que, ao não perceberem esse mecanismo social, culpam-se pelos infortúnios que as acometem, podendo tender à autodestruição e ao desejo de morte, tal como podemos perceber em Isaías e Lima Barreto. Por outro lado, em ambos podemos vislumbrar, também, a gestação de sementes de resistência. Para Silva (2011, p. 94), a consciência racial permite perceber a opressão e possibilita a prática e posicionamentos antirracistas. Isaías e Caminha, talvez estivessem se aproximando da “razão negra”, de que nos fala Mbembe (2014).

Segundo o filósofo negro Achille Mbembe (2014, p. 25), “razão negra” é um termo polêmico e ambíguo, pois pode designar muitas coisas, remetendo à exploração, depredação, submissão e as modalidades de superação de tais impedimentos, mas que tem a dimensão da “raça” como principal enquadramento. Nas palavras do autor, raça surge como um complexo perverso que gera medo, tormentos, problemas do pensamento, terror, sofrimentos e catástrofes, como *“uma figura da nevrose fóbica, obsessiva e, porventura, histórica”* (MBEMBE, 2014, p. 25).

De acordo com o autor:

o Negro, em particular, era o exemplo total deste ser-outro, fortemente trabalhado pelo vazio, e cujo negativo acabava por penetrar todos os momentos da existência - a morte do dia, a destruição e o perigo, a inominável noite do mundo (MBEMBE, 2014, p. 28).

Na época colonial e nos séculos seguintes a “razão branca” dominou todas as epistemologias. As formas de interpretar a realidade e os fenômenos da vida estavam contaminados pelo monopólio ocidental e europeu, de onde vieram as classificações e distinções entre seres humanos.

Sobre a construção do outro inferiorizado com base em diferenciações biológicas, Mbembe, explica:

Chamemos a isso o momento gregário do pensamento ocidental. Nele, o Negro é representado como protótipo de uma figura pré-humana incapaz de superar a sua animalidade, de se autoproduzir e de se erguer à altura do seu deus. Fechado nas suas sensações, tem dificuldade em quebrar a cadeia da necessidade biológica, razão pela qual não chega a moldar o seu mundo e a conceder a si mesmo uma forma verdadeiramente humana. nisto que se afasta da normalidade da espécie (MBEMBE, 2014, p. 39).

Mbembe (2014, p. 39) refere-se ao modo como os europeus criaram a categoria “negro” para se referenciar ao africano. O termo “raça” vale para designar não-europeus, como se fossem seres menores e até mesmo monstruosos, supostamente separados dos brancos por uma diferença intransponível. Para o autor, “o negro” é tido como um ser à parte, um estrangeiro, oposto ao “branco” (MBEMBE, 2014, p. 63). Trazer à baila a “razão negra” permite desvelar esses mecanismos de poder que criaram um “outro” estranho, doente, sem razão, sem alma, um ser que essencialmente estava em falta em relação ao branco tido como perfeito.

As insatisfações de Isaías e Lima, revelam que ambos observavam e percebiam que o modo como a sociedade operava estava repleto de problemas. Isaías, por exemplo, se dá conta diversas vezes que o tratamento que recebe de pessoas que ele nem conhece, é desumanizador. A tristeza do personagem metaforiza de modo dramático os efeitos da desumanização que atravessava o tempo e chega de maneira cortante e violenta nas vidas dos negros em nosso país.

Uma sociedade adoecida pelo racismo adocece as vítimas deste. Isaías, pelas descrições que Lima faz, diversas vezes manifesta um caráter depressivo. Mas ao sair do interior, ele estava cheio de esperanças com os estudos, parecia alegre com o futuro que poderia constituir. Na cidade grande, tudo mudou. A sua chama interior foi se apagando cada vez mais. Esse processo de mortificação parece ser comum em algumas das histórias de Lima, pois também ocorre com outros personagens como Clara dos Anjos, Vicente Mascarenhas e Policarpo Quaresma. Todos profundamente afetados por processos de exclusão, humilhação e silenciamento.

3.2 O racismo ou “preconceito de cor” em Clara dos Anjos e o “feminismo” de Lima Barreto

Em *Clara dos Anjos* temos uma jovem negra, filha de Engrácia e Joaquim dos Anjos, interessada em costuras e bordados, que sai aos domingos para ir ao cinema. Ela é assediada por Cassi, um jovem branco filho de família rica, cuja mãe sempre o defende dos seus crimes. Cassi é descrito por Lima (2021, p. 740), como responsável por dez defloramentos e pelo assédio de senhoras casadas. O jovem vive às custas dos pais e tem como hobby apostar em galos de briga (BARRETO, 2021, p. 746). Lima aponta que Cassi não ama ninguém, é sovino e egoísta (BARRETO, 2021, p. 749-753).

Sobre meninas negras, como Clara, Lima diz que estão condenadas devido à atmosfera de corrupção que as cerca. Além disso, no caso de Clara, ela herdou o temperamento da mãe, com um “comportamento inerte e passivo” (BARRETO, 2021, p. 762-763). Talvez essa indolência tenha contribuído para que Clara caísse nas garras de Cassi. Ele a assedia até conseguir tirar a sua virgindade, para depois abandoná-la, grávida.

Nesta história, quero chamar a atenção para o racismo das autoridades que não punem Cassi, um jovem branco e de família rica, por seus crimes. Além disso, a própria mãe do rapaz menospreza Clara, como fez com outras moças anteriormente, ao ser procurada por Clara e a amiga da família, Dona Margarida. Elas cobram de Dona Salustiana, mãe de Cassi, que obriguem o filho a se casar com Clara, uma vez que lhe tirou toda a honra. Entretanto, para Dona Salustiana, Clara, por ser negra e pobre, não merece nenhuma consideração ou empatia, pelo contrário, a mulher chega a culpar a menina pelo seu trágico destino.

Clara, descrita como uma jovem de natureza amorfa e que não quer adquirir personalidade (BARRETO, 2021, p. 822-823) não pode fazer nada a não ser chorar por sua desgraça. Ela se dá conta de que era mais uma vítima daquele que a seduziu. A gravidez a deixa ainda mais desamparada (BARRETO, 2021, p. 867). Carrega no coração o desprezo de Dona Salustiana que a julgara indigna de casar com seu filho apenas por causa da cor de sua pele e de sua origem humilde (BARRETO, 2021, p. 875). Clara toma consciência de que ser negra a fazia diferente das outras, vê-se como uma “mulatinha, filha de carteiro” (BARRETO, 2021, p. 876). Ao dar um abraço emocionado na sua mãe, diz, em tom desesperado: “Mamãe! Mamãe! Nós não somos nada!” (BARRETO, 2021, p. 876). Clara emerge na visão racista, como um corpo passível de ser violado.

Na exclamação, cheia de sofrimento de Clara, ela expressa toda a dor do processo de desumanização que sofre por ser negra e pobre. Por essas qualidades estaria sujeita à

degradação, desprezo e indiferença. Tal como Isaías e Lima, Clara se sente inferiorizada e completamente desvalorizada. Ela é vítima do racismo, do preconceito de classe e de gênero.

A partir dessa história, na obra de Lima, é possível perceber a descrição de um feminino muito machucado, que se expressa na dor de uma mulher negra que está totalmente desamparada pela sociedade e pelo Estado. Isaías Caminha, por exemplo, fala da miserabilidade de tratamento que estava passível de receber, ele chega a mencionar “uma rapariga preta” que suportava dois dias inteiros de fome, vivendo da prostituição, que estava tão machucada que a menor dor de dente a fazia chorar, e ainda temia bastante a morte, como se a estivesse sentindo muito próxima (BARRETO, 2021, p. 175). Muitas das mulheres negras apresentadas por Lima não têm consciência do lugar que ocupam.

Silva (2011, p. 50) aponta Clara dos Anjos como uma mulher negra que não aceita a própria identidade étnica. Seu apelido, “Clarinha”, é uma ironia à sua cor, ou uma tentativa de branqueamento dela pelo seu algeoz, Cassi. Ao ser descrita como frágil e ingênua, emerge como uma vítima do racismo que destrói os seus sonhos, (SILVA, 2011, p. 67). O lugar em que Clara está é o da “solidão étnica”, faltam-lhe referências para se sentir pertencida (SILVA, 2011, p. 69).

Silva discorre sobre um complexo de inferioridade disfarçado de ingenuidade presente na personagem. Essa auto-rejeição reflete uma carência de identidade histórica, isto é ausência de pertencimento étnico que possibilitaria enxergar a própria beleza, a beleza do seu povo. A falta de referências e a alienação étnica pode deixar um indivíduo sem bases que o ajudem a ver o belo em si mesmo, pois está olhando a partir de uma lente que tem como padrão um “outro”, supostamente superior, por ser branco. Clara buscava um marido branco, como se um homem branco fosse o ideal a ser alcançado. Este último, na figura de Cassi, remete ao antigo dono de escravos, que imprime extrema violência nas relações sociais (SILVA, 2011, p. 75-77).

Quando Clara diz: “nós não somos nada nessa vida”, carrega a voz de uma coletividade racialmente discriminada (SILVA, 2011, p. 94), por um racismo que nunca respeitou os limites do outro, “negro”, que é tido como um ser passível de ser violado, pois não lhe são oferecidos direitos (SILVA, 2011, p. 94). Imagine quão afetada pode ficar a autoestima de um sujeito considerado feio devido à sua diferença em relação a um padrão de beleza construído nos moldes da branquitude? A fragilização do “outro” também pode ser historicamente construída.

Tal como Clara, Ismênia, de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, é outra mulher abandonada pelo noivo e, por essa razão, se desespera, como se a sua própria vida dependesse

do casamento, não restando nenhuma outra perspectiva além de vincular-se com um homem para ser esposa. Ismênia, manifesta a fragilidade de uma mulher que se afoga na sombra da figura masculina. A imagem da mulher, nesta representação, é de total submissão ao masculino. Talvez esta fosse uma ironia de Lima Barreto, pois, de acordo com Schwarcz, o autor se interessava por questões envolvendo o feminismo. Lima fazia campanha contra as teorias importadas do feminismo, que negligenciava o papel ocupado pelas mulheres negras, que tinham as suas próprias necessidades, que não eram incorporadas por um feminismo branco e importado da Europa (SCHWARCZ, 2017, p. 357-358).

O feminismo que Lima parece defender é aquele que trata da continuidade da escravidão que leva ao menosprezo de mulheres negras (SCHWARCZ, 2017, p. 413). Na obra do autor percebemos essas mulheres sendo objetificadas por “brancos defloradores”, o que demonstra as sobrevivências da escravidão e de um racismo atualizado (SCHWARCZ, 2017, p. 410-415). Lima também denunciava a sexualização das mulheres negras e a objetificação dos seus corpos (SCHWARCZ, 2017, p. 426). Saber que o autor fez considerações sobre o feminismo negro⁴⁴ em uma época tão escassa dos estudos envolvendo mulheres traz um grande alívio e a compreensão de quão arguta era a percepção de Lima, um intelectual capaz de tocar em questões tão delicadas e pouco debatidas no meio acadêmico de seu tempo. Lima já reclamava sobre a importância de trazer à baila a participação social e política de mulheres negras.

A filósofa Djamila Ribeiro (2017, p. 10) aponta para a importância de divulgar a produção intelectual negra, sobretudo, das mulheres, colocando-as na condição de sujeitos e seres ativos historicamente. Mas não só isso, Djamila (2017, 14) fala que é salutar restituir humanidades negadas, possibilitando a desestabilização de verdades que por tanto tempo foram inquestionáveis devido às naturalizações oriundas dos processos de colonização e dominação.

Kilomba (2020, p. 130) diz que as mulheres negras foram por muito tempo invisibilizadas no debate sobre o racismo, que sempre priorizou o sujeito negro masculino e um debate sobre gênero focado em mulheres brancas que não dava espaço para as experiências de mulheres negras. A autora denuncia a falsa ideia de “sororidade universal entre as mulheres”, uma vez que esta não toca no racismo que relega às mulheres negras experiências muito particulares que somente elas são capazes de narrar com a força de quem

⁴⁴ Na crônica *O futuro do feminismo*, Lima Barreto defende o feminismo e os seus avanços em relação às desigualdades entre os gêneros (CORRÊA, 2016, p. 251).

sofre na pele as agruras da discriminação, da inferiorização e do silenciamento. Elas são vitimizadas por discursos que as representam de uma maneira deturpada, estereotipada e violenta. A autora aponta que o racismo opera por meio de um regime discursivo que captura seres humanos associando-os a imagens e ideais que trazem em seu cerne o menosprezo. Há o aprisionamento de pessoas negras, sobretudo mulheres, em imagens racializadas construídas pela branquitude.

Na obra de Lima é possível identificarmos alguns elementos que marcam a vida das mulheres negras filhas dos processos de escravização. A desumanização que Clara dos Anjos vive se relaciona diretamente a este lugar superior “do branco”. Clara, como os escravizados negros, representava o “outro sem humanidade”. A mãe de Cassi nega a fala de Clara, a sua verdade e o próprio “ser” da menina, pois é considerada indigna de ser amada. Dona Salustiana representa a branquitude que nega o “outro”, que é “bestializado”, e, ao ser humilhado, é confinado ao sofrimento, ao trauma e alienação de si.

Viver em um mundo de negação da sua negritude, é motivo de grande sofrimento para Clara. No mundo branco ela só existe numa posição de subalternidade, do “outro inferior” e “estranho”. Saber que aquele a quem ela tanto amava e se dedicava, na verdade era um mentiroso aproveitador, a coloca em profundo desamparo. As verdades do seu coração foram completamente negadas, não podendo ser expressas, pois a sua humanidade não é validada. Hillman (2010, p. 36) diz que os nossos sentimentos são cruciais para a nossa existência, são eles que constituem o nosso coração. Se aquilo que é sentido pelo sujeito não é expresso, o seu coração adoece. A alma que não se expressa, cuja essência é reiteradamente rechaçada tem a sua beleza ferida frente ao grotesco processo de desumanização. O coração de Clara perecia, o seu brilho resistia arduamente. Mas o mundo branco a tornava um monstro e a obrigava a olhar para a imagem refletida em um espelho deturpado pelo racismo dos brancos.

Ao falar sobre a transformação do negro em “monstro”, pelos europeus ditos “civilizados”, Cynthia Hamlin e Jonatas Ferreira fazem uma excelente análise do caso de Sara Baartman, conhecida como a “Vênus de Hotentote”. De acordo com Hamlin e Ferreira :

Sara Baartman, mulher negra de cerca de 1,37m de altura, saída das profundezas do que hoje corresponde ao território sul-africano, ficou conhecida como Vênus Hotentote e foi exibida em feiras, circos, hospitais e museus da Europa do início do século XIX até 1994, quando seus restos mortais foram devolvidos a seu povo, os Khoisan. A junção dessas duas palavras poderia parecer um oxímoro, não fosse aquilo a que nos referimos anteriormente como a força ambígua do estereótipo. Temos aí, na verdade, dois estereótipos em um só. Por um lado, a imagem da Vênus, a deusa do amor e da beleza; por outro, o povo mais selvagem, mais animalesco, mais

aparentado com os orangotangos que povoavam a imaginação dos europeus do século XIX (HAMLIN, FERREIRA, 2010, p. 812).

Ao animalizar “o outro” ataca-se a sua dignidade, isso é como roubar-lhe o direito à existência, a autonomia sobre o seu próprio Ser.

Os (as) autores (as) apontam que:

Baartman nos interessa porque representa uma convergência importante entre os principais pontos levantados aqui. Em primeiro lugar, além de mulher, é negra. Em segundo lugar, representa um caso extremo de constituição de identidade a partir do olhar do outro. Privada de sua própria voz e da perspectiva cultural de seu povo, sua identidade pessoal foi inteiramente subsumida à sua identidade social, fazendo dela uma espécie de significante vazio que reflete os valores dos grupos que a constituem como um tipo específico de sujeito (HAMLIN, FERREIRA, 2010, p. 813).

Há semelhanças entre a Clara dos Anjos, de Lima Barreto e a “Vênus de Hotentote”. Ambas surgem como esse “outro não-civilizado”. Ambas mulheres, negras, tendo os seus corpos e existências capturados por um sistema que os desclassifica em detrimento do “branco”, que carrega os ideais de perfeição, pureza e beleza. Ao serem tidas como “monstros” ou como inferiores, tanto Sara como Clara sofrem todo rechaço dos “seres sem alma”, das vidas cuja humanidade foi sequestrada.

Thula Pires (2018, p. 67) afirma que os corpos que habitam na zona do “não-ser” tendem a ser objetificados, desumanizados, infantilizados e docilizados. Isso aconteceu no colonialismo, o que levou ao extermínio de povos inteiros. O projeto escravista brasileiro configurou-se como um sistema doentio, produtor de desigualdades, desumanidades, loucura, morte e genocídios. As mulheres negras sofreram muito nesse processo, assim como as indígenas, e tais sofrimentos tiveram consequências que se arrastaram até o presente.

3.3 O racismo ou “preconceito de cor” em outros escritos de Lima Barreto e o processo de inferiorização dos negros

Na coleção de contos, intitulada *Histórias e Sonhos*, Lima Barreto (2021)⁴⁵, também traz outros personagens vítimas do “preconceito de cor”: o menino Zeca, do conto *Amplius*, que sofre racismo de outros meninos; no conto *Os negros*, Lima descreve personagens sem identidade, que não são nomeados, e tratados como mercadorias, massacrados pela violência dos feitores, pela pobreza, tortura, os castigos mortais no tronco, além de assassinatos

⁴⁵ 2º volume da obra reunida de Lima Barreto (2021).

(BARRETO, 2021, p. 217-223). No conto *As teorias do Dr. Caruru*, há uma referência à ciência racista antropométrica, que fazia medições anatômicas dos escravizados a fim de provar que suas diferenças físicas eram consequência do que nomeiam de degeneração (BARRETO, 2021, p. 263). No conto *O homem que sabia javanez*, Lima menciona a doçura e o sofrimento de um velho africano e o desprezo da sociedade por “mulatos” (BARRETO, 2021, p. 320-331).

Em diversos outros escritos aparecem referências a personagens negros, como em: *Manuel Capineiro, Milagre de Natal e O Pecado*. Lima parece sempre estar em busca de dar testemunho dos que tiveram a voz roubada por mecanismos de poder e dominação colonialistas. No *Diário Íntimo*, um dos escritos mais introspectivos de Lima, é revelado muitos dos seus mais secretos pensamentos e sentimentos como se estivesse desnudando a própria alma através da escrita. Na obra, ele descreve cenas de racismo pelas quais passou, inclusive por ser um escritor. Ele desabafa que, por ser condenado à inferioridade, tem uma vida de desgostos, embora tenha a esperança de que, esse sofrimento “o fará grande” (BARRETO, 2021, p. 475).

No *Diário Íntimo*, Lima, na anotação do ano de 1904, questiona o lugar destinado aos negros no seu contexto, menciona a sobrecarga de serviços, a crueldade dos senhores, os castigos que infringem dor. Ao denunciar a sua revolta contra esse estado de coisas, também revela a sua empatia com a gente pobre e negra, dedicando para essas populações a sua literatura (BARRETO, 2021, p. 494-496). Em alguns momentos revela memórias que também se parecem com sonhos dos tempos da escravidão:

Da senzala, sem que sequer ouvissem o gorjeio dos pássaros, em filas cerradas, saíam, sob o peso do cativo, algumas centenas de negros. Aquela viva linha negra a estender, silenciosa, humilde, tinha a energia oculta de um filete que se infiltra pela terra adentro. Depois de furar cem metros, rebenta aqui como uma fonte cristalina; se mais desce, mais pressão e mais temperatura ganha, e complexidade na composição; voltando à flor da terra, é agora termal; se mais baixo vai, mais forte fica, e lá, nos profundos recessos do planeta, complica, revoluciona, baralha, e provoca vulcões. Lá ia a fila negra unida, cerrada, por entre os cafezais... (BARRETO, 2021, p. 530)

Ao descrever os seus sentimentos, narra um estado de melancolia que o acompanha, além de um sentimento de vergonha sobre as coisas que escreve ((BARRETO, 2021, p. 497). Chega duvidar do valor dos seus livros, o que demonstra inseguranças ocasionadas por sua

baixa autoestima⁴⁶ (BARRETO, 2021, p. 512), ao passo que tece duras críticas às teorias racistas que eram, também, responsáveis pela sua autodepreciação. Lima fica feliz em poder atacar aqueles pensamentos que o faziam sofrer desde os 14 anos (BARRETO, 2021, p. 532). Sobre os processos de desvalorização de si e o que eles ocasionam nas populações negras, Fanon aponta:

Não-valorização? Sim, certamente. Esta não-valorização de si, enquanto objeto digno de amor, tem graves consequências. De um lado mantém o indivíduo em um profundo estado de insegurança interior, e por isso inibe ou falseia qualquer relação com o outro. O indivíduo duvida de si próprio enquanto objeto capaz de suscitar a simpatia ou o amor. A não-valorização afetiva é observada unicamente nos seres que sofreram uma carência de amor e de compreensão durante a primeira infância (2008, p. 77).

Fanon (2008, p. 33) defende que “Falar é estar em condições de empregar um certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização”. Lima Barreto, ao falar e escrever, não somente assume a cultura negra, suburbana e pobre, como dá testemunho de dores coletivas que também o atravessam. Esse é um ato de coragem de quem teve uma infância que poderia tê-lo levado ao medo e à paralisia frente às próprias inseguranças. Fanon (2008, p. 78) reflete que a não-valorização conduz um sentimento de abandono e exclusão “extremamente doloroso e obsessivo”, aquela terrível sensação de não ter um lugar próprio em parte alguma. O indivíduo que passa por isso pode se sentir sobrando, afetivamente falando. Esse estado de abandono pode gerar instabilidade e a expectativa de que será repudiado. Fanon, defende que:

Não se pode avaliar suficientemente a intensidade do sofrimento que acompanha tais estados de abandono, sofrimento que é ligado, em parte, às primeiras experiências de exclusão da infância, e faz revivê-las com toda acuidade (2008, p. 78).

Uma grande dor, talvez uma ferida não curada de um infância negligenciada, que revoltava Lima, era desconfiarem de sua capacidade intelectual. Por ser negro, julgavam-no incapaz de inteligência. Não só ele, como todos os negros eram considerados menos

⁴⁶ Esse sentimento de Lima traz ambiguidades, pois ele problematiza o que faz com que pessoas negras se autodeprecie. Ao se dar conta da existência do “preconceito de cor”, ele tem consciência dos processos sociais de inferiorização que abalam a imagem que pessoas negras têm de si mesmas. Além disso, Lima, exalta a própria inteligência e chega a dizer, em nota do ano de 1908, que tem muito amor por si mesmo (BARRETO, 2021, p. 541).

inteligentes e menos capazes que os brancos. Porém, em seu íntimo ele sabia da sua grandeza e capacidade. *No Diário Íntimo*, escreve:

Porque então essa gente continua a me querer contínuo, porque? Porque. . . o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto e ele far-me-á grande. Era de perguntar se o Argolo, vestido assim como eu ando, não seria tomado por contínuo; seria, mas quem o tomasse teria razão, mesmo porque ele é branco. Quando me julgo — nada valho; quando me comparo, sou grande. Enorme consolo (BARRETO, 2021, p. 475).

Lima aponta que “A capacidade mental dos negros é discutida a priori e a dos brancos, a posteriori”. Para o autor, era inaceitável essa discriminação, sobretudo porque ela não tinha nenhuma base científica sólida, era baseada em mero preconceito e no desejo de escomungar os negros ao passo que o vigor mental branco era exaltado (BARRETO, 2021, p. 484).

Em suas anotações também aparecem descrições de seus envolvimento com o álcool, que se vincula também à sua indignação. Com tantos sofrimentos que minam as suas forças, só a bebida é que lhe dava prazer. Por isso, julga-se fraco, insensível e besta (BARRETO, 2021, p. 551). *No Diário Íntimo*, desabafa: “É triste não ser branco.” (BARRETO, 2021p. 545). Diz isso, não porque não gostasse de ser negro e quisesse ser branco, mas porque a sociedade racista tornava o lugar dos negros inabitável. Fanon (2008, p. 95) aponta sobre o sentimento do negro de querer ser branco:

Se ele se encontra a tal ponto submerso pelo desejo de ser branco, é que vive em uma sociedade que torna possível seu complexo de inferioridade, em uma sociedade cuja consistência depende da manutenção desse complexo, em uma sociedade que afirma a superioridade de uma raça; é na medida exata em que esta sociedade lhe causa dificuldades que ele é colocado em uma situação neurótica.

Importante ressaltar que este não é um sentimento apenas de Lima Barreto. Não se trata de uma situação que pode ser reduzida ao campo individual, pois tais comportamentos de inferiorização se relacionam com processos sociais e históricos. Fanon (2008, p. 34) aponta:

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será.

Fanon (2008, p. 95-93) argumenta que é preciso desconstruir esse dilema inconsciente que atravessa o pensamento dos negros. Como se faz isso? De acordo com o autor, ajudando-os a tomar consciência de que eles precisam abandonar o desejo de embranquecimento, pois o que precisa mudar são as estruturas sociais racistas. Esse dilema: ser branco ou desaparecer precisa ser transformado na pulsão por novas possibilidades de existir, o que equivale a perceber que a sociedade racista cria dificuldades aos negros por causa de sua cor, o que os leva ao desejo de mudar de cor, quando poderiam desejar a transformação das estruturas que estão estimulando essa vontade de embranquecimento. Pois, não há problema algum com a cor negra, ela não precisa ser mudada, nem deixar de existir, o que deve ser atacado é a mentalidade racista entranhada nas estruturas sociais que, dentre seus efeitos daninhos, há o de desencadear sentimentos de inferioridade em pessoas negras. Seguindo o pensamento de Silvio Almeida (2019), pensamos que as estruturas sociais são a verdadeira origem do conflito, portanto, cabe transformá-las.

Ao refletirmos sobre o complexo de inferioridade de indivíduos, precisamos considerar os elementos estruturais e contextuais em que eles estão inseridos. Ao pensarmos na grande solidão perceptível em Lima Barreto e Isaías Caminha, é salutar ampliar a nossa visão para perceber os macro-processos de subjugação de grupos humanos que passaram por traumas coletivos que deixaram marcas indelévels que são passadas às gerações posteriores. Superar os efeitos nocivos de construções históricas que incidem sobre os sujeitos é um grande desafio. Esta é mais uma das lutas dos povos que foram escravizados e colonizados, que se dá no campo material, simbólico, coletivo, individual e nas sutilezas das subjetividades.

O problema é saber se é possível ao negro superar seu sentimento de inferioridade, expulsar de sua vida o caráter compulsivo, tão semelhante ao comportamento fóbico. No negro existe uma exacerbação afetiva, uma raiva em se sentir pequeno, uma incapacidade de qualquer comunhão que o confina em um isolamento intolerável (FANON, 2008, p. 59).

O isolamento intolerável de Lima e Isaías pareciam vir de dentro para fora e de fora para dentro. Em meio a ambientes hostis e que feriam as suas subjetividades, já machucadas pelas dores dos seus irmãos e descendentes, eles se fecham para o Mundo, pois se sentem ameaçados, acuados e melancólicos. Fanon (2008, p. 77) aponta que a melancolia do negro refletia o medo de viver em uma sociedade que reprimia as suas mínimas pulsões, até mesmo

a pulsão de existir. O autor aponta que é o racista que cria o inferiorizado e a “inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia” (FANON, 2008, p. 90).

Pela perspectiva de Fanon, o racismo é uma construção dos brancos. São as estruturas sociais forjadas segundo uma visão envenenada pelo racismo que vão gerar inúmeros sofrimentos para as pessoas negras. Lima Barreto estava imerso num contexto em que tais estruturas o pressionavam incessantemente. Afligido de um lado por ser negro e de outro por ser pobre, Lima encontrou na cachaça uma válvula de escape que lhe cobrou um alto preço. Embora a bebida não tenha sido a causa primária da sua “loucura”, ela funcionou como a ponte que o conduziu aos internamentos nos hospícios, embora, lá de dentro, intimamente ele soubesse que, louco mesmo não era ele, mas o racismo que machucava toda a sua existência e massacrava violentamente a sua subjetividade, como havia feito com milhares dos seus irmãos e descendentes no passado. Ao falar do racismo em sua literatura, Lima dá um testemunho pungente e extremamente necessário sobre a dureza da história que nos constituiu enquanto nação. A voz que o autor levantou contra o racismo ecoa em sua obra e nos serve como estímulo vivificante na luta antirracista que precisa ser abraçada por todas e todos nós nas diversas esferas das nossas vidas.

4. A LOUCURA A PARTIR DA LITERATURA DE LIMA BARRETO

De mim para mim tenho certeza que não sou louco, mas devido ao álcool, misturado com toda espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material há 6 anos me assoberbam. De quando em quando dou sinais de Loucura: delírio.

Trecho do livro *Diário do Hospício*, de Lima Barreto (2021, p. 579)

4.1 Enlouquecimento e escravidão

A partir da leitura dos capítulos anteriores, bem como dos escritos de Lima Barreto, inferimos que, no contexto brasileiro do final do século XIX e início do século XX, abrangendo o tempo da Primeira República, as vidas negras eram destituídas de qualquer valor, uma vez que haviam sido precarizadas pelas violências advindas da colonização e da escravização. As vidas pretas não importavam⁴⁷. A época de Lima era de um contexto sócio-histórico em que as vidas humanas escravizadas não tinham valor. Seus corpos podiam perecer sem que houvesse qualquer comoção. Suas mentes estavam passíveis de ser arruinadas pelos castigos físicos e danos emocionais. Silva (2017, p. 3) aponta que o “trauma cultural” deve ser encarado como uma “memória coletiva: uma lembrança penetrante encravada no sentido que um povo tem de si.”. Esse trauma reverbera em aspectos psicológicos desencadeados no corpo e na mente dos homens e mulheres descendentes de escravizados, cujo sofrimento persiste e se arrasta no tempo (SILVA, 2017, p. 3).

O passado não pode ser simplesmente esquecido. Os seus efeitos sobrevivem, sobretudo, quando imaginamos um contexto em que seres humanos eram tratados como pedaços de carne, mercadorias ou objetos desprezíveis. Em tal conjuntura, o tratamento desumano dispensado aos escravizados era naturalizado pela sociedade racista. Os feitores e capitães do mato visavam os próprios interesses e obedeciam às ordens dos patrões. Os escravizados eram separados de suas terras, de suas famílias, de sua cultura, tinham a alma dilacerada e os sonhos destruídos. Quando o racismo determina relações sociais não podemos esperar nenhum tratamento igualitário entre os sujeitos, pois as concepções racistas minam a dignidade do ser inferiorizado.

Um pouco antes de Lima Barreto, a escritora Maria Firmina dos Reis já possuía um posicionamento bastante crítico em relação ao modo como os escravizados eram tratados. Em

⁴⁷ Para uma rica discussão sobre a precarização de vidas humanas, sugiro a leitura de Butler (2015), Butler (2011) e Agamben (2015).

1859, Firmina publica o seu romance *Úrsula*, em que a autora assume um posicionamento bastante vanguardista ao valorizar os discursos dos negros e das mulheres, algo muito incomum para a época, uma vez que essas pessoas tinham as suas vozes negadas. A própria autora assume esse papel de protagonismo em um contexto em que o patriarcalismo ditava as regras. Firmina publica contos, poesias e crônicas em jornais. Extremamente engajada nas lutas abolicionistas. Seus escritos assumem um papel de crítica ao sistema escravista. É desse período, mais precisamente em 1887 que surge o seu conto *A Escrava*, uma espécie de manifesto contra a opressão dos negros e negras escravizados (ZIN, 2017, p. 145). Neste conto, Reis problematiza a escravidão e os processos de enlouquecimento oriundos das desumanizações e violações presentes no modo como os escravizados eram tratados. A exposição a tanta brutalidade vai, gradativamente, ferindo a alma, machucando o coração da escravizada Joana, protagonista da história.

James Hillman (2010) refere-se ao coração humano como se fosse o centro da vida, espécie de rio que contém a existência e que é fonte de imaginação, pulsão de vida, tal como um centro de onde tudo emana. O que podemos imaginar de um coração subjugado pela opressão que corrói a dignidade do ser? Parece uma visão aterradora, pensar em uma alma humana mortificada pela impossibilidade de ser livre, uma vez que toda a subjetividade desse ser é conformada por um regime de negações e impossibilidades. Como um coração seria capaz de irradiar o seu brilho, se há grilhões inquebráveis, paredes densas que minam a luz do ser? A indiferença, a desvalorização, as torturas reiteradas, os ataques à alma e todos os sofrimentos oriundos da condição de escravizado alimentam um coração de dor, de mágoa e ressentimento. Em um solo cultivado dessa forma, o que poderia brotar além da loucura, do desespero de não encontrar saída para tanto sofrimento. De onde brotaria a esperança? Sabemos que em Lima brotou o inconformismo e a resistência.

Apesar do sofrimento, é possível imaginarmos um coração que não se apaga, apesar da dor? Com a sua grande luta, talvez o coração de Lima Barreto fosse assim, resistente, um coração que resiste, tal como um “coração de leão”, de que fala Hillman (2010, p. 18-19). Um coração que não cede, que sonha, que brilha, apesar das paredes que insistem em obliterar a sua beleza e esplendor. É este o coração dos que resistem ao jugo que amordaça o ser. O coração que quer brilhar, apesar de estar queimando e afligido pelas vicissitudes de uma vida marginalizada. Lima guarda traços dos corações cativos, dos aprisionados e escravizados. O que faz com que mantenha acesa a chama que simboliza a esperança de dissolver as jaulas, grades, corrente, chicotes e troncos. A sua inteligência não era a dos brancos, mas a de um sobrevivente descendente de um povo aviltado e traumatizado. Lima traz em seu sangue, as

memórias de sua mãe, Amália Augusta, filha de escravizados, mulher negra que sofria de tripla exclusão: a de cor, de gênero e de classe.

Giselle Luz (2018, p. 196) aponta que no período escravista, as mulheres negras tiveram a sua identidade negada. Foram retiradas à força do seu país de origem e colocadas em outro completamente desconhecido, sendo-lhes vedado o direito de falar a própria língua, alimentar-se com as suas comidas típicas, vestir-se como se vestiam antes. Enfim, foram obrigadas a deixar de “ser quem eram” para se tornar aquilo que “deveriam ser”, segundo a vontade colonizadora. Este foi um processo de apagamento e de aniquilamento do ser. Essas mulheres se tornaram “coisas” no regime escravocrata em prol de interesses financeiros, o que desencadeou a exploração insana dos seus corpos, que também eram alvo de construções preconceituosas.

Fanon (2008, p. 106-107) sobre o processo de construção da imagem negativa do negro no imaginário dos brancos, aponta:

Meu corpo era devolvido desancado, desconjuntado, demolido, todo enlutado, naquele dia branco de inverno. O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto! Faz frio, o preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer!

O processo de animalização dos sujeitos, em que as suas humanidades são arrancadas e substituídas por imagens monstruosas, nos faz lembrar de como os loucos foram historicamente tratados.

4.2 A loucura segundo os escritos de Michel Foucault

Michel Foucault (1978) teceu reflexões fundamentais sobre a loucura. Ao fazer referência à “Nau dos loucos” na Idade Clássica, o filósofo chama atenção para o modo como as pessoas loucas eram tratadas nas cidades: geralmente com desprezo, muitas delas sendo expurgadas pelos municípios e outras já eram encaminhadas aos hospitais (FOUCAULT, P. 13-14). Foucault explica as transformações que a loucura vai sofrer na Europa: se antes os loucos poderiam ser colocados em barcos para serem lançados fora da cidade, no século XIX o seu destino será, cada vez mais, o encarceramento. Foucault aponta, acerca da loucura, nesse período:

[. . .] entre os muros do hospital, ao lado de todos os pobres. É lá que a encontraremos ainda ao final do século XVIII. Com respeito a ela, nasceu uma nova sensibilidade: não mais religiosa, porém moral. Se o louco aparecia de modo familiar na paisagem humana da Idade Média, era como que vindo de um outro mundo. Agora, ele vai destacar-se sobre um fundo formado por um problema de "polícia", referente à ordem dos indivíduos na cidade. Outrora ele era acolhido porque vinha de outro lugar; agora, será excluído porque vem daqui mesmo, e porque seu lugar é entre os pobres, os miseráveis, os vagabundos. A hospitalidade que o acolhe se tornará, num novo equívoco, a medida de saneamento que o põe fora do caminho. De fato, ele continua a vagar, porém não mais no caminho de uma estranha peregrinação: ele perturba a ordem do espaço social. Despojada dos direitos da miséria e de sua glória, a loucura, com a pobreza e a ociosidade, doravante surge, de modo seco, na dialética imanente dos Estados (1978, p. 72)

A nova sensibilidade que emerge tende tratar os loucos como problema de polícia, associando-os à vagabundagem, delinquência e desordem. Passam a ser alvo de políticas estatais que visam confiná-los em instituições para que parem de “sujar as cidades” com as suas existências. É importante lembrar que já no início do século XVI, conforme aponta Foucault (1978, p. 73) já havia a tendência do Estado em criminalizar a pobreza, assim não fica muito difícil compreender como, posteriormente, a loucura será associada a ela. Loucos, pobres, vagabundos e ociosos são tratados como a escória da sociedade, seres que poluíam as cidades e que, portanto, não poderiam ficar circulando. Eram considerados anormais⁴⁸.

Devido às graves crises econômicas do século XVII, com a diminuição dos salários e o aumento do desemprego, percebe-se, também, uma supervalorização do trabalho. No entanto, os loucos eram considerados incapazes e, frequentemente, associados à ociosidade. Nas palavras de Foucault (1978, p. 83): “ A partir da era clássica, pela primeira vez, a loucura é percebida através de uma condenação ética da ociosidade”. Ou seja, o fato de não poderem entrar no mundo do trabalho apresenta-se como uma explicação para a depreciação dos loucos.

Sobre o processo da “grande internação” associada com a ociosidade e mendicância que se consolida no século XVII e se intensifica nas décadas seguintes, Foucault sintetiza:

⁴⁸Prado Filho (2012) e Lemos (2012) indicam que é importante nos atentarmos para os “jogos de verdade, relações de poder e efeitos de objetivação e subjetivação”, que criam em nossas sociedades a loucura como se fosse uma experiência política de desvio da norma e o louco como existente nas margens da razão, do que é considerado normal e da própria sociedade (PRADO FILHO, LEMOS, 2012, p. 48). Padrões de normalidade são construções históricas que geram categorias de diferenciação e exclusão, podendo redundar em marginalização dos sujeitos que se desviam.

A internação é uma criação institucional própria ao século XVII. Ela assumiu, desde o início, uma amplitude que não lhe permite uma comparação com a prisão tal como esta era praticada na Idade Média. Como medida econômica e precaução social, ela tem valor de invenção. Mas na história do desatino, ela designa um evento decisivo: o momento em que a loucura é percebida no horizonte social da pobreza, da incapacidade para o trabalho, da impossibilidade de integrar-se no grupo; o momento em que começa a inserir-se no texto dos problemas da cidade. As novas significações atribuídas à pobreza, a importância dada à obrigação do trabalho e todos os valores éticos a ele ligados determinam a experiência que se faz da loucura e modificam-lhe o sentido (1978, p. 89)

Os loucos passam a ser excluídos e internados a fim de se poder organizar as cidades (FOUCAULT, 1978, p. 94). A terapêutica dessas instituições visará à purificação, seguindo a perspectiva de que o corpo louco é lugar contaminado pelo pecado. Doentes mentais e aqueles acometidos por doenças venéreas dividem o mesmo espaço, como se portassem a mesma sina e sistema de punição. Loucura e devassidão se aproximam no século XVII e XVIII, ambas associadas ao pecado (FOUCAULT, 1978, p. 98-99).

Foucault também discorre sobre o quanto a sexualidade dissidente e todos os comportamentos tidos como anormais caíam na classificação de loucura, também rituais, práticas mágicas, receitas de feitiçaria, astrologia, alquimia, adivinhação e uma série de outras singularidades eram enquadradas como doença mental (1978, p. 103-109). O profano é tido como patológico (1978, p. 111). O internamento emerge como uma solução para o que era considerado anormal e que deveria ser purificado através da coerção, tal como explicou Foucault:

Na repressão do pensamento e no controle da expressão, o internamento não é apenas uma variante cômoda das condenações habituais. Tem um sentido preciso, e deve representar um papel particular: o de conduzir de volta à verdade através da coação moral [. . .] Há todo um aspecto, quase pedagógico, que faz da casa de internamento uma espécie de casa de força para a verdade: aplicar uma coação moral tão rigorosa quanto necessária para que a luz se torne inevitável (1978, p. 112-113).

O autor vai dizer que essas casas de internamento vão se assemelhar a prisões (1978, p. 130), lugares onde se aprisionavam aqueles cuja condição se aproximava da bestialidade, da animalidade, sendo, portanto tratados como bichos enjaulados, muitas vezes, imersos nas próprias fezes e despojados de humanidade (1978, p. 167-168).

Foucault questiona a naturalização da loucura que faz com que ela seja reduzida a uma categoria médica e a conceitos meramente biológicos. Na mentalidade europeia, segundo o autor:

A evidência do "este aqui é louco", que não admite contestação possível, não se baseia em nenhum domínio teórico sobre o que seja a loucura. Mas, inversamente, quando o pensamento clássico deseja interrogar a loucura naquilo que ela é, não é a partir dos loucos que ele o faz, mas a partir da doença em geral. A resposta a uma pergunta como: "Então, que é a loucura?" é deduzida de uma análise da doença, sem que o louco fale de si mesmo em sua existência concreta (1978, p. 207)

Na perspectiva da medicina e da filosofia da época clássica, o delírio vai se referir à imaginação perturbada e desviada, que cai no erro e é acompanhada por perturbações do corpo. No delírio vai ser incluída a mania, envolvendo ações que parecem ridículas, extraordinárias e sem motivação aparente. A melancolia, também tida como um delírio, é caracterizada pela tristeza ou preocupação excessiva em relação a alguma coisa ou alguém, também pode se relacionar a um estado de espírito sombrio e solidão (FOUCAULT, 1978, 221-225).

4.3 A loucura e o hospício na obra barreteana

No *Diário Íntimo*, Lima Barreto, em 1910 usa o termo “doutrina da solidão” para referir à loucura. A melancolia, angústia, tédio, maus pensamentos também aparece em seu discurso, em 20 de abril de 1914, escreve:

Hoje, pus-me a ler velhos números do *Mercure de France*. Lembro-me bem que os lia antes de escrever o meu primeiro livro. Publiquei-o em 1909. Até hoje nada adiantei. Não tenho editor, não tenho jornais, não tenho nada. O maior desalento me invade. Tenho sinistros pensamentos. Ponho-me a beber; paro. Voltam eles e também um tédio da minha vida doméstica, do meu viver quotidiano, e bebo. Uma bebedeira puxa outra e lá vem a melancolia. Que círculo vicioso! Despeço-me de um por um dos meus sonhos. [. . .]

A minha casa me aborrece. O meu pai delira constantemente e o seu delírio tem a ironia dos loucos de Shakespeare. Meus irmãos, egoístas como eles, queriam que eu lhes desse tudo o que ganho e me curvasse à Secretaria da Guerra.

O que me aborrece mais na vida é esta secretaria. Não é pelos companheiros, não é pelos diretores.

É pela sua ambiência militar, onde me sinto deslocado e em contradição com a minha consciência.

Não posso suportá-la. É o meu pesadelo, é a minha angústia.

Tenho por ela um ódio, um nojo, uma repugnância que me acabrunha. [. . .]

Demais, o meu feitio é tão oposto àquela atmosfera de violência, de opressão, de bajulação, que me enche de revolta. Não sei o que hei de arranjar para substituir aquilo, e a minha gana de sair de lá é tão grande, que não me promovem, não me fazem dar um passo à frente. [. . .]

Enfim, a minha situação é absolutamente desesperada, mas não me mato. Quando estiver bem certo de que não encontrarei solução, embarco para Lisboa e vou morrer lá, de miséria, de fome, de qualquer modo. Desgraçado nascimento tive eu! Cheio de aptidões, de boas qualidades, de grandes e poderosos defeitos, vou morrer sem nada ter feito. Seria uma grande vida, se tivesse feito grandes obras; mas nem isso fiz (2021, p. 583-584).

Em 13 de julho do mesmo ano, Lima escreve: “Noto que estou mudando de gênio. Hoje tive um pavor burro. Estarei indo para a loucura?”. Introduzir esse trecho do diário, neste momento, é importante para percebermos o teor da linguagem reflexiva de Lima a respeito da própria loucura.

No relato, podemos observar que o escritor descreve um cenário de grande sofrimento emocional. Sem motivação para escrever, sem editores, sem jornais, sem nada, ele cai em pensamentos sombrios, isso o motiva à bebedeira, logo vem a melancolia. Ele sente como se seus sonhos morressem diante de si. Os problemas familiares, a loucura do seu pai e a pressão dos seus irmãos por dinheiro, tendo que trabalhar em um ambiente em que se sente totalmente deslocado e insatisfeito são como venenos para a sua alma. Ele se sente desesperado e sem saída, pensa em suicídio, motivado pelo contexto em que está inserido. Pode-se perceber a profunda angústia de quem sabe que tem muitos potenciais, mas que está impossibilitado de fazer o que quer, pois precisa sobreviver e lidar com os problemas familiares. Tanta tristeza e amargura faz com que o seu “gênio” mude, como se a loucura estivesse se apresentando.

Destacar esse trecho do *Diário Íntimo*, é de grande importância para refletirmos sobre as representações da insanidade que Foucault está elencando em sua “história da loucura”. De acordo com Foucault (1978, p. 259-263) a loucura, segundo a concepção biologizante da época clássica, também pode envolver alucinação, convicções e imagens que constituem um delírio, que afasta os acometidos do caminho tido como reto e racional.

A partir do discurso delirante, a loucura se manifesta na linguagem, seja na fala ou no corpo. No sonho, ela assume sua “natureza primeira e revela, através desse parentesco, que é uma libertação da imagem na noite do real” (FOUCAULT, 1978, p. 266). A noite é uma metáfora para designar o que não pode ser visto, um estado de confusão em que nada é nítido, como se uma penumbra estivesse encobrindo a realidade. Nesse tempo, segundo a concepção corrente, a loucura se assemelhava, de forma preconceituosa, a uma cegueira, a um universo de imagens falsas, tal como a sintaxe geral do sonho (FOUCAULT, 1978, 268). Nota-se que a loucura é descrita como um fenômeno individual, isto é, que brota do sujeito.

Neste trabalho, a loucura é tomada sob uma perspectiva além da sua dimensão biológica, pois ela é pensada como fenômeno social que atravessa os indivíduos tal como

condicionantes e marcadores sociais de raça e classe, estando intimamente relacionada com estes, na medida em que são as pessoas mais pobres, vulnerabilizadas e sem assistência que a loucura, isto é, o adoecimento psíquico em suas diferentes formas vão se manifestar da forma mais brutal e desagregadora.

No *Diário do Hospício*, Lima Barreto, à semelhança de Foucault, traça uma potente crítica à forma como os loucos eram tratados na época. Curiosamente, aponta que o tratamento da loucura era tão brutal quanto aquele empregado na Idade Média, na verdade, para ele, não havia mudanças. Segue o trecho:

Amaciado um pouco, tirando dele a brutalidade do acorrentamento, das surras, a superstição de rezas, exorcismos, bruxarias, etc. , o nosso sistema de tratamento da loucura ainda é o da Idade Média: o sequestro. Não há dinheiro que evite a Morte, quando ela tenha de vir; e não há dinheiro nem poder que arrebate um homem da loucura. Aqui, no hospício, com as suas divisões de classes, de vestuário, etc. , eu só vejo um cemitério: uns estão de carneiro e outros de cova rasa. Mas, assim e assado, a Loucura zomba de todas as vaidades e mergulha todos no insondável mar de seus caprichos incompreensíveis (BARRETO, 2021, p. 707).

Lima Barreto informa que muitos dos sujeitos que ocupavam aqueles espaços abjetos no hospício eram pobres e negros, no *Diário do Hospício*, escreve, sobre as pessoas internadas:

São de imigrantes italianos, portugueses e outros mais exóticos, são os negros roceiros, que teimam em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira esmolambada e uma manta sórdida; são copeiros, cocheiros, moços de cavalaria, trabalhadores braçais. No meio disto, muitos com educação, mas que a falta de recursos e proteção atira naquela geena social (BARRETO, 2021, p. 681)⁴⁹.

Na citação, o hospício emerge como um inferno social destinado aos pretos e pobres, aos trabalhadores sem recursos. Isso me faz lembrar de um exemplo estarrecedor da articulação entre marcadores sociais da diferença com a loucura, que pode ser percebido no genocídio em Barbacena-MG, muito bem documentado e descrito no livro *Holocausto Brasileiro*, da jornalista Daniela Arbex (2019), que narra os horrores do Hospital Colônia, um lugar semelhante a um campo de concentração onde pessoas pobres, pretas, homossexuais, desempregados, mulheres e outros indesejados sociais eram deixados para morrer. No livro, a

⁴⁹ Orivaldo Pimentel, após a leitura desse texto, me convidou a refletir se esse imigrantes europeus, destacados por Lima, não poderiam ser oriundos de uma espécie de “eugenia europeia”, tal como a “Nau dos insensatos” de que fala Foucault. Esta é uma questão que pode render mais pesquisas no futuro.

autora traz registros fotográficos que demonstram a degradação a que estavam submetidos os internos do hospital. Podemos nos perguntar: qual a razão de chamar o que ocorreu em Barbacena de Holocausto? Logo no prefácio do livro, a escritora e jornalista Eliane Brum (2013), apresenta a obra e nos ajuda a entender a referência:

Pelo menos 60 mil pessoas morreram entre os muros do Colônia [entre 1930 e 1980]. Tinham sido, a maioria, enfiadas nos vagões de um trem, internadas à força. Quando elas chegaram ao Colônia, suas cabeças foram raspadas, e as roupas, arrancadas. Perderam o nome, foram rebatizadas pelos funcionários, começaram e terminaram ali. [. . .]

Cerca de 70% não tinham diagnóstico de doença mental. Eram epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, gente que se rebelava, gente que se tornara incômoda para alguém com mais poder. Eram meninas grávidas, violentadas por seus patrões, eram esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, eram filhas de fazendeiros as quais perderam a virgindade antes do casamento. Eram homens e mulheres que haviam extraviado seus documentos. Alguns eram apenas tímidos. Pelo menos trinta e três eram crianças. [. . .]

Os pacientes do Colônia morriam de frio, de fome, de doença. Morriam também de choque. Em alguns dias, os eletrochoques eram tantos e tão fortes, que a sobrecarga derrubava a rede do município. Nos períodos de maior lotação, dezesseis pessoas morriam a cada dia. Morriam de tudo — e também de invisibilidade. Ao morrer, davam lucro. (2013, p. 13-14).

Confinamentos em vagões de trem, cabeças raspadas, roupas arrancadas e mortes em série, a história da Alemanha nazista parecia estar se repetindo em solo brasileiro. O cenário desesperador descrito por Arbex (2019) nos ajuda a entender os mecanismos de desumanização que as pessoas internadas sofriam nessas instituições. A escritora se refere a um cheiro insuportável, muita sujeira, cadáveres misturados entre os vivos, ratos por toda parte (2019, p. 20-23). A teoria eugenista, tão criticada por Lima Barreto, segundo Arbex (2019, p. 24):

[...] sustentava a ideia de limpeza social, fortalecia o hospital e justificava seus abusos. Livrar a sociedade da escória, desfazendo-se dela, de preferência em local que a vista não pudesse alcançar.

Em 1930, com a superlotação da unidade, uma história de extermínio começou a ser desenhada. Após trinta anos, existiam 5 mil pacientes em lugar que comportava 200. A partir do olhar das testemunhas, vítimas e trabalhadores do Colônia, a autora narra um dos episódios mais tristes da história brasileira (ARBEX. 2019, p. 24). Não é possível mensurar o nível de indignidade que aquelas pessoas estavam vivendo. Muitas delas eram levadas para lá em viaturas policiais, até mesmo delegados podiam assinar as requisições de internação. Tudo era

muito precário. Quando o Hospital Pedro II foi instituído por decreto em 1841, a assistência aos loucos era extremamente incipiente, havia poucos médicos psiquiatras e clínicos (ARBEX. 2019, p. 27)

Havia internações arbitrárias, como o caso de Antônio Gomes Silva, encaminhado para o Colônia quando tinha vinte e cinco anos por que estava desempregado, sofria de “bebedeira” e passava por uma crise nos negócios. Foi encaminhado para o hospício por um delegado no dia 3 de janeiro de 1969, ficando lá por mais de quarenta anos (ARBEX. 2019, p. 28).

Em Barbacena, os tratamentos de choque eram comuns e serviam para contenção e intimidação dos loucos. Muitos deles morreram por causa desses castigos (ARBEX. 2019, p. 31):

A eletroconvulsoterapia existe, desde 1938, para tratamento de doenças mentais, mas seu uso, no século passado, foi muito controverso. A tecnologia do eletrochoque se modernizou há um par de décadas, sendo utilizada nos dias atuais com fins terapêuticos para alguns tipos de transtornos, como a depressão profunda, embora existam correntes contrárias ao seu uso. No Brasil, o método só passou a ter mais controle em 2002, quando o Conselho Federal de Medicina estabeleceu regras específicas para a adoção da técnica, como a necessidade de aplicar anestesia geral. Além da anestesia, a utilização de relaxantes musculares ameniza as convulsões, mas nem sempre foi assim. No Colônia, o choque era aplicado a seco e tinha características semelhantes à tortura (ARBEX. 2019, p. 32).

Como se os horrores descritos não fossem suficientes, no Colônia também se fazia a lobotomia, intervenção cirúrgica no cérebro que deixava muitos dos internos em estado catatônico (ARBEX. 2019, p. 45). A venda de cadáveres também alimentava um comércio assustador dentro do hospício.

Além daqueles trinta cadáveres, outros 1.823 corpos foram vendidos pelo Colônia para dezessete faculdades de medicina do país entre 1969 e 1980. Como a subnutrição, as péssimas condições de higiene e de atendimento provocaram mortes em massa no hospital, onde registros da própria entidade apontam dezesseis falecimentos por dia, em média, no período de maior lotação. A partir de 1960, a disponibilidade de cadáveres acabou alimentando uma macabra indústria de venda de corpos (ARBEX. 2019, p. 67).

A utilização dessas ricas e assustadoras descrições, que Arbex fez do manicômio de Barbacena, nos ajuda a compreender que, dentro de um hospício, pode haver dimensões de sofrimento inimagináveis para quem está fora dos muros. Muitas das pessoas que foram internadas sequer estavam doentes, mas adoeceram devido ao confinamento, maus tratos, negligências, assédios e humilhações que sofreram dentro da instituição.

A partir disso, podemos refletir sobre a face socialmente construída da loucura, uma vez que, condições sociais desfavoráveis: econômicas, de gênero e de classe, vulnerabilizam pessoas, as deixam sem saída, sem esperanças e confinadas em uma miséria de perspectivas. Barbacena era uma indústria de produzir a morte em massa daqueles que já estavam sendo mortos por condições aviltantes por um Estado que praticava a necropolítica, descrita por Achille Mbembe (2018). Essa necropolítica se manifestava na vida dentro dos manicômios.

Destaco, em virtude dos objetivos dessa pesquisa, o modo como Lima Barreto falou sobre a dureza da realidade manicomial. A sua crítica feroz contra os hospícios já fica explícita no título de *Cemitério dos Vivos*, que descreve o hospício como uma lugar onde a morte habita, pois aqueles que estão lá são como mortos ou semi-vivos, confinados a uma realidade mortífera que tem o terrível poder de docilizar corpos e silenciar existências através de uma morte social que, no contexto de Lima Barreto, também servia como uma estratégia de higiene urbana, uma vez que os hospícios eram os lugares onde costumavam ser despejados os indigentes, desempregados, mulheres, pretos e todos os demais indesejáveis.

Descrições nada agradáveis dos manicômios aparecem nos romances *Cemitério dos Vivos* e *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, *Diário Íntimo* e no *Diário do Hospício*. Os seus respectivos protagonistas, Vicente Mascarenhas, Major Quaresma e Lima Barreto desnudam a subjetividade do escritor, que se materializa nesses personagens que dão testemunhos de memórias individuais e coletivas.

Lima vai se ferir aos hospícios como um depósito de “anormais”, repleto de funcionários que desumanizam as pessoas, com exceção do médico psiquiatra Juliano Moreira, por quem tinha afeição e admiração. Juliano Moreira tinha uma postura sensível, progressista e bem diferente de Nina Rodrigues (BARRETO, 2017, p. 9-11). Como foi visto em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, no *Diário do Hospício* e no *Cemitério dos Vivos*, o hospício é um lugar que degrada seres humanos, deixando marcas profundas e levando a estados de profunda tristeza.

4.4 Raça e loucura

Uma polícia de morte praticada por um poder soberano que controla quem deve morrer e quem deve viver, fazendo uma separação de grupos humanos através do estabelecimento de divisões biológicas entre uns e outros, um racismo praticado pelo Estado (MBEMBE, 2018, p.17). Um manicômio como o de Barbacena representava uma tecnologia eficiente para matar, pois produzia mortes silenciosas de vidas que não serão reclamadas.

Quais vidas são essas? Pessoas consideradas a ralé social, os seres humanos que o racismo classifica e distribui para o local onde deveriam morrer vários tipos de morte.

De acordo com Mbembe (2018, p. 41), o poder soberano tem a prerrogativa de determinar quem importa e quem não tem importância, quem é descartável e quem não é. Imbuído de teorias racistas que embasam as suas ações, esse Estado submete populações a condições de vida que transformam seres humanos em mortos vivos dentro de instituições como o Barbacena e tantas outras semelhantes (MBEMBE, 2018, p. 71). Nelas, o terror age como uma ferramenta política para paralisar e impedir a resistência. Nelas são suspensas todas as garantias de direitos dos sujeitos, para que se possa matar à vontade.

De acordo com Soares (2017, p. 254), embasado em ideias foucaultianas, raça aparece nesse universo como uma categoria histórica de sujeição, que é apropriada pela psiquiatria como sendo critério de inferiorização de sujeitos. Os negros eram as principais vítimas desse sistema de exclusão. Mbembe (2014, p. 70) aponta que:

[...] a raça é uma das matérias-primas com as quais fabricamos a diferença e o excedente, isto é, uma espécie de vida que pode ser gasta ou passada sem reservas. Pouco importa que ela não exista enquanto tal, e não só devido à extraordinária homogeneidade genética dos seres humanos. Ela continua a produzir efeitos de mutilação.

O autor também diz:

Neste contexto, os processos de racialização têm como objectivo marcar estes grupos de populações, fixar o mais possível os limites nos quais podem circular, determinar exactamente os espaços que podem ocupar, em suma, conduzir a circulação num sentido que afaste quaisquer ameaças e garanta a segurança geral. (MBEMBE, 2014, p. 71).

Para Mbembe, raça surge historicamente como um marcador de sujeição, servindo para diferenciar grupos humanos⁵⁰. Esta categoria de diferenciação que atribui aos negros uma inferioridade inata serviu como justificativa para diversas violências praticadas, inclusive, pela ciência. Mbembe (2014, p. 82) aponta para um “falso saber” e uma “primitiva psicologia” dos povos herdados do século XIX que coloca a África estagnada numa espécie de “infância do mundo” e um “negro” como portador de uma cegueira ou uma suposta infantilidade que o confinava à “idiotia”.

⁵⁰ Mbembe (2014, p. 81) aponta: “[...] A mentalidade dita selvagem teria uma incapacidade em processos de argumentação racionais. Não seria lógica, mas «pré-lógica».”.

A ciência racista postulou por muito tempo que essa condição de inferioridade era congênita. Assim, nasceu a justificativa para a colonização, pois os europeus seriam os responsáveis por levar a “civilização” que retiraria os negros da barbárie e degenerescência. Os brancos se colocam como os superiores paladinos portadores da luz e da felicidade que os “outros”, bárbaros, supostamente não tinham. Para Mbembe (2014, p. 118-119) a ideia de mistura racial causava um verdadeiro pavor aos europeus.

Na época da colonização vigorava o darwinismo social. O autor explica que, apesar de muito combatidas, as verdades científicas racistas, baseadas na biologização da vida, eram defendidas por muitos, que também acreditavam na oposição de grupos humanos tendo como pano de fundo aspectos genéticos. Essa crença não se restringia a indivíduos particulares, pelo contrário, tinham uma dimensão social que fundamentava a política do Estado Colonial Europeu. Essa visão reducionista e racista era crucial para definir o modo como os europeus enxergavam os “outros”, não-europeus (MBEMBE, 2014, p. 118-119).

Os negros eram sempre colocados em uma condição miserável, sórdida, possuidores de deficiências mentais e físicas. Por isso, no entendimento europeu, deveriam ser salvos. A compaixão e suposta bondade dos colonizadores brotava da concepção de que esse “outro” era um ser menor, sem luz, sem inteligência e sem alma.

Já no Brasil, raça, para o discurso médico-psiquiátrico em fins do século XIX e início do XX aparece mergulhada em teorias que sustentam que a mistura racial era um grande mal para a nação. Essa mistura era associada à loucura e à degeneração da espécie. O negro era considerado sujeito à loucura por sua suposta inferioridade biológica. As tentativas de branqueamento populacional eram uma forma de garantir uma “evolução para a perfeição da espécie”. A “demência” costumava ser associada a negros, estes já seriam predispostos à loucura. Problemas como embriaguez eram associados à raça. Quanto mais mestiço era o indivíduo, mais estaria sujeito às doenças mentais. Tais teorias vigoravam no discurso psiquiátrico da época. Médicos, como Nina Rodrigues (1862-1906), Henrique Belford Roxo (1877-1969) e Francisco Franco da Rocha (1863-1933) defendiam a condição de inferioridade dos negros. Diziam que estavam mais propensos à loucura.

Os discursos médicos geraram muitos efeitos no modo como a saúde mental era pensada e organizada. Na cidade de Salvador, em 1874 o *Asilo dos Alienados São João de Deus* funcionava como parte de um mecanismo social que permitia retirar das ruas os elementos considerados perigosos. A maioria dos internados eram negros, cotidianamente trancafiados nos asilos para morrer das doenças causadas pelas péssimas condições de higiene e cuidado. Essa era a situação que lastimava muitas mulheres negras que ocupavam uma

dupla condição de exclusão e eram consideradas pela psiquiatria como ainda mais degeneradas por serem, além de negras, mulheres (SOARES, 2017, p. 271-278).

Historicamente a loucura foi punida, enjaulada, mas pouco compreendida. Ana Paula G. de Oliveira (2017, p. 13) aponta que, na arte trágica, a loucura podia ser compreendida como oriunda dos conflitos entre a realidade do homem e seus desejos, entre seus destinos e sentimentos. A loucura também apareceu, muitas vezes, como uma doença da alma. Já na medicina, a loucura tende a ser vista como um distúrbio físico ou mental que deveria ser analisado e tratado adequadamente, aponta a autora.

Luciana Hidalgo, apropriando-se de discussões elaboradas por Michel Foucault (2008) no livro *História da Loucura na Idade Clássica*, aponta que:

Nos séculos XVII e XVIII, a Europa deu início à prática da internação como forma de isolamento dos a-sociais. A medicina apropriou-se da insanidade a partir do século XIX, época em que Pinel e Esquirol consolidaram a psiquiatria para tratar alienados (2008, p. 228)

Já no contexto brasileiro, Oliveira (2017, p. 28) diz que na segunda metade do século XIX a psiquiatria começa a ganhar visibilidade, sendo que, um pouco antes, os “doentes mentais” eram responsabilidade das Santas Casas de Misericórdia. Porém, em 1841, Dom Pedro II autorizou a criação de um espaço de alienados. Em 1852 o local foi inaugurado e passou a receber o público que antes ia para as Santas Casas. A autora conta que, nesta época, havia uma estratificação no atendimento, sendo que pessoas brancas ou que possuíam posses recebiam um tratamento diferenciado e especial, ao passo que, os pretos e pobres ficavam nos locais de marginalização, isto é, nas seções mais desprezíveis e negligenciadas dos hospícios.

Essas formas de classificação fazem parte da dinâmica da necropolítica de que fala Mbembe (2018). Afinal, essas políticas elaboradas para lidar com a loucura também são oriundas de um Estado racista. De acordo com esse autor, o Estado dita quem deve morrer e quem deve viver, como um ser soberano que exerce controle sobre a mortalidade de corpos humanos e populações. Esse poder que é exercido não abre mão do estabelecimento de divisões biológicas entre as pessoas (MBEMBE, 2018, p. 17). O racismo é também uma tecnologia de poder que regula quem vai morrer. O poder da morte tende a recair sobre os escravizados do passado, os negros que sofreram e sofrem a morte social, a dominação e alienação. Esses que tiveram a sua humanidade dissolvida pela dominação colonial, figurarão como uma “sombra personificada” (MBEMBE, 2018, p. 30). Os terrores da colônia, do tempo

em que a burocracia se aliou ao massacre sobreviveram como “trauma cultural”. As tecnologias da violência estão presentes produzindo dor, sofrimento e loucura.

O passado de escravidão, de acordo com o pensamento de Mbembe parece revelar um tipo específico de loucura que é pouco discutido, pelo menos com essa nomenclatura. Trata-se da “loucura branca” que no presente e no passado tem gerado tecnologias de subordinação, servidão, ocupação, escravização, medo, espancamentos, humilhações, enlouquecimento e morte. As memórias de dor revelam um horizonte desolador que refletem a insanidade de um povo que se dizia civilizado, mas que orquestrou genocídios sem precedentes na história da humanidade.

A “loucura branca” foi uma grande agenciadora de mortes, destruição em massa, silenciamentos, apagamentos e extermínios. Necropolítica e necropoder são nomes contemporâneos para as armas criadas pela “loucura branca”, que criou mundos de morte, destruição e relegou populações inteiras ao estatuto de mortos vivos (MBEMBE, 2018, p. 71). Lima Barreto dá testemunho de muitos que não sobreviveram às lavouras, senzalas e navios negreiros, o que nos faz pensar que há sujeitos, tal como Lima, que carregam vozes que não são somente suas, mas de diversas outras almas que não puderam narrar os seus padecimentos.

O racismo gerado pela “loucura branca” e que constitui o Estado e toda a política ocidental e europeia⁵¹ aparece como uma verdadeira máquina de produção de adoecimento, sofrimento e loucura. Mbembe aponta “o negro” como uma das figuras perturbadoras da modernidade branca, além de representar também o mistério, o humano humilhado, a descendência perturbada, o rosto desfigurado, tendo o seu trabalho sido espoliado. De acordo com o autor, “o negro” testemunha a humanidade mutilada e marcada pelo ferro da alienação. Contudo, frente a isso, ele se posiciona para a insurreição radical, que nunca é vencida pelos mecanismos de submissão dos senhores. Este “negro” representa a diversidade humana diante de um desejo doentio de homogeneizar o que é essencialmente múltiplo (MBEMBE, 2014, p. 73).

Para Mbembe (2014, p. 75) essa construção do “negro”, que surge na língua francesa no início do século XVI e se torna corrente no século XVII em diante, concentra uma série de disparates e alucinações através das quais os ocidentais classificaram pessoas de origem africana, que emergem como “os monstruosos”. O autor aponta que “o negro” é caracterizado de modo bizarro: queimado pelo fogo, de petulância excessiva, abandonado pela inteligência,

⁵¹ Estou pensando no racismo enquanto estrutura, tal como é colocado por Silvio Almeida (2019).

como se fosse um resto, apenas carne, rastejo, espasmo, força bruta, sem espírito, um misto de raiva e nervosismo a suscitar desgosto, medo e horror. (MBEMBE, 2014, p. 75-76).

Foi essa construção depreciativa e extremamente reducionista do “ser negro” que alimentou a categoria “raça” e ajudou a configurar políticas de Estado que assumem a lógica da violência, da opressão, mortificação e enclausuramento. Na obra de Lima Barreto, que é um espelho da sociedade em que ele vive, os mecanismos de opressão se manifestam. O racismo parece se cruzar com a pobreza e a loucura, que, ao tomarem corpo nos personagens barreteanos, sofrem o enclausuramento em instituições que aprisionam corpos. No entanto, as celas já estavam gestadas bem antes, desde o nascimento daqueles que são pretos, e que precisavam enfrentar uma vida regada por injúrias, difamações, mentiras, classificações e estigmas que produziam sofrimentos psíquicos, que abalavam a autoestima e destroçavam a alma, resultando em loucura e morte.

O que se percebe, no contato com a obra barreteana e com a leitura dos teóricos evocados na pesquisa, é uma loucura construída, socialmente gestada. O que a literatura de Lima revela é a sociedade racista, adoecedora e produtora de “não seres”, de monstruosidades. Lima Barreto é como um gatilho para a necessária e urgente reflexão sobre as relações íntimas entre racismo e adoecimento mental. Vicente Mascarenhas, o Major Quaresma são nomes fictícios, mas que têm muitos representantes reais. Esses personagens literários dão nome a seres de carne e osso.

No conto *Como o homem chegou*, de 1914, Lima fala de um homem, que é ele mesmo, levado pelos policiais no camburão até o hospício, de Guaratiba-RJ à Praia Vermelha-R, em uma viagem muito difícil e traumática. Na época, homens e mulheres eram confinados por um Estado opressor, o mesmo Estado que se eximia de garantir reparações e melhores condições de vida a populações historicamente feridas, que também constituíam uma massa de trabalhadores em situação de dor e tristeza (2021, p. 370).

No cenário do conto escrito por Lima, nota-se que o aumento do sofrimento social devido à precarização das condições de vida levou ao aumento de manicômios e da loucura, do sofrimento que levava ao abuso de álcool, que era consumido para esquecer o cansaço e a tristeza, mas, em contrapartida, acaba conduzindo as pessoas à loucura e aos lugares onde ela era aprisionada: os manicômios.

Lima Barreto, em diversos momentos, faz declarações sobre os seus problemas com a bebida (BARRETO, 2021, p. 599). Esse uso excessivo de álcool revelava, em grande medida, a difícil convivência em sua casa e uma realidade externa muito difícil de encarar. No *Diário Íntimo* percebe a loucura como a doutrina da solidão (BARRETO, 2021, p. 561), considera-se

injustiçado, por ser tão inteligente e, ainda assim, não conseguir fazer nada, nem mesmo as grandes obras que ele sempre quis escrever. As frustrações seguidas provocam uma “mudança de gênio”, questiona-se se estava enlouquecendo (BARRETO, 2021, p. 584).

No romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, percebemos outras facetas da loucura na figura de Policarpo Quaresma. Para Silva (2011, p. 46-47), Quaresma assume traços de um patriotismo religioso. A sua convicção quase fanática faz com que acredite em ideias que são ridicularizadas. Quaresma segue a sua missão com ímpeto de penitência e com muita sinceridade. Tal como Cristo se recolheu no deserto, Quaresma é recolhido no hospício, onde pode meditar sobre sua própria existência.

Quaresma é mais uma vítima do Poder do Estado, seja no momento em que é recolhido ao manicômio ou quando é oprimido pela força militar. Considerado “diferente”, devido às suas posturas peculiares, ele é tido como louco passível de intervenção. De acordo com Schwarcz (2018), o Major Quaresma possui muitos traços semelhantes ao pai de Lima Barreto. Mas, também é possível identificar diversos traços biográficos do próprio Lima no personagem.

De acordo com Oakley (2011, p. 178), o interesse de Lima Barreto pela loucura liga-se com a história de seu pai, João Henriques. Talvez tenha sido essa curiosidade que fez com que Lima lesse *Responsability in mental disease*, publicado em 1874 pelo psiquiatra inglês Henry Maudsley (1835-1918). Esse médico teve muito prestígio nas últimas décadas do século XIX. Entre as suas teorias estava a defesa da hereditariedade da loucura, mas ele também relacionava a doença mental com condições sociais, chamando a atenção para os aspectos sociológicos do adoecimento mental. Ao explicar a “tara paterna”, refere-se à possibilidade de se transmitir a loucura de pai para filho. Lima se interessa pelo tema e, inicialmente, se deixa levar por essas ideias, até tomar consciência e romper com o pensamento determinista (2011, p. 178-181).

Oakley (2011, 181) descreve a representação que Lima faz do hospício em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* como um lugar terrível e monstruoso, como se fosse um inimigo invisível e onipresente, ao passo que toma a loucura como um grande horror capaz de minar a inteligência, aprisionando a vítima, tal como um brinquedo (2011, p. 182). Para Oakley (2011, p. 195), Lima é obcecado pela fragmentação social não só pela instabilidade de sua vida, mas pela influência do escritor russo, Liev Tolstói. Além disso, o mistério da loucura está impregnado em suas reflexões, atrelado às suas investigações sobre o destino da inteligência humana (OAKLEY, 2011, p. 198). É como se a loucura representasse para Lima um grande risco para a inteligência, que ele tanto valorizava.

4.5 O “visionário” Policarpo Quaresma

Algumas dessas impressões podem ser percebidas no romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. A obra está ambientada no contexto dos primeiros anos da república brasileira. Dividida em três partes e publicada por Lima, com recursos próprios, entre 1911 e 1915 nos folhetins do *Jornal do Comércio*. Na primeira parte do romance está retratada a vida do Major Quaresma, um funcionário público, patriota e apaixonado por livros. Quaresma leva uma vida aparentemente tranquila. Segue hábitos e horários rígidos. Era considerado e respeitado por muitos dos seus vizinhos, uma vez que tinha emprego e casa própria.

Entretanto, Quaresma, aos poucos vai se transformando. A sua primeira atitude, considerada uma “extravagância” para os seus vizinhos e parentes é aprender a tocar violão com o seu amigo e professor Ricardo Coração dos Outros. Para muitas pessoas daquela época, aquele instrumento remetia à vadiagem. Mas Quaresma era um homem que pretendia valorizar a cultura brasileira, além de ser extremamente crítico. Considerava preconceituosa a visão de parte de sua família e dos vizinhos que condenavam o seu desejo de aprender a tocar o instrumento.

A história do romance contextualiza o Rio de Janeiro em fins do século XIX. Um dos fatos marcantes da trama é o de Quaresma propor ao ministro que o tupi se tornasse a língua nacional. Quaresma acreditava que os indígenas eram os verdadeiros brasileiros. Ele valorizava as culturas originárias e as considerava como as mais legítimas do país. A petição escrita por Quaresma foi motivo de riso na plenária. Aquela reação provocou um grande choque no Major, pois aquele era um projeto ao qual ele havia dedicado grande parte dos seus esforços e no qual ele realmente acreditava. Na Câmara, riram do documento como se fosse uma palhaçada. O tratamento humilhante provocou profundo sofrimento em Policarpo⁵².

Quaresma não era dado a competições. Vivia encerrado em si mesmo⁵³. Era desinteressado de dinheiro, glória ou posição. Lima Barreto o descreve como “cândido e puro” como os grandes sábios e inventores. O Major estava obstinado, entretanto, era visto pelos demais como um tolo e doido. A sua “excentricidade” que se manifestava em suas propostas, consideradas absurdas por muitos, fez com que ele fosse tido como louco. Por isso, Quaresma é internado em um hospital psiquiátrico. Somente a sua afilhada Olga e o seu

⁵² Aqui percebemos uma forte aproximação entre Lima Barreto e o personagem, uma vez que o autor também sofreu intenso rechaço dos intelectuais do seu tempo. Ver Barbosa (2017).

⁵³ Outro elemento que o aproxima de Lima Barreto, conforme dito anteriormente, uma vez que o autor tornou-se profundamente recluso após a morte de sua mãe. Ver Barbosa (2017).

amigo e professor de violão Ricardo Coração dos Outros acreditam nele e vão visitá-lo. O local encheu Quaresma de pavor, o nome “hospício” já lhe causava grande incômodo. Lima Barreto descreve o lugar desta forma:

É assim como uma sepultura em vida, um semienterramento, enterramento do espírito, da razão condutora, de cuja ausência os corpos raramente se ressentem. A saúde não depende dela e há muitos que parecem até adquirir mais força de vida, prolongar a existência, quando ela se evola não se sabe por que orifício do corpo e para onde. Com que terror, uma espécie de pavor de coisa sobrenatural, espanto de inimigo invisível e onipresente, não ouvia a gente pobre referir-se ao estabelecimento da praia das Saudades! Antes uma boa morte, diziam (BARRETO, 2019, p. 66).

Na descrição, o hospício é descrito como um lugar mórbido, terrível e assustador. Expressões como “sepultura em vida”, “enterramento do espírito”, “espanto”, “inimigo invisível” dão a tônica do lugar. Lima demonstra conhecer a realidade institucional. As suas memórias de infância habitam em suas palavras e as imagens da Ilha do Governador o ajudavam a representar o ambiente manicomial.

Na segunda parte da obra, após sair do internamento, depois de seis meses confinado, muito abatido e desapontado, Quaresma se afasta da sociedade e passa a viver em um sítio na cidade interiorana de Curuzu. O local recebeu o nome de “Sítio do Sossego”. Lá, Quaresma começa a se dedicar à agricultura e tem poucos contatos com as pessoas. É como se quisesse distanciamento da sociedade que o tratou tão mal, que o ridicularizou. A impressão que prevalece é a de que ele buscava se curar da grande tristeza que lhe impregnou durante a vivência no hospício. A ideia de ir para a zona rural foi da sua afilhada Olga, que estava muito preocupada com o estado de ânimo de Quaresma. A situação do Major pós-internamento é descrita no trecho:

Quaresma saiu envolvido, penetrado da tristeza do manicômio. Voltou à sua casa, mas a vista das suas coisas familiares não lhe tirou a forte impressão de que vinha impregnado. Embora nunca tivesse sido alegre, a sua fisionomia apresentava mais desgosto que antes, muito abatimento moral, e foi para levantar o ânimo que se recolheu àquela risonha casa de roça, onde se dedicava a modestas culturas (BARRETO, 2019, p. 82).

Quaresma deixou a sua casa na cidade em busca de refúgio. Entretanto, no “Sítio do Sossego” não encontrou a paz e cura que tanto buscava. Além dos graves problemas em desenvolver a agricultura no lugar e do terrível ataque das formigas saúvas⁵⁴, o Major também

⁵⁴ Elementos também presentes na biografia de Lima Barreto, cuja família teve muitas dificuldades com a agricultura. Ver Barbosa (2017).

acaba se envolvendo com políticos locais, apesar de resistir a isso. Durante a Revolta da Armada, ele vai para o Rio de Janeiro a fim de apoiar Floriano Peixoto. Entretanto, nesta aventura, acaba sendo preso.

Em conversa com Floriano Peixoto, após expor as suas ideias, Quaresma é considerado pelo Marechal um “visionário”, termo que não possuía uma valência positiva, pelo contrário, no contexto, é sinônimo de um lunático, idealista e ingênuo, alguém que está supostamente alienado da realidade (SCHWARCZ, 2018). Quaresma vê no Marechal uma figura ditatorial e totalitária. Floriano acusa Quaresma de traição e o condena ao fuzilamento. Na prisão, Quaresma vive em isolamento, esquecido por quase todos, exceto por Olga e Ricardo Coração dos Outros, que tentam libertá-lo, apesar das grandes dificuldades, sobretudo, por ser Olga uma mulher, em uma sociedade em que os homens dominavam os espaços de poder.

Quaresma é condenado por sua suposta loucura, é execrado por pensar diferente da maioria. Após ser ridicularizado, internado no hospício, obrigado a se distanciar de uma sociedade que não o compreende e nem o aceita. Ele passa por uma morte social, é desvalorizado tal como Isaías e o próprio Lima, além do próprio João Henriques, que reúne uma série de fracassos na vida.

O romance é uma metáfora útil para representar o passado e o presente de tantas populações marginalizadas em nossa sociedade. Através da obra, podemos notar que a literatura barreteana é viva e pulsante. A arte que o autor produziu, longe de ser uma “arte pela arte”, voltada para a contemplação estética, é uma arma, como uma lâmina afiada que servia e ainda serve para cortar e lançar fora mecanismos de opressão, exclusão e inferiorização.

Lima Barreto narra uma ficção atravessada de realidade. Ele próprio queria entender a si mesmo e a sociedade que o cercava. Ao escrever é como se ele fizesse ensaios para compreender as verdades sobre a vida, a loucura e o seu próprio lugar no Mundo. De acordo com Oliveira (2017, p. 38), o escritor queria saber a razão pelas quais seres humanos pobres e negros eram de tal forma excluídos e aprisionados em hospícios, sem nem mesmo haver um diagnóstico verdadeiro do estado mental que justificasse o confinamento. Lima, ao observar o próprio cotidiano, desconfiava do modo como as instituições funcionavam. Ele ia muito além do óbvio e não se contentava com o que parecia evidente e lógico.

Ao criar o Major Quaresma, é como se previsse o próprio destino. Ambos habitaram o que o autor chamou de “inferno social”. Quaresma, tal como seu criador, queria inovar o país, era um patriota, alguém que valorizava a cultura nacional, entretanto, foi taxado como um

“estranho”, “doido”, “maluco”. Lima Barreto sofreu isso na própria pele. Sofreu duas internações no *Hospital Nacional de Alienados*. Foi diagnosticado como alcoólatra e neurastênico, era perseguido pela política como um louco. Sofria de delírios causados pelas angústias e insatisfações. O fato de questionar o processo de modernização do Brasil com muita sagacidade fez com que a pecha da loucura se tornasse mais branda, entretanto, não a eliminou (BARROS, 2013, p. 8).

O Major Quaresma ilustra bem esse traço biográfico. Barros aponta que na época de Lima, o alcoolismo fazia parte de um grupo das doenças diagnosticadas pela pecha de “loucura moral” pelo saber médico, este último fez a loucura sair da categoria de “distúrbio da razão” para a esfera do comportamento, isso fez com que a mesma passasse a ser considerada como algo natural do sujeito louco, ao invés de ser concebida como um estado transitório de insanidade. O discurso médico apresentou a “loucura moral” como uma doença invisível e insidiosa que poderia ser revelada apenas pelo seu diagnóstico, com isso, buscou por intermédio do medo do hospício que compunha o cotidiano do “louco”, tornar o mesmo dócil e complacente com o próprio encarceramento. Algumas práticas de resistência eram empreendidas por esses sujeitos tornados imbecis e incapazes, que tiveram a exclusão justificada pela suposta indisciplina, da sujeira, do perigo e do medo de contágio que os acompanhava estereotipicamente (BARROS, 2013, p. 8).

Lima Barreto foi uma vítima da medicina alienista de seu tempo. A pecha de “loucura moral” punia o seu comportamento transgressor e perturbador da ordem. Ao criar o Major Quaresma, é como se previsse o próprio destino. Ambos habitavam o que o autor chamou de “inferno social”. Quaresma, tal como seu criador, foi taxado como um “estranho”, “doido”, “maluco”. Vejamos um trecho do romance em que esses traços ficaram explícitos:

[...] A sentença do arquivista foi vencedora nas discussões dos corredores e a suspeita de que Quaresma estivesse doido foi tomando foros de certeza. Em princípio, o subsecretário suportou bem a tempestade; mas tendo adivinhado que o supunham insciente no tupi, irritou-se, encheu-se de uma raiva surda, que se continha dificilmente. Como eram cegos! Ele que há trinta anos estudava o Brasil minuciosamente; ele que, em virtude desses estudos, fora obrigado a aprender o rebarbativo alemão, não saber tupi, a língua brasileira, a única que o era — que suspeita miserável! Que o julgassem doido — vá! Mas que desconfiassem da sinceridade de suas afirmações, não! E ele pensava, procurava meios de se reabilitar, caía em distrações, mesmo escrevendo e fazendo a tarefa quotidiana. Vivia dividido em dois: uma parte nas obrigações de todo o dia, e a outra, na preocupação de provar que sabia o tupi (BARRETO, 2019, p. 62).

Quaresma, como Lima Barreto, não se considerava louco, essa era uma classificação dos outros que julgavam o seu comportamento. Lima, a maior parte do tempo, elogiava a própria inteligência, mas, por vezes, se deixava cair em sentimentos de inferioridade que o faziam duvidar da própria sanidade. A profunda ligação entre o autor e o personagem é escancarada no romance. Tal como o escritor, Quaresma teve uma forte impressão do hospício. O modo como ele o descreve é como se o fosse o próprio Lima Barreto narrando as suas vivências no *Diário do Hospício*. No trecho a seguir, o narrador fala sobre a loucura, como se fosse um desabafo do próprio autor:

Saiu o major mais triste ainda do que vivera toda a vida. De todas as coisas tristes de ver, no mundo, a mais triste é a loucura; é a mais depressora e pungente. [...] Aquela continuação da nossa vida tal e qual, com um desarranjo imperceptível, mas profundo e quase sempre insondável, que a inutiliza inteiramente, faz pensar em alguma coisa mais forte que nós, que nos guia, que nos impele e em cujas mãos somos simples joguetes. Em vários tempos e lugares, a loucura foi considerada sagrada, e deve haver razão nisso no sentimento que se apodera de nós quando, ao vermos um louco desarrazoar, pensamos logo que já não é ele quem fala, é alguém que vê por ele, interpreta as coisas por ele, está atrás dele, invisível!.. (BARRETO, 2019, p. 82).

Em outro trecho da obra, Floriano Peixoto, aborrecido, conversa com Quaresma e expressa o seu sentimento de deboche em relação ao Major ao chamá-lo de “visionário”. Neste momento, Peixoto, impaciente com a conversa de Lima, usa a expressão “visionário” com tom negativo, pois se relaciona ao modo como Floriano encara os projetos de Quaresma: não só com desconfiança, mas com um ar de quem observa um louco. “Visionário”, longe de ser, nesse contexto, aquele que enxerga além do seu tempo, aproxima-se mais de uma concepção que remete à loucura, à insanidade de quem não sabe o que faz e o que diz (SCHWARCZ, 2018). A descrição pejorativa de “visionário” atribuída a Quaresma, lembra essa descrição de Foucault:

Os "iluminados" e "visionários" correspondem sem dúvida a nossos alucinados — "visionário que imagina ver aparições celestes", "iluminado com revelações" — os débeis e alguns atingidos por demência orgânica ou senil são provavelmente designados nos registros como "imbecis" — "imbecis por horrível devassidão pelo vinho", "imbecil que fala sempre, dizendo-se imperador dos turcos ou papa", "imbecil sem nenhuma esperança de retorno" — são também formas de delírio encontradas, caracterizadas sobretudo pelo seu aspecto de pitoresco absurdo — "particular perseguida por pessoas que querem matá-la", "fazedor de projetos desmiolados"; "homem continuamente eletrizado e a quem se transmitem as idéias de

outro"; "espécie de louco que deseja apresentar relatórios ao Parlamento" (1978, p. 132).

A qualificação que Floriano Peixoto relacionou à Quaresma se assemelha a essa imbecilidade de um “fazedor de projetos desmiolado”, apresentada por Foucault. O Major era julgado socialmente por pensar diferente da maioria, num tempo em que a diferença poderia ser punida com o confinamento.

A obra representa um contexto em que os menos desejados eram trancafiados e os seus comportamentos eram medicalizados. Buscava-se zelar pela ordem através do controle dos corpos e da higienização social das ruas (BARROS, 2017, p. 6). Isso equivalia a práticas de exclusão e o reforço de hierarquias. De acordo com Soares (2017, p. 254), embasado em ideias foucaultianas, raça aparece nesse universo como uma categoria histórica de sujeição⁵⁵, que é apropriada pela psiquiatria como sendo critério de inferiorização de sujeitos. Os acontecimentos na vida do Major Quaresma, embora Lima não explicita a sua cor, demonstram mecanismos de controle e opressão.

Em Policarpo Quaresma, há uma crítica ao autoritarismo que classifica o diferente como loucura e o confina no hospício com o objetivo de sufocá-lo ou matá-lo (SCHWARCZ, 2017, p. 306). A trama está repleta de amargura e revela grandes decepções de Lima. Também é uma crítica ao modo como pensamento divergente é atacado pelas autoridades e pela sociedade (SCHWARCZ, 2017, p. 306). Hospitais psiquiátricos, hospícios e manicômios eram instituições que serviam não para “curar” a loucura, mas, sobretudo, para controlar corpos. No romance podemos perceber esse mecanismo de controle.

4.6 Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos: a loucura na autobiografia barreteana

No ano de 1919, no *Hospital dos Alienados (D. Pedro II)*, em uma das internações de Lima Barreto, o escritor fez uma rica descrição da instituição. Através dos seus escritos ele pôde denunciar o descaso com que eram tratados os loucos que não tinham recursos. O autor apresentou uma realidade atroz em que os loucos eram tratados como animais. Os

⁵⁵ Soares (2017, p. 260) diz: “Deste modo, as proposições de Foucault permite-nos compreender a noção de raça do século XIX como uma categoria produzida e instrumentalizada em uma série de mecanismos de poder (nos hospitais psiquiátricos, nas relações coloniais, por exemplo), operacionalizada pelo discurso científico da época (ciências naturais, biologia, antropometria, antropologia física...). Raça como uma categoria que realiza uma forma de objetivação do corpo humano”.

confinamentos no hospício funcionavam também como uma estratégia de higienização social. Loucura e criminalidade se confundiam, inclusive, como vimos anteriormente, a polícia costumava colocar os “doentes mentais” nos mesmos camburões em que prendiam os “bandidos” a fim de os levar para o manicômio (OLIVEIRA, 2017, p. 31-32).

Essas memórias de denúncia foram descritas na obra *Diário do Hospício*. Este livro traz o que Hidalgo (2008, 227) chama de “narrativa-limite” ou de “urgência”, uma vez que foi escrita em uma situação extrema, um relato íntimo repleto de impressões, confissões e inconfiências que foram escritas durante a segunda internação do autor no *Hospital Nacional dos Alienados*, no Rio de Janeiro. O escritor ficou lá de 25 de dezembro de 1919 a 2 de fevereiro de 1920. Neste tempo, escreveu com perspicácia e detalhe sobre a rotina do manicômio, sem deixar de tecer duras críticas ao poder psiquiátrico. O seu esforço gerou um importante documento da história da psiquiatria brasileira (HIDALGO, 2018).

Michel Foucault (1999) explica como se deu esse processo de higiene social que tinha como fundamento trancar os indesejáveis em instituições asilares. Nos antigos leprosários foram confinados os loucos, estes substituem os leprosos, passando a ser portadores de muitas das imagens negativas que colocavam os leprosos em um lugar de exclusão permanente. Na Europa do século XVII “os loucos tinham então uma existência errante. As cidades escorraçavam-nos de seus muros” (FOUCAULT, 1999, p. 13). Ou eram amontoados nos asilos. Foucault aponta para associação da loucura à bestialidade e ao animalesco. No século XVIII o louco vai se tornar um problema de polícia, algo que polui o ambiente. Foucault aponta que:

A hospitalidade que o acolhe se tornará, num novo equívoco, a medida de saneamento que o põe fora do caminho. De fato, ele continua a vagar, porém não mais no caminho de uma estranha peregrinação: ele perturba a ordem do espaço social. Despojada dos direitos da miséria e de sua glória, a loucura, com a pobreza e a ociosidade, doravante surge, de modo seco, na dialética imanente dos Estados (1999, p. 72).

Um tratamento igualmente degradante era aplicado aos indigentes e a todos os pobres e ociosos que, no século XVII, se traduziu na “grande internação”. Nas palavras de Foucault a internação foi uma criação institucional do século XVII. Ela assumiu uma amplitude que a diferenciava da prisão tal como esta era praticada na Idade Média. Como medidas econômicas e de precaução social, ela assumia um sentido de invenção. Na história da loucura, trata-se de um evento decisivo: o momento em que a loucura é tomada no horizonte social da pobreza, da impossibilidade para o trabalho, da incapacidade de integrar-se no grupo. É neste momento

que ela começa a se inserir no contexto dos problemas da cidade. Os novos significados da pobreza, a ênfase dada à obrigação do trabalho e os valores éticos a ele relacionados passam a determinar a experiência e o sentido da loucura (1999, p. 89).

Aspectos muito marcantes da internação e do interior de uma instituição manicomial podem ser percebidos no romance inacabado *O Cemitério dos Vivos*. Uma narrativa pós-trauma e pós-internação em que a loucura é aproximada da morte. Algo semelhante ao que Michel Foucault faria mais tarde (HIDALGO, 2018). De acordo com Hidalgo (2008, p. 231) Lima Barreto utilizou o diário como uma espécie de medicamento por meio do qual fosse possível suportar a quase insuportável rotina do hospício. Escrever era como se fosse uma estratégia de fuga de um ambiente hostil em que a intimidade era impossível. A autora aponta que a escrita era o substituto da bebida, algo capaz de amortecer os conflitos e crises desencadeados pela situação-limite que o escritor atravessava. Lima Barreto queria compreender a sua loucura, entender a fragilidade que o conduzia ao alcoolismo e que o tinha levado ao hospício sofrendo de “delírios”. O escritor era refém das circunstâncias que conformavam a sua existência (HIDALGO, 2008, p. 233).

No *Cemitério dos Vivos*, Lima faz uma contundente declaração acerca do seu estado de espírito, revelando um desejo de aniquilamento frente ao horror que a sociedade lhe causa.

Veio-me, repentinamente, um horror à sociedade e a vida; uma vontade de absoluto aniquilamento, mais do que aquele que a morte traz; um desejo de perecimento total da minha memória na terra; um desespero por ter sonhado e terem me acenado tanta grandeza, e ver agora, de uma hora para outra, sem ter perdido de fato a minha situação, cair tão, tão baixo, que quase me pus a chorar que nem uma criança (BARRETO, 2017, p. 148).

Lima lutava para encontrar um espaço no mundo intelectual, mas diante de tantas portas fechadas e humilhações, pende para o alcoolismo. Ele é refém de medos que não pode controlar. Durante as crises provocadas pelo álcool, comete “desatinos”, quebra vidraças, vira cadeiras e mesas (BARRETO, 2017, p. 13-15). Apesar de admitir os efeitos nocivos do álcool em sua vida, Lima sabe que ele não é a causa primária do seu delírio. Ao problematizar a loucura e refletir sobre ela, nega a perspectiva da psiquiatria determinista e aponta que a loucura não pode ser tomada como um fenômeno geral, mas como um estado complexo, que envolve casos singulares.

Ele critica o caráter discriminatório da psiquiatria determinista do século XIX e o modo grotesco como os loucos eram tratados. Ao passar pelos hospícios, Lima revela que “a vida não tem mais sentido” (BARRETO, 2017, p. 18). O seu grande esforço para escrever,

para lançar no papel as suas memórias, parece apontar para os muitos questionamentos que a loucura deixava em sua vida.

Além de se sentir incompreendido, Lima também se sentia só, como revelou no *Diário do Hospício* (LIMA, 2017, p. 47). Não recorria muito à família, uma vez que era dela de onde vinham muitos dos gatilhos responsáveis por desencadear as suas crises. Sob diversos aspectos, de acordo com a moral vigente, Lima estava num contexto de desestruturação familiar. Acerca dessa ordem moral, Foucault (1978, p. 104-105) vai apontar que no século XIX, o conflito entre o indivíduo e sua família iria se tornar um assunto particular, assumindo o aspecto de um problema psicológico. Durante o período de internamento, esse assunto esteve ligado a um tipo de “estatuto moral universal”, que se ligava à estrutura familiar. Ferir essa estrutura era passar para o universo do desatino.. Para o autor, com o tempo, a família ficará no centro dos conflitos onde nascem a loucura.

Quando Lima foi levado de casa num camburão da polícia a mando de sua família, o fizeram porque achavam que tinham autoridade e poder de decidir sobre ele. Foucault (1978, P. 143) aponta que:

Os parentes mais próximos têm maior autoridade para fazer valer suas queixas ou apreensões no memorial em que pedem o internamento. Tanto quanto possível, procura-se obter o consentimento de toda a família ou, em todo caso, saber das razões da rivalidade ou do interesse que impedem, se for o caso, que se consiga essa unanimidade.

No contexto em que Foucault e Lima Barreto escrevem sobre a loucura, havia uma outra sensibilidade no que concerne ao tratamento da saúde mental. O caso do Hospital Colônia, em Barbacena-MG, dá mostras das diversas violências que os loucos sofriam em instituições manicomiais. Arbex (2019, p. 186), no entanto, fala sobre os avanços proporcionados pela luta antimanicomial no Brasil. O psiquiatra Italiano Franco Basaglia influenciou bastante a nossa política de saúde mental. Um dos objetivos defendidos pelo médico era a abolição dos hospitais psiquiátricos.

O professor universitário Paulo Delgado também lutou ferrenhamente em busca de transformações sociais no sentido de humanizar o modo como os loucos eram tratados (ARBEX, 2019, p. 203).

Delgado conseguiu aprovar seu projeto, em 1990, na Câmara dos Deputados, por meio do acordo de lideranças, constituindo-se na primeira lei de desospitalização em discussão no parlamento latino-americano. No mesmo ano, Paulo representou o país na conferência sobre a Reestruturação da

Atenção Psiquiátrica na América Latina. A convite da Organização Mundial da Saúde, o delegado brasileiro viajou para Caracas, na Venezuela, para integrar as discussões sobre novos modelos de atendimento (ARBEX, 2019, p. 204).

O cenário de horror que eram os hospitais psiquiátricos, hospícios e manicômios vai começar a sofrer transformações, sobretudo, com a estruturação da luta antimanicomial. A aprovação da lei 10. 216/2001 ou lei Paulo Delgado, foi um importante marco da extinção dos manicômios no país. A partir disso, ganha força o projeto dos Centros de Atenção Psicossociais, que fomenta o início do fechamento dos hospitais psiquiátricos e a criação de hospitais-dia e, além de enfermarias psiquiátricas, que culminam no deslocamento do modelo hospitalocêntrico para estratégias de atenção psicossocial mais sensíveis, compartilhadas e que garantem maior autonomia e liberdade para as pessoas em tratamento (PRADO FILHO, LEMOS, 2012, p. 47).

Apesar das resistências de grupos conservadores e daqueles que se beneficiam com a existência dos hospícios, paulatinamente, estes vão sendo desativados e a psiquiatrização que patologiza a vida e estabelece faixas de normalidade, tipificando desvios e formas de anormalidade, vai cedendo lugar para perspectivas mais integrais que olham para a doença mental como um fenômeno multifacetado e atravessado por outros condicionantes sociais.

Com a sanção da Lei Federal 10.216, num período de dez anos, quarenta e cinco hospitais psiquiátricos foram desativados (ARBEX, 2019, p. 205). Após a denúncia da falência do modelo hospitalocêntrico e manicomial, depois de décadas de avanços no sentido de humanizar os tratamentos dos loucos, o psiquiatra Francisco Paes Barreto aponta que estamos num tempo de um novo discurso envolvendo a saúde mental no Brasil, com graves riscos de retrocesso das políticas conquistadas. Novamente estamos sendo ameaçados pelo monstruoso paradigma da internação compulsória dos estigmatizados sociais (ARBEX, 2019, p. 205-209). Arbex (2019, p. 232) aponta que, se anteriormente os judeus e loucos pagaram um alto preço pela sua diferença, hoje os indesejáveis são os pobres, os negros, os dependentes químicos, e, com eles, temos o retorno das internações compulsórias temporárias.

Cruz (2024) e Albuquerque (2024), ao analisarem a relação entre o avanço do neoliberalismo autoritário e a reatualização das políticas sobre drogas, durante o governo bolsonarista, apontam que:

Na conjuntura de neoliberalismo autoritário e avanço do Estado penal, as políticas públicas sobre drogas sofreram atualizações que promoveram o

desfinanciamento da Rede de Atenção Psicossocial (Raps); o recrudescimento da repressão e punição destinada majoritariamente ao controle social e punitivo da classe trabalhadora negra; a ampliação da perspectiva manicomial; a designação da abstinência como intervenção principal; e a facilitação nas internações involuntárias; portanto, uma reatualização proibicionista das políticas de drogas (CRUZ, ALBUQUERQUE, 2024, p. 68).

Tais políticas podem se traduzir, por exemplo, no massivo encarceramento de pessoas negras, sobretudo, uma vez que são as populações negras, devido ao racismo estruturado e à história de opressões e negações aos seus direitos de reparação, que mais recorrem às drogas para aliviar as agruras de uma sociedade racista. Além disso, no governo de Bolsonaro houve muitos mais investimentos em comunidades terapêuticas que seguem a política do confinamento das pessoas envolvidas com o uso abusivo de substâncias psicoativas e aquelas com problemas psíquicos. Esse retrocesso vai na contramão do que tem se estabelecido atualmente sobre as melhores opções de tratamento para esses grupos sociais.

As comunidades terapêuticas (CT's), via de regra, representam a volta do paradigma manicomial. Além disso, segundo Cruz e Albuquerque (2024), essa perspectiva está alicerçada num conservadorismo, que prega a mercantilização e amplificação dos investimentos privados de atenção à saúde mental, orientado pela lógica manicomial e do enclausuramento (CRUZ, ALBUQUERQUE, 2024, p. 69).

As CT's seguem a filosofia dos asilos, que, segundo Prado Filho e Lemos (2012) está centrada na sociedade normalizadora que pretende regular condutas individuais a partir da aplicação da norma que se sustenta na “cura pela internação”, no aprisionamento para “corrigir”, “recuperar”, “ressocializar” e, supostamente “reeducar” (PRADO FILHO, LEMOS, 2012, p. 51). Esse é uma reatualização do antigo discursos psiquiatrizante da loucura que patologiza comportamentos, designando-os como doença mental que requer intervenção por parte de uma medicina invasiva que assujeita pessoas,

“não apenas em relação aos loucos, tratados como “anormais”, mas também, sobre a vida, os corpos, a conduta e a subjetividade dos normais, postos todos como objetos da aplicação de práticas normalizadoras (PRADO FILHO, LEMOS, 2012, p. 52)

Enquanto diversos grupos sociais, afinados com uma medicina humanista, sensível aos sofrimentos humanos e atenta aos processos de desumanização, lutam por estratégias de desinstitucionalização que extingam os hospícios e os modelos asilares em prol de modelos de atenção psicossociais com ações ambulatoriais que ajudem a ampliar a cidadania das

populações atendidas, em contrapartida, temos aqueles, afinados com o discurso bolsonarista que tentam, a todo custo, um retorno a políticas desumanizadoras que propõe enjaular pessoas contra as suas vontades, utilizando-se de métodos, muitas vezes, sem nenhuma comprovação científica e que podem causar ainda mais sofrimentos às vítimas (PRADO FILHO, LEMOS, 2012, p. 62).

De acordo com Guilherme Lima (2022, p. 1) a luta antimanicomial é uma luta antirracista, uma vez que resgata a história de um povo calado e oprimido, fazendo com que esses sujeitos possam ser vistos, acolhidos e sobretudo, transformados em seres humanos com existência. A luta antimanicomial representa, acima de tudo, uma ruptura com qualquer discurso de poder hegemônico, ao buscar reafirmar uma identidade latino-americana da população negra no Brasil.

No *Cemitério dos Vivos*, durante o internamento, Vicente Mascarenhas, uma das máscaras de Lima Barreto, apresenta, qual é a cor que prevalecia no hospício.

Esse pátio é a coisa mais horrível que se pode imaginar. Devido à pigmentação negra de uma grande parte dos doentes aí recolhidos, a imagem que se fica dele, é que tudo é negro. O negro é a cor mais cortante, mais impressionante; e contemplando uma porção de corpos negros nus, faz ela que as outras se ofusquem no nosso pensamento. É uma luz negra sobre as coisas, na suposição de que, sob essa luz, o nosso olhar pudesse ver alguma coisa. Aí é que há os berradores; mas, como em toda a parte, são só os seus gritos que enchem o ambiente. Eles são relativamente poucos (BARRETO, 2017, p. 168).

Lima Barreto e a sua literatura se afinam com o discurso de Guilherme Lima. Os racismos denunciados por Barreto na Primeira República passam por atualizações. Altera-se a forma de ser racista⁵⁶. Guilherme Lima (2022, p. 3) indica um sintoma inconsciente do racismo que o faz passar despercebido, como se tentassem colocar uma máscara para que ele não seja notado. Ao se mascarar uma situação tenta-se fingir que ela não está acontecendo, apesar dos seus efeitos reais. Algo parecido ocorre em relação à saúde mental, que está longe de ser preta, apesar de mais de 54% da nossa população ser negra (LIMA, 2022, p. 3). O racismo estrutural adocece as pessoas e é negado como se não existisse. Refletir sobre as

⁵⁶ De acordo com Guilherme Lima (2022, p. 2-3), foi realizada uma clássica pesquisa sobre o racismo em 1990 pelo jornal Folha de São Paulo, em que os participantes da pesquisa foram expostos à pergunta: “Você conhece alguma pessoa racista?”, em que 90% responderam que “sim”. Porém, ao serem questionadas se eram racistas, ironicamente esse número reduziu para zero. Um outro estudo realizado pelo Instituto Locomotiva (2021) concluiu que 84% dos brasileiros (1600 entrevistados, de 72 cidades) afirmam e reconhecem a existência do racismo, mas apenas 4% se consideram racistas.

articulações entre a luta antimanicomial e o racismo estrutural é, segundo Lima (2022, p. 3) trazer à baila “a opressão de corpos e de vozes que há muito tempo se silencia”.

No *Diário do Hospício*, Lima confessa dores individuais silenciadas pelo racismo estrutural e pelo enclausuramento coberto pelo manto da loucura. Ele se perguntava como ele, um homem educado, instruído, honesto e que procurava por uma vida de pureza poderia ter caído naquela rede de humilhações (BARRETO, 2017, p. 67). Estava no hospício, internado, quando gostaria de uma vida plácida, serena e pacífica como a de todo mundo. Ele queria uma vida comum. Mas agora, estava rodeado de mortos vivos, de pessoas que tiravam a própria vida devido à desesperança (BARRETO, 2017, p. 67-68). Sobre as suas impressões acerca do hospício, Mascarenhas vai dizer:

O que me amedrontava era a seção, não os loucos propriamente, mas do que o seu aspecto geral me trazia ao pensamento. Trouxe-me cigarros e eu só lhe reclamei a saída da seção, fosse como fosse. De tanto pensar no meu destino, entrelaçado com o daqueles que me eram companheiros, eu me apavorava mais do que se estivesse no Inferno, perseguido por mil diabos (BARRETO, 2017, p. 172).

De acordo com Rafael Silva (2017, p. . 6) o racismo e a discriminação racial podem promover situações de desencaixe social nas vítimas, o que pode desencadear “problemas graves para a saúde mental da população negra, na modernidade”. Algo semelhante vale para os efeitos nocivos de condições socioeconômicas precárias, que podem ser a causa de uma série de doenças mentais (SILVA, 2017, p. 7).

No hospício, Lima e Mascarenhas dividem espaço com pessoas que cometeram assassinatos . Eles ouvem as suas histórias. O espectro da loucura iguala a todos (BARRETO, 2017, p. 72-74). Repetidas vezes há a manifestação do aborrecimento em se estar confinado, além da falta de ar, luz e da liberdade (BARRETO, 2017, p. 77). No *Cemitério dos Vivos*, Vicente Mascarenhas também se refere, durante o internamento, a frequentes dores e angústias silenciosas. Tal como Lima perdera a mãe, Mascarenhas também perdera a sua esposa Efigênia. “Foi depois da morte de Efigênia que o meu pensamento fez-me viver uma vida desnorreada, que me levou duas vezes ao manicômio.” (BARRETO, 2017, p. 152). Após a morte da esposa, ele se tornou o pai solteiro de um filho de dois anos, tendo que cuidar também da sua sogra, Dona Clementina, que estava acamada. Mascarenhas e Efigênia se casaram a pedido de Dona Clementina, ela enlouquecera após a morte da filha. Desolado, Mascarenhas desabafa:

Tinha trinta e poucos anos, um filho fatalmente analfabeto, uma sogra louca, eu mesmo com uma fama de bêbedo, tolerado na repartição que me aborrecia, pobre, eu vi a vida fechada. Moço, eu não podia apelar para minha mocidade; ilustrado, não podia fazer valer a minha ilustração; educado, era tomado por um vagabundo por todo o mundo e sofria as maiores humilhações. A vida não me tinha mais sabor e parecia que me abandonava a esperança (BARRETO, 2017, p. 161).

Mascarenhas, fechado em si mesmo, não conseguia se abrir para a esposa. Em suas conversas internas, narra o seu fechamento que se manifestava no relacionamento conjugal:

Os nossos sentimentos nunca são lógicos, por isso mesmo não são simples. Eu respeitava muito minha mulher, via-a, às vezes, interessada pelas minhas tentativas; mas não me queria abrir com ela, dizer tudo, temendo que a sua medíocre condição de pequena e modesta burguesa não se assustasse com as minhas ambições intelectuais. Encerrava-me em mim mesmo e sofria. Sem inquietar-me que toda a gente percebesse a minha relação íntima, para a qual não sabiam, até, onde procurar a fonte, fazia, contudo, todos os esforços, para que Efigênia não a percebesse em mim e nos meus escritos (BARRETO, 2017. p. 153).

Quando efigênia adoece, passa por um longo processo de padecimento que é acompanhado por Mascarenhas. Mesmo no leito de morte ela estimula a carreira literária do marido. Ele se ressentia por nunca ter reparado em como a sua esposa era inteligente e que tinha grande interesse por sua carreira. Na verdade, ele a subestimava intelectualmente. Em meio a dificuldades financeiras, o adoecimento de sua sogra, sem uma colocação digna no mercado de trabalho e situações que desafiam a sua sensibilidade, Mascarenhas adoece, como Lima.

Devia alegrar-me, mas a alegria que me podia causar era abafada pelas minhas dificuldades de dinheiro e pela doença de minha sogra. Ela sempre me estimara, eu via bem; ela sempre me quisera, eu percebia; ela mesma fora que nos casara; mas a loucura sua, que ia a passos largos, como sempre, virava-se para os parentes próximos e para as pessoas amigas. Sem aproveitar o pequeno e restrito sucesso que havia obtido, eu não sabia como haver dinheiro. Não queria tentar o jornal. Muitas coisas me faziam pensar. Repugnava-me aceitar um lugar subalterno, sentia-me capaz de outra coisa; mas, ao mesmo tempo, não me queria hipotecar por gratidão ou dinheiro a pessoas e influências, que fariam sepultar em mim as minhas idéias e abafar a paixão com que elas deviam ser expostas. Voltou-me o hábito de beber, e, desta vez, sem dinheiro, mal vestido, sentindo a catástrofe próxima da minha vida, fui levado às bebidas fortes e, aparentemente, baratas, as que embriagam mais depressa. Desci do whisky, à genebra, ao gin e, daí, até à cachaça (BARRETO, 2017. p. 160).

Vicente Mascarenhas, personifica a vida de Lima. De acordo com Schwarcz (2018), em determinado momento, Lima parece se converter no próprio personagem a ponto de não existir mais distinção. Nas confissões de Mascarenhas podemos perceber a aproximação com os padecimentos de Lima, desde a sua difícil relação com as mulheres, a não superação do luto por uma pessoa amada, as dificuldades financeiras e a relação abusiva com o álcool. Na citação abaixo, as vozes de Lima e Vicente parecem confluir no tecer de uma narrativa de sofrimentos.

O meu sofrimento era mais profundo, mais íntimo, mais meu. O que havia no fundo dele, eu não podia dizer, a sua essência era meu segredo; tudo mais: álcool, dificuldades materiais, a loucura de minha sogra, a incapacidade de meu filho, eram conseqüências dele e do desnorreamento em que eu estava na minha vida. Depois de quase dez, ou antes, logo nos primeiros anos da morte de minha mulher, é que eu senti bem a falta dela e que me convenci que ela viera ao meu encontro, para realizar o meu destino e o meu sonho. Perdida ela, perdida nas condições em que foi, parecia-me que eu tinha praticado um crime, uma falta grave, sem remédio e sem resgate. Embora não a tivesse nunca maltratado de nenhuma sorte, eu me sentia culpado por não a ter compreendido em tempo, por não a ter adivinhado (BARRETO, 2017, p. 165).

Intimismo, bebedeira, dificuldades financeiras, loucura em família, o sofrimento provocado pelo luto, problemas familiares, humilhações e incompreensões afligiam Lima e Mascarenhas. Os delírios vieram como consequência do abuso do álcool. Mascarenhas confessa:

Depois de beber consecutivamente durante uma semana, certa noite, amanheci de tal forma gritando e o dia seguinte passei de tal forma cheio de terrores, que o meu sobrinho André, que já era empregado e muito me auxiliava, não teve outro remédio senão pedir à polícia que me levasse para o hospício (BARRETO, 2017, p. 161).

Lima e Mascarenhas caem em desespero e o álcool é o combustível para a crise psicológica. No internamento, Mascarenhas fala sobre as suas impressões do hospício, um cemitério onde os vivos padeciam. Ao refletir sobre a loucura e o internamento, se refere a um triste e doloroso espetáculo.

O espetáculo da loucura, não só no indivíduo isolado, mas, e sobretudo, numa população de manicômio, é dos mais dolorosos e tristes espetáculos

que se pode oferecer a quem ligeiramente meditar sobre ele (BARRETO, 2017, p. 162).

Na seção Pinel, Mascarenhas afirma que o contato com os loucos provoca uma sensação de abatimento e esmagamento. As imagens do hospício são muito semelhantes às aquelas descritas no *Diário do Hospício*. Os sentimentos de Mascarenhas se confundem com os de Lima⁵⁷. Em ambas as obras ele vai se referir a um sofrimento profundo e da sensação inferioridade que sentia por estar naquela condição abjeta (BARRETO, 2017, p. 165).

Vinha-me um desespero íntimo, um aborrecimento de mim mesmo, um sinal da evidência da minha incapacidade para qualquer obra maior, pois — raciocinava eu — quem teve um ente humano a seu lado, com ele viveu na mais total intimidade em que dois entes humanos podem viver, não o compreendeu, não pode absolutamente compreender mais coisa alguma. E eu atirava meus livros para o lado, e eu me punha a beber, e eu não tratava do meu, e eu me queria anular, ficar um desclassificado, uma bola de lama aos pontapés dos polícias (BARRETO, 2021, p. 166).

Percebe-se a dor que Mascarenhas confessa por ser quem é. Algo muito parecido acontece no *Diário Íntimo*, no *Diário do Hospício* e em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Nas obras nos deparamos com um negro sofrido, traumatizado. Fanon (2008, p. 66) aponta:

[...] o preto inferiorizado passa da insegurança humilhante à auto-acusação levada até o desespero. Frequentemente a atitude do negro diante do branco, ou diante de um seu semelhante, reproduz quase que integralmente uma constelação delirante que toca o domínio do patológico.

Ao citar um caso de um estudante de medicina negro que tinha a impressão de não ser estimado como um ser humano, Fanon se refere a um jovem que relata o sentimento de que jamais poderia ser reconhecido em sua humanidade tal como um branco ou como um doutor pelos colegas europeus. Nos momentos em que tais impressões delirantes ficavam muito fortes, ele se embriagava. Ao querer se vingar dos brancos, representa o preto apavorado, trêmulo e humilhado diante do senhor branco a quem ele gostaria de devolver todas as humilhações sofridas (FANON, 2008, p. 67).

⁵⁷ Marília Gonçalves Borges Silveira (1998, p. 12) fala dessa fusão de Lima com Mascarenhas. Em sua dissertação, a autora traça relações entre a biografia e os escritos do autor, apontando para as dificuldades de estabelecer limites entre a realidade e a ficção na obra barreteana (SILVEIRA, 1998, p. 26).

Fanon (2008, p. 135) explica sobre o processo de inculcação das diferenciações racistas que culminam em processos de inferiorização e neurose: fora algumas falhas surgidas em ambiente fechado, podemos dizer que toda neurose, todo comportamento anormal, todo eretismo afetivo em um antilhano resulta da situação cultural, segundo o autor. Em outras palavras, há uma constelação de dados, uma série de proposições que, ligados à escola, aos cartazes, ao cinema, à rádio, penetram no indivíduo – constituindo a visão do mundo da coletividade à qual ele pertence.

Ao ler Fanon e contemplar personagens barreteanos como Mascarenhas, é possível perceber como processos psicológicos e sofrimentos de dimensões mais sutis são influenciados por construções sócio-históricas que conformam contextos específicos em que a hostilidade a determinados grupos sociais criam cotidianos de dor. Como já foi dito anteriormente, os processos de colonização e escravização geraram muitos sentimentos negativos nas vítimas decorrentes do “trauma cultural”.

Numa realidade social em que seres humanos são tratados como coisas sem valor, o que esperar da autoestima desses indivíduos? Lima Barreto, Mascarenhas, Isaías Caminha e Clara dos Anjos dão sinais muito consistentes de uma interioridade abalada por mecanismos opressores externos. Falar de adoecimento mental ou de loucura sem considerar os fatos e estruturas sociais é desconsiderar uma parte significativa dos fatores que incidem sobre a saúde mental dos sujeitos. Uma perspectiva que analisa a loucura humana desconectada dos processos sociais, históricos e econômicos é reducionista e pode cair no determinismo biológico tão atacado por Lima.

Vicente Mascarenhas, ao refletir sobre a loucura, também se contrapõe ao discurso determinista e biologizante que pretende trazer uma verdade unilateral e absolutista sobre o adoecimento mental. Ele argumenta:

Uma generalização sobre o seu fundo pecaria pela base. Choques morais, deficiência de inteligência, educação, instrução, vícios, todas essas causas determinam formas variadas e desencontradas de loucura; e, às vezes, nenhuma delas o é. Apela-se para a hereditariedade que tanto pode ser causa nestes como naqueles; e que, se ela fosse exercer tão despoticamente o seu poder, não haveria um só homem de juízo, na terra. É bastante pensar que nós somos como herdeiros de milhares de avós, em cada um de nós se vem encontrar o sangue, as taras deles; por força que, em tal multidão, há de haver detraquês, viciosos, etc. , portanto a hereditariedade não há de pesar só sobre este e sobre aquele, cujos antecedentes são conhecidos, mas sobre todos nós homens. Por ser remota? Mas as forças da natureza não contam o tempo; e, às vezes mesmo, as mais poderosas só se fazem notar quando se exercem lentamente, durante séculos e séculos. A explicação por

hereditariedade é cômoda, mas talvez seja pouco lógica. Sem capacidade nem competência para tratar de semelhante assunto, eu me lembrei de fazer estas considerações, por ter observado entre os meus colegas da Pinel um caso singular de mania (BARRETO, 2017, p. 169).

Em sua consideração geral sobre a loucura, Mascarenhas não acredita nas explicações que a atribuem à mera hereditariedade. A sua história de vida negava essas explicações, uma vez que estava ciente de que os condicionamentos sociais incidiam sobre ele. Além disso, podemos pensar em como certos indivíduos, negros, por exemplo, podem se sentir deslocados em um “mundo branco”, cujos símbolos e significados valorizados são brancos. Fanon (2008, p. 107) fala do mal-estar em uma sociedade repleta de branquitude, em que não há espaço para o negro. De acordo com o autor, o mundo branco se estabeleceu em um domínio que rejeitava o negro. Fanon (2008, p. 107) diz, em relação ao mundo branco: “Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo.”. Tal como fizeram com Isaías Caminha, Clara dos Anjos, Mascarenhas e Lima Barreto.

A sensação de ter a alegria e felicidade amputada parece perseguir Lima e seus personagens. Estes que foram mencionados se depararam com um mundo que não os aceitava. E Lima queria outro mundo, um lugar em que pudesse exercer a sua liberdade criativa e toda a potência do seu existir. Esse espaço lhe foi negado, mas a centelha estava em seu coração. Um sentimento de grandiosidade, de querer o melhor, a felicidade e a realização de sonhos. As palavras poéticas de Fanon (2008, p. 126), traduzem a força que existia em Lima, que este último expressou em Quaresma. Mas esta força era domada através de estruturas e instituições baseadas no controle e castração. Poeticamente, Fanon escreve:

Apesar de tudo, recuso com todas as minhas forças esta amputação. Sinto-me uma alma tão vasta quanto o mundo, verdadeiramente uma alma profunda como o mais profundo dos rios, meu peito tendo uma potência de expansão infinita. Eu sou dádiva, mas me recomendam a humildade dos enfermos... Ontem, abrindo os olhos ao mundo, vi o céu se contorcer de lado a lado. Quis me levantar, mas um silêncio sem vísceras atirou sobre mim suas asas paralisadas. Irresponsável, a cavalo entre o Nada e o Infinito, comecei a chorar (FANON, 2008, p. 126).

O choro de Fanon por suas asas paralisadas é o choro dos negros impedidos de existirem com a possibilidade de uma vida plena e feliz. Este é o choro de Lima Barreto e dos personagens que ele usa como testemunho de dramas individuais e coletivos. As semelhanças entre Lima e Fanon também podem ser percebidas na necessidade que ambos têm de testemunhar. Eles se negam a serem tragados pela história universal e não param de questionar sobre aqueles que “não têm boca e voz”. O mergulho que ambos fazem na

negritude é para trazer à tona, as segregações, as repressões, os estupros, as discriminações e os boicotes. Eles expõem as feridas deixadas pelos brancos e desmascaram um inconsciente coletivo eivado de preconceitos, mitos e atitudes coletivas dos brancos (FANON, 2008, p. 159).

O personagem Mascarenhas encarna as mazelas de uma sociedade que não sabe respeitar as diferenças e que impõe o sofrimento aos pobres e loucos. Mascarenhas, como Lima, e tantos (as) outros (as) personagens reais, perde o que há de mais significativo em sua vida: aqueles que ama. Ele carrega no coração o peso de uma dor sufocada.

Em *Clara dos Anjos* percebemos um coração fragilizado e subjugado, a luz do seu ser é atacada e aprisionada. Na impossibilidade da cura de tantos sofrimentos, Clara cai em desespero. O seu padecimento é menosprezado pela mãe de Cassi, a cor de Clara faz com que seja animalizada. Animalizar os outros, desumanizá-los, roubar-lhes a sua dignidade e direitos é o aval para impedi-los até mesmo da possibilidade de sofrimento. No olhar do senhor branco, animal não sofre, não sente, não enlouquece, pelo contrário, precisa suportar, foi feito para ser subjugado, para servir.

4.7.1 “Loucura branca”, a violência racista no mundo capitalista e o banzo como consequência da opressão

Fanon argumenta de maneira cirúrgica sobre a construção do inconsciente coletivo branco em relação ao negro. A descrição que faz, ajuda a explicar o estado mental de muitos homens negros e mulheres negras, vítimas de um olhar construído com base em estereótipos e preconceitos. Nos ajuda a perceber, também, características da “loucura branca”, que aprisiona o outro em uma visão completamente deturpada da verdade que esse outro vive.

Fanon (2008, p. 160) argumenta que na Europa, “o mal” foi representado pelo negro, este assume um imagem sempre negativa: o carrasco era o homem negro, Satanás é descrito como negro, fala-se sempre de trevas para se referir ao mal, além disso, quando se é sujo, se é negro, seja a sujeira física ou a sujeira moral é sempre classificado como algo de negros. O negro representa o pecado, o ruim da personalidade. Cria-se o negro como problema, a partir do negro refere-se “ao obscuro, à sombra, às trevas, à noite, aos labirintos da terra, às profundezas abissais”. Pejorativamente dizemos: enegrecer a reputação de alguém, como sinônimo de mancha, de prejuízo, além de expressões racistas como “denegrir”, “a coisa ficou preta” etc.

Por outro lado, ao “branco” é relacionado “o olhar claro da inocência, a pomba branca da paz, a luz feérica e paradisíaca”. Diz-se: “Uma magnífica criança loura”, como sinônimo

de paz, alegria e, principalmente, esperança. Já a criança negra é referida como algo sem valor, com ausência de relações positivas. Nas histórias não se fala dos anjos negros, por exemplo. Fanon (2008, p.160) aponta que na Europa, isto é, nos países ditos civilizados e civilizadores, o negro é representado com os arquétipos de valores inferiores.

Como se pode notar, a “loucura branca” foi construída na Europa. Essa foi a loucura responsável por alimentar um inconsciente coletivo em que populações inteiras são relacionadas a símbolos negativos, que representam “o mal”. Esses negros, por causa dessas ideias e conceitos, foram condenados aos sofrimentos mais atrozes como ilustra o filme lançado em 2014, chamado *12 Years a Slave* (12 Anos de Escravidão) com direção de Steve McQueen⁵⁸. No longa, é comum nos depararmos com negros escravizados, brutalizados pelos seus senhores. Muitos são tratados como coisas que podem ser vendidas, como se seus corpos fossem mercadorias disponíveis para os brancos. Na produção vemos mulheres serem estupradas, cruelmente agredidas a ponto de caírem em um torpor profundo, uma angústia que fazia com que perdessem a felicidade de viver.

Silvio de Azevedo Soares ao argumentar sobre o determinismo biológico que embasou o racismo, aponta que, segundo essa construção, os brancos, considerados mais aptos e símbolo de perfeição, deveriam dominar as outras raças, sobretudo a negra, que era a mais escura, sendo considerada a mais emocional, mais estúpida, mais desonesta, menos inteligente e por isso mais propensa à escravidão e à dominação (MUNANGA, 2003, apud, SOARES, 2017, p. 256-257). Para Fanon (2008, p. 162), isso vem de uma “imposição cultural irrefletida”, mas que reflete a “loucura branca”. A civilização branca imposta era uma loucura. Fanon (2008, p. 162) aponta: “O preto é, na máxima acepção do termo, uma vítima da civilização branca”, ou seja, vítima da loucura dos brancos.

Na obra *A Escrava*, de Maria Firmina dos Reis (2018, p. 164), uma Senhora desconhecida no início do conto “Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e será sempre um grande mal”. Um mal que se expressa num terror que está muito além da prisão dos corpos. Um sistema produtor de sofrimento e indiferença que mina a experiência de amar o que afasta o amor para bem longe, assim como tende a fazer com a alegria, o prazer e o contentamento. Seres impossibilitados de amar se embrutecem, aqueles e aquelas que não são apresentados ao amor adoecem da alma. Bell Hooks aponta:

⁵⁸ Orivaldo Pimentel me convida a refletir que o filme se baseia num livro escrito por um homem livre, que é raptado e vendido como escravo. Após conseguir a liberdade, ele escreve o livro.

O amor cura. Nossa recuperação está no ato e na arte de amar. Meu trecho favorito do Evangelho segundo São João é o que diz: "Aquele que não ama ainda está morto" (2010, p. 1).

Sujeitos que têm a sua subjetividade massacrada por regimes classificatórios que excluem e inferiorizam são impedidos de viver plenamente, de amar genuinamente. “Não tem sido simples para as pessoas negras desse país entenderem o que é amar” (Hooks, 2010, p. 2). A linguagem da violência deixa marcas profundas que atravessam gerações e geram consequências em nós, afetam quem está próximo, nossos familiares, amigos e descendentes. Viver em regimes de opressão é existir em meio ao pavor. O tempo inteiro diante do temor da morte, da perda dos entes queridos ou mesmo da própria alma. A escravização foi e continua a ser uma arma contra o amor a si e aos outros. Viver sob o medo incessante de chibatadas, de espancamentos, na incerteza da própria integridade, como se a cada momento pudessemos ser quebrados, partidos e dilacerados é o oposto de “viver de amor” tal como postula Hooks (2010). A autora argumenta que:

O sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar (2010, p. 1).

Tal regime é por si só uma jaula que impede o florescer da vida, a manifestação da beleza da existência é comprometida. Hooks reflete em consonância com Fanon (2008):

Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade (2010, p. 1)

Costuma-se dizer que quando uma mentira é contada muitas vezes acabamos por acreditar nela, nós a naturalizamos e a tomamos como verdade. Quando o tempo inteiro te dizem que você tem menos valor e impõem verdades que vão aos poucos minando aquilo que você tem de mais genuíno, como a sua beleza interior e as suas singularidades que te fazem especial e único. Quando isso acontece, estamos diante de um processo de construção de um “outro” tido como feio por ser diferente daquilo que foi estabelecido como ideal. Essa é uma violência que adocece, que corroi as preciosidades da alma, sujando o diamante precioso que é o nosso coração. Hooks afirma:

Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando (2010, p. 1)

Um coração ferido não para de sangrar, um diamante manchado tem o seu brilho resplandecente ofuscado. Violentar o "outro", impor-lhes uma linguagem violentamente, é também negar a sua cultura e as maravilhas do seu interior. É como tentar impedir que uma luz emita a sua claridade. Somos impedidos de ver as coisas como elas realmente são, pois é como se houvesse uma penumbra encobrendo o que precisa ser percebido. O que é belo pode se tornar feio, pois através de certos artifícios e mecanismos é possível criar uma mentira que, através de estratégias de poder e saber, adquira aparência de verdade.

No Brasil, o negro inferiorizado se tornou um objeto da psiquiatria. Soares (2017, p. 264) afirma que dos fins do século XIX e início do XX, o dispositivo psiquiátrico, através de leis, técnicas psiquiátricas, teorias científicas e instituições como os hospícios, operacionalizou a noção de foucaultiana de raça, como categoria de sujeição, tendo gerado condições de inferiorização, desigualdade e exclusão. Assim, o dispositivo psiquiátrico contribuiu na execução de práticas de racismo na sociedade brasileira. No discurso médico-psiquiátrico no final do século XIX e início do século XX a mistura de raças aparece como um grande mal.

Como vimos, a mestiçagem é associada à degeneração, sendo tida como uma predisposição à loucura, uma vez que dela resultaria um híbrido, supostamente inferior física e intelectualmente àqueles de raça pura. Soares (2017, p. 273) diz que o médico Nina Rodrigues "considerava o cruzamento entre as raças como o principal fator de disseminação da degenerescência", gerando desequilíbrios de ordem intelectual, física e de comportamento. Além disso, fenômenos como a "epilepsia, idiotia e a imbecilidade" também eram atribuídos à raça negra por médicos do passado, tal como o fez Francisco da Rocha (SOARES, p. 275).

Atribuir o enlouquecimento a questões biológicas acaba por cegar para processos sociais mais complexos que engendram sofrimentos às populações negras. É um reducionismo cruel que esconde a verdade acerca da exploração dos grandes sistemas econômicos, por exemplo. O contexto em que Lima Barreto escreve ainda está entranhado na lógica do sistema colonial que segue a irracionalidade do capital, que visa a lucratividade e desconsidera a situação de vida daqueles e daquelas que estão na base: os trabalhadores. O sistema capitalista e as suas tecnologias de dominação e sujeição une-se ao racismo que serve como uma justificativa para a escravização dos africanos e de todos os outros povos tidos

como “bárbaros”. Estamos diante de um sistema que cria adoecimentos, como podemos conferir na citação:

Uma vez que o sistema capitalista não pode garantir a todos nem sequer o acesso ao mundo do trabalho explorado, numerosos excedentes foram transformados em hordas de miseráveis e de loucos. As práticas violentas de exclusão dos seus corpos, inutilizados pela sociedade do trabalho abstrato, através da tortura e do encarceramento em prisões, hospícios e asilos, estão descritas nos documentos de época analisados por Foucault (1978). Na mesma época, no século XVIII, ainda dentro do período denominado de “acumulação primitiva” do moderno sistema mundial, o “banzo” era reconhecido, na África e na América, como a doença mental crônica que acometia, especialmente, grandes quantidades de africanos que, subjetivamente, não resistiam ao insuportável fardo de violências que começava com a destruição da aldeia, a desterritorialização e o traslado intercontinental, culminando com os horrores da escravização (KANANOJA, 2018 *apud* MENEGAT, OLIVEIRA, FERREIRA, 2020, p. 103-104).

Fica evidente que a articulação entre racismo e capitalismo é um gerador de sofrimento psíquico. Muitos negros e negras que se suicidavam foram acometidos com o que se nomeou de “banzo”. Alguns entravam em profundo e irreversível estado de depressão psicológica depois de escravizados, estuprados, espoliados, vendidos, estropiados, e submetidos às terríveis condições de trabalho, à fome e a um sistema de vigilância permanente nos mocambos e senzalas. O desespero era tamanho que por meio de práticas de envenenamento, afogamento, autossufocação e armas brancas, muitos escravizados tiravam a própria vida ou deixavam-se morrer pela tristeza e inanição (ODA, 2008 *apud* SILVA, 2017, p. 4). Havia uma grande crueldade orquestrada por uma verdadeira máquina de destruição física e subjetiva que caiu sobre as costas de indígenas e dos negros escravizados. Tanto sofrimento humano resultante da ganância por lucros de uma elite branca, masculina e eurocêntrica (MENEGAT, OLIVEIRA, FERREIRA, 2020, p. 103-104).

De acordo com Silva (2017, p. 4) aqueles que sofriam de banzo atribuíam o desejo de morrer a uma espécie de doença melancólica, que se relaciona a fatores ligados à situação de cativo: o desgosto causado pelo afastamento violento de suas raízes, a revolta decorrente do fim da liberdade e as reações aos pesados e injustos castigos físicos, sem falar no massacre às subjetividades dos africanos que foram trazidos à força para as metrópoles. O banzo emergiu como uma doença mental que caracteriza muitos dos escravizados.

Para Silva (2017) o banzo era a manifestação dramática do descontentamento com a situação de escravidão, além de ser uma forma de resistência ao sistema escravista. Esse estado era como uma depressão em que o negro ou a negra alimentava uma tristeza doentia,

que, por vezes, levava à morte. Muitos escravizados (as) procuravam o suicídio, pois não suportavam mais o sofrimento e a degradação. No banzo, expressava-se um grave estado de pressão psicológica, verificada logo que os cativos chegavam no Brasil. Na maioria dos casos, os escravizados que padeciam dessa situação de nostalgia profunda, terminavam morrendo (Silva 2017, p. 5).

Fanon (2020, p. 110) aponta que os colonizados que eram condenados aos trabalhos forçados, muitas vezes, eram acusados de preguiçosos. Os colonizadores brancos desconsideraram que os povos subjulgados estavam destroçados internamente, ao invés de os compreenderem, os brancos batiam neles para que a dor do corpo fosse mais potente que a dor na alma que os paralisava.

O banzo que acometia a força de trabalho negra escravizada pelo eurocentrismo, o encerramento de loucos, miseráveis, desempregados e marginais nos hospícios no Brasil e na Europa, a concentração dessas populações nas favelas, periferias, guetos e campos de refugiados no século XXI. Nada disso é obra do acaso, como afirma Menegat (2019, apud MENEGAT, OLIVEIRA, FERREIRA, 2020, p. 103-104). São processos inerentes ao capitalismo, responsável por gerar uma tragédia social, a destruição de subjetividades e o intenso adoecimento mental de milhões de indivíduos.

O sofrimento de Mascarenhas, do *Cemitério dos Vivos*, a sua loucura incompreendida por tantos, pode ser mais um reflexo de um sistema social doente, de um capitalismo violento em cujas engrenagens se entrelaçam o racismo, as desigualdades de classe e gênero, a angústia, o estresse e as ansiedades inerentes a regimes de exploração que sufocam sonhos, abafam emoções e criam perturbações para a alma.

O banzo do período colonial é a expressão de uma tristeza tão grande que na verdade não tem nome, pois não pode ser classificada, somente sentida. A profunda dor de um povo, na época colonial, passa por atualizações e ainda continua a atingir as populações negras. Como não deixarmos de lembrar da dor de Joselita de Souza, a mãe do menino Roberto, que foi morto com quatro amigos na Chacina de Costa Barros. Joselita também não aguentou de tanta tristeza, morreu de angústia, sufocada pela injustiça.⁵⁹

Mais uma mulher negra, pobre e mãe, era moradora do Morro da Lagartixa, no Complexo da Pedreira, em Costa Barros, bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, foi vítima de uma parada cardiorrespiratória, após um quadro de anemia e pneumonia, mas,

⁵⁹ BRISO, Caio Barreto. **Morre mãe de vítima da chacina de Costa Barros. EXTRA NOTÍCIAS.** Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/morre-mae-de-vitima-da-chacina-de-costa-barros-19681149.html> . Acesso em: 11/06/2024.

principalmente, pela depressão, depois de sete meses e 13 dias da perda do seu filho Roberto de apenas 16 anos. Ele foi assassinado junto com Carlos Eduardo (16), Cleiton (18), Wilton (20) e Wesley (25). Estavam dentro de um Palio branco, que foi fuzilado com 111 tiros disparados por quatro policiais do 41º Batalhão da Polícia Militar do estado do Rio de Janeiro (PMERJ), de Irajá. O sofrimento mental dominou Joselita, como dominou também a mente de Joana, do romance de Firmina, assim como Mônica, mãe de Cleiton, e com Márcia, mãe de Wilton (MENEGAT, OLIVEIRA, FERREIRA, 2020, p. 106-107). Para Menegat *et al*:

Casos como esse são mais frequentes do que as notícias se propõem a divulgar. A depressão definha o corpo e a mente; contudo, em situação de violência, com fator de estresse muito potente e com as marcas sociais da pobreza, esse quadro é ainda mais agravado, o que em muito determina socialmente os transtornos mentais causados, indelevelmente, pelo sofrimento social. Nisso o racismo se inclui como determinante estruturante e marcador social de diferença nas relações sociais (MENEGAT, OLIVEIRA, FERREIRA, 2020, p. 107).

Percebemos que existem sobrevivências da matriz colonial no Brasil contemporâneo. Não vivemos um passado que foi superado. O neoliberalismo surge como uma face devastadora do capitalismo a produzir “desempregados, indivíduos descartáveis, favelados, refugiados, imigrantes e toda uma horda de seres matáveis, expostos à morte e não passíveis de luto” (BUTLER, 2015 apud MENEGAT, OLIVEIRA, FERREIRA, 2020, p. 106-107).

Joselita, como tantas mães de filhos assassinados pelo genocídio negro, caiu em tristeza profunda e morreu de dor no coração, sufocada por tantos gritos calados sem poder apertar seus filhos junto a seu coração para lhe proteger das chagas do mundo. É como a mãe de Clara dos Anjos, que sentiu a impotência ao se deparar com uma filha machucada por uma estrutura de injustiças que pesa sobre as existências negras. A dor que essas mulheres sentiram impedia a possibilidade de amor. Hooks parece usar a sua voz para falar as palavras que o coração de tantas mulheres negras gostariam de expressar. Ela escreve:

Nossas dificuldades coletivas com a arte e o ato de amar começaram a partir do contexto escravocrata. Isso não deveria nos surpreender, já que nossos ancestrais testemunharam seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão. Pessoas que viveram em extrema pobreza e foram obrigadas a se separar de suas famílias e comunidades, não poderiam ter saído desse contexto entendendo essa coisa que a gente chama de amor. Elas sabiam, por experiência própria, que na condição de escravas seria difícil experimentar ou manter uma relação de amor (HOOKS, 2010, p. 2).

A obra de Lima Barreto é uma importante chave para refletirmos sobre as monstruosidades do contexto pós-escravista, que foi produtor de doenças e de mortes. Entendemos que a literatura barreteana é viva e combativa. Ainda no presente, pode servir como um importante aliado na luta contra o racismo que herdamos do passado colonial. Thula Pires aponta que:

Enquanto vigorar o modelo de produção e apropriação de corpos construído sob a lógica da desumanização e do descarte de seres humanos, formas de hierarquização de pessoas continuarão a ser (re)produzidas e naturalizadas. Contra tudo isso, renovam-se as apostas na política, no direito construído a partir da zona do não ser e na convivência intercultural para a construção de uma realidade livre e concretamente democrática (PIRES, 2018, p. 74).

Pires (2018, p. 67) aponta para a necessidade de desconstruirmos sistemas universais que hierarquizam seres e desprezam as experiências das minorias sociais. Fala da necessidade de potencializar caminhos que combatam processos de desumanização. A literatura pode ser uma grande aliada nesse caminho de desconstrução e reconstrução. Vimos que os personagens barreteanos representam vidas de pessoas reais: loucos, escravos e pobres, os escravizados cujas histórias não foram contadas (LUZ, 2018, p. 202). Lima Barreto metaforiza a vida em sua literatura militante. Com os seus escritos ele revela as marcas deixadas pelos traumas do passado escravocrata, mas também o reflexo dos dramas individuais do autor que se imbricam em fenômenos sociais peculiares à sua época.

Os delírios provocados pela bebedeira em Lima Barreto e Mascarenhas, a melancolia e depressão em Isaías Caminhas, a profunda frustração de Quaresma e a passividade e tristeza de Clara revelam aspectos de uma loucura matizada por aspectos sociais. Esses personagens são filhos de uma mente que, tal como a de Franz Fanon, “só poderá conceber sua existência através de um combate contra a exploração, a miséria e a fome” (FANON, 2008, p. 185-186).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: RELAÇÕES INTERSECCIONAIS ENTRE LOUCURA, RAÇA E CLASSE EM LIMA BARRETO

No *Cemitério dos Vivos*, Mascarenhas desabafa:

Eu me tinha esquecido de mim mesmo, tinha adquirido um grande desprezo pela opinião pública, que vê de soslaio, que vê como criminoso um sujeito que passa pelo hospício, eu não tinha mais ambições, nem esperanças de riqueza ou posição: o meu pensamento era para a humanidade toda, para a miséria, para o sofrimento, para os que sofrem, para os que todos amaldiçoam. Eu sofria honestamente por um sofrimento que ninguém podia adivinhar; eu tinha sido humilhado, e estava, a bem dizer, ainda sendo, eu andei sujo e imundo, mas eu sentia que interiormente eu resplandecia de bondade, de sonhos de atingir a verdade, do amor pelos outros, de arrependimento dos meus erros e um desejo imenso de contribuir para que os outros fossem mais felizes do que eu, e procurava e sondava os mistérios da nossa natureza moral, uma vontade de descobrir nos nossos defeitos o seu núcleo primitivo de amor e de bondade (BARRETO, 2017, p. 166).

Neste escrito, percebemos uma declaração que revela o lugar de um homem, em diversos momentos, massacrado pela vida. Lima Barreto usa a voz de Mascarenhas para expressar alguns dos seus sentimentos mais íntimos: abandono de si, rechaço social e humilhação acompanhados de uma grande compaixão pelas outras pessoas. A sensibilidade de Lima assemelha-se com os sentimentos de Fanon (2008, p. 189), que anseia por um mundo em que não haja subjugações ou diferenciações que inferiorizam as pessoas, onde todos possam ser livres. Esses homens negros questionadores têm sonhos de liberdade. Eles usaram do seu intelecto e grande talento expressivo para criticar os processos de desumanização criados pela insanidade que guiava o racismo. Fanon (2008, p. 191), clama que brancos e pretos se afastem das vozes desumanas de seus ancestrais para que possa emergir uma autêntica comunicação livre da alienação.

Lima Barreto, pobre e preto, cresceu à margem da sociedade, tendo que lidar com a marginalização e com uma sociedade exploradora e violenta. O autor se tornou um militante e observador do seu tempo. A sua ligação com a loucura entrelaçava-se ao desespero que vivia na pele com as crises de seu pai. A sua veia literária vai sendo influenciada por suas vivências e nasce do desejo de expressar as experiências dentro de uma sociedade opressora.

Lima bebia muito álcool, a ponto de ter delírios. Foi internado em hospitais psiquiátricos. A sua loucura provinha dos delírios causados pelo álcool, mas não só isso, pois ele dá testemunho de uma série de traumas que viveu, além de ser um porta-voz que representa muitos dos seus irmãos escravizados. O escritor dedicou a sua vida e força no tecer

de histórias que desnudam o racismo, o preconceito de classe e o horror do universo manicomial.

O uso abusivo do álcool era como Lima podia fugir de uma realidade inabitável. Esta era uma forma de encontrar um pouco de alegria e êxtase diante de uma situação de vida desfavorável, uma vez que as portas não se abriam por mais que ele insistisse. As dificuldades eram grandes, a pobreza era uma companheira juntamente com o racismo que minava os seus sonhos.

Luciana Hidalgo (2008, p. 228) aponta que Lima Barreto foi internado no começo do século XX com o diagnóstico de alcoolismo. Aquela foi a herança deixada pelo seu pai. Para a autora, “o escritor era o ponto de interseção dos clichês do hospício: pobre, mulato, bêbado, a-social.” (HIDALGO, 2018, p. 228). Para piorar o quadro, naquela época ganhavam força na psiquiatria brasileira as noções de eugenia que estavam sendo importadas da Europa. O que fez com que fosse fundada a *Liga Brasileira de Higiene Mental* que passou a defender que os não-brancos seriam dotados de tendências psíquicas degeneradas. O que vigorava, nesta época, era a concepção de que os brancos estavam no topo da hierarquia genética. Os negros eram tidos como inferiores (HIDALGO, 2018). Lima discordou disso e se contrapôs ferrenhamente às ciências racistas e eugenistas.

As obras do autor conseguem trazer imagens muito vivas da realidade social do Rio de Janeiro do início do século XX, sobretudo da vida dos loucos, pois elas retratam justamente o tempo em que Lima Barreto esteve internado após as “crises de delírio”. Em *Cemitério dos Vivos* fala sobre o tratamento dos loucos e toda a desolação que o lugar provoca. Algo semelhante ocorre em *Diário do Hospício*, um diário íntimo em que Lima Barreto narra de modo quase etnográfico a vicissitudes da loucura, dos loucos e do “cemitério” onde mulheres e homens vivos eram depositados, muitas vezes, para morrer.

Mas não eram quaisquer vidas que iam para este inferno, eram, sobretudo, os pretos, os pobres, os marginais, os enlouquecidos pelas condições sociais precárias de existência, aqueles que, em grande medida, não eram loucos, mas enlouquecidos, tornados insanos pelos sofrimentos de origem social, envolvendo classe, raça e gênero.

De acordo com Barros (2013, p. 5), os sujeitos loucos e negros eram tidos como pessoas que comprometiam a imagem e a saúde da sociedade civilizada e próspera. As teorias da degenerescência surgiram nesse contexto a fim de controlar os comportamentos pessoais e sociais que não seguiam as normas da moral e da disciplina. O fato de ser negro na segunda metade do século XIX e início do século XX era sinônimo de delinquência. Pessoas, só por

serem negras já eram associadas ao crime, à inadequação, à vadiagem e à loucura. Havia um esforço por interná-las como uma estratégia de limpeza social.

Através da obra barreteana é possível perceber uma relação entre o racismo da época, a loucura e as condições sociais. Os pretos, pobres, vadios, loucos e inadequados enchiam os hospícios e lá dentro eram tratados de forma desigual, conforme Lima Barreto (2017) apontou em *Diário do Hospício*. Lima dá testemunho dos confinados às identidades que reduzem o Ser a adjetivos e classificações que minam o devir humano e o campo de possibilidades da existência. Lima vive, testemunha e narra sobre a sujeição e violência aos “outros” bestializados.

Fanon (2008, p. 93) fala de uma grande ferida causada com a colonização dos brancos, que trouxe consequências psicológicas, sociais e econômicas para os colonizados e os seus descendentes. No Brasil, no contexto do final do século XIX e início do XX a loucura e o racismo se cruzam. O escritor Lima Barreto viveu as consequências dessa relação. Esse é o tom da obra barreteana. A sua literatura surge como uma importante arma de resistência contra os discursos hegemônicos que por séculos têm sufocado epistemologias tradicionais. Os sistemas de pensamento eurocêntricos foram responsáveis por criar muitos monstros e zonas de silêncio. As luzes ocidentais trouxeram a cegueira para muitas experiências, saberes e modos de existência que são classificados como inferiores.

A literatura negra, como a que foi forjada por Lima Barreto, permite este resgate histórico. Possibilita trazer à tona narrativas dos seres subalternizados que são sufocados pelas estruturas de poder, pelos enquadramentos que lhes negam o direito de existir e de se manifestar. Evaristo (2009, p. 25) diz que este discurso negro está cada vez mais orientado por uma perspectiva ideológica que leva à produção literária que traz de modo enfático a condição do negro no Brasil. É esta arte que é responsável por tornar esses modos de existência positivos frente a tantos estereótipos e preconceitos alimentados por séculos de opressão, atravessados por mágoas e impotências. Há que se comemorar que cada vez mais as vozes dos (as) loucos e enlouquecidos (as), das negras (os), africanas (os), indígenas, das mulheres e de todos os seres subalternizados e oprimidos estejam vindo à tona. Apesar de reiteradas tentativas de silenciamentos.

Foi através da arte literária que Lima Barreto tentou transformar o seu mundo. Fez isso retratando sua vida, mas também a de tantas pessoas que sofreram dores semelhantes. Depreende-se que a escrita barreteana é direcionada aos absurdos da existência humana, é combativa e engajada. Através dela é possível refletir sobre muitos dos problemas sociais

contemporâneos. O que nos leva a pensar no potencial de escurecimento e de crítica da obra de arte na modernidade.

Lima Barreto escandalizou a sociedade de seu tempo. Buscava um mundo mais justo e harmônico. Policarpo Quaresma expressa bem esse “eu” sonhador, que acredita na mudança do país e que está disposto a lutar por ela. Entretanto, isso foi tomado como loucura: o desejo por melhores condições de vida, pela diminuição das desigualdades, pela valorização dos marginalizados.

Lima Barreto parecia buscar o reconhecimento negado, mas muito mais do que isso, ele era uma voz aprisionada que queria se libertar. Por isso, dá o seu testemunho. Ele não se calava, a sua arte era viva e as suas palavras eram armas contra seus algozes. Sua literatura é uma arte desesperada, necessária para a manutenção de vidas de pessoas condenadas pela sociedade racista e classista. Lima Barreto não temia atacar estruturas, pois ele não compactuava com a ficção de normalidade que escondia a podridão do contexto em que vivia. Os loucos, pobres e pretos falam através das suas palavras. A interseccionalidade se manifesta em seus escritos na medida em que ele apresenta personagens atravessados por formas de opressão que se cruzam, tal como Isaías Caminha, Vicente Mascarenhas e Clara dos Anjos. Percebemos que a poética de Lima serve ao povo oprimido.

De acordo com Mbembe (2014, p. 83) uma escrita poética de resistência pode se manifestar em “muitos poetas da negritude”. Para estes, o “negro” já não mais representa o vazio, mas uma fonte de vida e liberdade. O “negro” passa a ser transformado em potência de afirmação e força dos africanos, por estes poetas.

A discussão acima parece se relacionar diretamente à necessidade de proliferação de discursos de resistência em que a “razão negra”, concebida por pessoas da cor preta, ganha cada vez mais destaque. Isso é importante para que possam ser reconstruídas as imagens sobre a negritude, fazendo cair por terra estereótipos, mentiras e ilusões coloniais historicamente sustentadas pelo Poder. A literatura e toda a poesia que ela possibilita têm um grande papel nesse processo que se configura como uma arte de “recriar”.

Através da literatura de Lima Barreto, articulada com discussões teóricas de autores e autoras do campo das ciências humanas podemos refletir sobre os fenômenos da loucura ou sofrimento mental atrelada ao racismo, mas também à escravidão e a questões de classe. Nota-se que essas categorias possuem imbricamentos que nos permitem aprofundar as discussões envolvendo os processos de desumanização das pessoas no período pós-escravista do Brasil da Primeira República. Empreitadas como essa pesquisa ajudam nesse processo de recriar e recontar histórias negadas.

Loucura, raça e classe são marcadores que produzem profundas reverberações em nosso presente. Nas obras de Lima aparecem atravessados por engajamento político, de vida, de sangue, de memórias, de dor e de resistência⁶⁰. A importância desses escritos precisa ser ressaltada em virtude de tantos séculos de silenciamento de autores e autoras negras.

Silva (2011, p. 107) alerta para a necessidade de se pesquisar e escrever sobre a subjetividade do povo negro, sobretudo, com a construção de uma psicologia social de personagens negros, inclusive, aqueles que viveram nas fazendas e quilombos. Esta é uma lacuna da nossa ciência que precisa ser cada vez mais transformada. Essa história negada e silenciada pode ser fonte de muitas pesquisas, ficções e criações que podem enriquecer e “empretecer” a literatura brasileira. Alimentar essas discussões através de pesquisas é uma forma de concretizar um dos sonhos de Lima Barreto, que pretendia escrever “a história da escravidão negra no Brasil”.

“A loucura” de Lima Barreto foi desvelar a insanidade de uma sociedade racista, classista, de cultura colonial e que praticava desumanidades contra os loucos institucionalizados. Ao repararmos na vida de Lima e de Vicente Mascarenhas, percebemos que a intensa busca pelo álcool parecia surgir como uma consequência dos profundos sofrimentos mentais que lhes acometiam. Padecimentos esses que se ligavam diretamente às difíceis condições de vida das populações negras e empobrecidas.

A obra e vida barreteana nos permitem perceber o fenômeno da loucura se despreendendo de uma razão eminentemente biológica e passando a ser constituído por questões sociais, como o racismo e a pobreza que estavam entrelaçados à biografia do autor e de alguns dos seus personagens. Essa contemplação torna possível notar a loucura tecida por uma realidade social fértil em opressões que poderiam até ser indizíveis se aquele que padecia delas não tivesse o exímio talento para a arte de escrever e desse o seu testemunho a partir de um lugar de abjeção e sofrimento.

Foi o que fez Lima Barreto: escreveu incessantemente como se a sua vida dependesse disso. Assim, ele se apropriou da literatura como uma arma e escudo contra as opressões. Usou-a como um canal para extravasar os sentimentos contidos. E mais do que isso, fez do seu dom de escrever um instrumento de denúncia contra as mazelas sociais. Em seus personagens, contos e romances, Lima Barreto relata a si mesmo, tece as suas emoções mais profundas e narra os absurdos de uma sociedade carioca marcada por hipocrisias e desumanidades.

⁶⁰ Um exemplo mais recente de obras dessa natureza é o livro *O Sol na Cabeça*, Geovani Martins (2018), que retrata em pequenos contos, entre outras questões, cenas de racismo cotidiano em favelas do Rio de Janeiro.

Silveira (1998, p. 34) apresenta um Rio de Janeiro da Primeira República em que fervilham os marginalizados, os preteridos pela cor de sua pele, seus modos de vestir e os descontentes em relação à cultura europeia. Nesse cenário os pobres eram espancados e deportados em condições desumanas. Os sentimentos mais comuns dos pretos e pobres era de angústia, dor, e revolta por causa do abandono a que eram submetidos. Clara dos Anjos e Vicente Mascarenhas, são exemplos de pobres abandonados pelas autoridades e que ganham na literatura barreteana um testemunho, o testemunho a partir daqueles que “chegam ao fundo”. Dessa forma, Lima pôde retratar um pouco da experiência da loucura, pobreza e negritude no Brasil da época. Regina Dalcastagnè aponta:

A literatura é um espaço privilegiado para tal manifestação, pela legitimidade social que ela ainda retém. Ao ingressarem nela, os grupos subalternos também estão exigindo o reconhecimento do valor de sua experiência na sociedade (2008, p. 108).

A literatura negra e escrita por pessoas negras ajuda a mostrar a diversidade que é a experiência de ser negro, demonstrando as diversas matizes que colorem a multiplicidade de histórias que precisam ser contadas. Samyn (2022, p. 30-34) usa o termo “miopia de raça” para se referir ao processo de homogeneização dos negros, como se fossem todos iguais. O autor aponta que o presente de dor dos negros, no Brasil, se relaciona a um passado de séculos de opressão e sofrimento dos ancestrais africanos. Essas histórias precisam vir à baila para podermos pôr fim aos anos de silenciamento. É importante destacar que, sobretudo as histórias das mulheres negras precisam ser contadas. Embora a voz plural de Lima tenha dado testemunho de muitas questões relativas ao universo feminino do seu tempo, é fundamental que sejam elas próprias que contenham as suas narrativas para que nós possamos acessar as suas sensibilidades e aprender sobre o lugar em que estão. Djamila Ribeiro defende que “é imprescindível que se leia autoras negras, respeitando suas produções de conhecimento e se permitindo pensar o mundo por outras lentes e geografias da razão.” (RIBEIRO, 2018, p. 18).

Ribeiro (2018) refere-se ao “alargamento do conceito de humanidade”, que também é proposto nas ideias de Fanon (2008) e de Lima Barreto. Nas palavras da autora, percebe-se a importância de se trazer à baila as autoras negras, as mulheres que foram e continuam a ser invisibilizadas no universo da intelectualidade brasileira. É imprescindível que as Claras dos Anjos de todas as partes sejam ouvidas.

Para se romper com silenciamentos e negações históricas das vozes dos negros, sobretudo, das mulheres, é imprescindível criar espaços para que essas falas eclodam e que

essa proliferação se dê, não somente nos espaços acadêmicos, mas também nas escolas de modo a fortalecer e fazer valer a Lei 10. 639/2003 que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica brasileira.⁶¹ Gradativamente, com persistência e coragem, vamos abrindo espaço para novos debates que possibilitem a participação ativa dos sujeitos subalternizados pelos séculos de dominação. Autores(as) como Lima Barreto, Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo e Stella do Patrocínio são vozes negras que denunciam a loucura de uma racionalidade racista e historicamente comprometida com a manutenção de regimes de opressão e violência⁶². É imprescindível que as suas obras sejam trabalhadas nas escolas, sem esquecer de se chamar a atenção para as intersseccionalidades.

Lima Barreto, atravessado pela loucura, a pobreza e o racismo, encarna em sua vida e obra as interseccionalidades, uma vez que experiencia o cruzamento de marcadores sociais da diferença, indo além das questões de raça, gênero e classe, ao trazer o fenômeno da loucura como um marcador capaz de engendrar muitas negações, opressões, desumanização e rechaço social. Lima fala de sentimentos não curados que se transformam em delírios. Os loucos que ele apresenta, de acordo com Samyn (2022, p. 57) são, em sua maioria, negros que andam nus, vagando ao acaso; miseráveis, pobres e mendigos (SAMYN, 2022, p. 65), que vivem em instituições que não oferecem a cura, mas abandono, decadência, ócio e negligência que, por si só, já são enlouquecedores (SAMYN, 2022, p. 101-102). Lima Barreto denunciou instituições em que o tratamento da loucura era o sequestro (SAMYN, 2022, p. 112). De acordo com as obras de Lima e o modo como ele descreve a vida nos hospícios podemos dizer que ele assume uma postura antimanicomial e um defensor de melhores condições de vida para os internos dessas instituições. A literatura barreteana expressa a revolta contra os manicômios, contra as desigualdades de classe e contra o racismo.

Guilherme Lima (2024, p. 4) fala que o direito à saúde mental é algo intrínseco aos direitos humanos e não um produto do mercado. Nesse universo, a luta antimanicomial representa uma luta contra opressões e desigualdades, que se revela no encarceramento das populações negras em instituições totais⁶³. Para Lima (2024, p. 4), os marcadores de raça/gênero e classe contribuem significativamente para determinar a origem da violência do

⁶¹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.Htm Acesso em: 12/06/2024.

⁶² Há muitos (as) outros (as) autores dignos de serem considerados e trazidos à baila das discussões como Marilene Felinto (1994) com o seu importante romance chamado *As mulheres de Tijucoapapo*, em que a loucura também aparece cruzando-se com questões raciais.

⁶³ Para compreender o que são instituições totais, ler: GOFFMAN, E. Manicômios, prisões e conventos. SP: Perspectiva, 2008.

encarceramento. Como vimos nesta tese, o racismo estrutural permite a sustentação discursiva que mantém as práticas de violência e de agressão à população negra.

Segundo Lima (2022, p. 5), para falarmos de democracia racial, de democratização do acesso à saúde mental e do fortalecimento de políticas direcionadas à atenção psicossocial e saúde mental, é primordial lutar pela bandeira do movimento da luta antimanicomial e da luta antirracista, articulados. Abrir espaço para discussão de autores como Lima Barreto, que refletiu, denunciou e combateu os horrores do racismo, do preconceito de classe e a desumanização dos loucos nos possibilita trazer à baila o racismo estrutural e a “loucura branca” que sustenta a insanidade que é o racismo. Além disso, a crítica de Lima Barreto, que se manifesta em suas obras, nos dá combustível para se pensar na reafirmação de uma identidade latino-americana silenciada pela branquitude europeia.

As reflexões tecidas, tendo como mote a literatura e biografia de Lima Barreto, além de contribuições epistêmicas das ciências humanas, nos permite inferir que a colonização das subjetividades trouxe uma série de patologias para as vítimas colonizadas. No prefácio de *Alienação e Liberdade: Escritos Psiquiátricos*, do Frantz Fanon (2020), Renato Nogueira destaca as consequências psíquicas da colonização evocadas por Fanon. Nogueira afirma que, se uma pessoa nasce em uma terra explorada, sua sanidade já está em risco, uma vez que ela acarreta baixa autoestima e percepções de si extremamente nefastas, tal como vimos em alguns dos personagens barreteanos e no próprio Lima Barreto. Nogueira afirma que o projeto manicomial é um potente produtor de pressão psicológica, que demonstra o quanto o mundo branco adoece as populações negras, que são as principais vítimas dos hospícios. Nogueira alerta que a toxicidade da colonização é uma política que se enraíza na subjetividade e Fanon, ao perceber isso, aponta que a loucura do colonizado é, na verdade, um clamor por liberdade.

Para Fanon (2020, p. 23), o hospital psiquiátrico envolve o paciente como um manto que só garante uma falsa proteção, que, na verdade, leva a uma letargia, a um sono acordado e a uma vida vegetativa. A internação não só limita o campo e ação do paciente, mas impede o seu deslocamento, restringindo-o ao espaço fechado do hospital, fazendo com que ele exerça a sua liberdade em um mundo cercado por fantasmas (FANON, 2020, p. 34-35).

O louco que clama por liberdade, sente-se aprisionado por sistemas que o oprimem. Tal opressão pode ser física, em instituições totais ou simbólicas, como as estruturas de raça, classe, gênero e aquelas que ditam o que é um comportamento normal em detrimento do que é considerado patológico. Fanon (2020, p. 23) aponta a doença mental como o indício de um clamor frente às prisões e barreiras que impedem sujeitos de existirem e de se expressarem. Por isso, Fanon propõe que não se pode excluir do tratamento o convívio social dos pacientes.

O vínculo social impede a degradação dos pacientes, o que não pode ocorrer se eles se mantiverem confinados e isolados na brutalidade do ambiente manicomial (FANON, 2020, p. 35).

Quando o personagem Policarpo Quaresma foi internado, ele se ressentiu da solidão, do mesmo modo, Mascarenhas se sentia sozinho dentro do hospício. Pela história dos seus personagens, Lima Barreto dá mostras de que sabia que o abandono aumenta ainda mais a angústia dos internados no hospício. Para Fanon (2020, p. 37) a presença da família é indispensável no tratamento dos loucos, por outro lado, a contenção e isolamento podem alimentar ainda mais o quadro alucinatório (FANON, 2020, p. 53).

Termino esse texto com a percepção de que Lima Barreto foi vítima de uma sociedade racista, classista e desumana em relação aos loucos, pretos e pobres. Lima foi o louco⁶⁴, preto e pobre que percebeu as profundas contradições de seu tempo, ouviu o clamor dos seus irmãos e fez da sua literatura um testemunho visceral e uma arma contra as opressões. As palavras anárquicas de Lima expressaram uma “negra loucura” temida pelos brancos, pois ela significava, na verdade, ecos de liberdade, a combater a “loucura branca”.

Para finalizar este texto, trago este trecho de Frantz Fanon (2008, p. 56), uma poesia que exalta a negritude, uma contraposição a séculos de opressão. Que essas palavras possam chegar ao grande coração de Lima Barreto!

Sou negro, realizo uma fusão total com o mundo, uma compreensão simpática com a terra, uma perda do meu eu no centro do cosmos: o branco, por mais inteligente que seja, não poderá compreender Armstrong e os cânticos do Congo. Se sou negro não é por causa de uma maldição, mas porque, tendo estendido minha pele, pude captar todos os eflúvios cósmicos. Eu sou verdadeiramente uma gota de sol sob a terra. . .

⁶⁴ Fanon (2020, p. 105) aponta o louco como aquele estranho à sociedade, um elemento anárquico de quem ela busca se livrar. O internamento é um sintoma dessa rejeição, o psiquiatra é o auxiliar da polícia que protege a sociedade contra a loucura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha [Homo Sacer, III]**. Boitempo editorial, 2015.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ALVES, Rubem. **Que é científico?(O)**. Edições Loyola, 2007.

ALVES, Isidoro M. A ensaística e o trabalho científico. **Logos**, v. 7, n. 2, p. 14-17, 2000.

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro. Prefácio de Eliane Brum (2013)**. Editora Intrínseca, 2019.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto:(1881-1922)**. Autêntica, 2017.

BARRETO, Lima, A. H. **Diário Íntimo**. In. Lima Barreto: obra reunida, vol 2, 2ª edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

BARRETO, Lima, A. H. **Clara dos anjos**. Editora Companhia das Letras, 2012.

BARRETO, Lima, A. H. **Clara dos anjos**. Rio de Janeiro: Editora ática, 1948.

BARRETO, Lima, A. H. **Diário do hospício e O cemitério dos vivos**. Editora Companhia das Letras, 2017.

BARRETO, Lima, A. H. **Recordações do escrívão Isaías Caminha**. Prefácio de Francisco Assis Barbosa (1909). In. Lima Barreto: obra reunida, vol 2, 2ª edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

BARRETO, Lima. **Recordações do escrívão Isaías Caminha**. Prefácio Francisco Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

BARRETO, Lima, A. H. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Prefácio de Márcia Fusaro. 2. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019.

BARROS, Adeliana Alves. **Loucura e Lucidez: a experiência de Lima Barreto com a loucura no início do século XX e as suas contribuições à escrita da História**. XXVIII Simpósio Nacional de História – AMPUH, Natal-RN, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371323558_ARQUIVO_LimaBarreto-ANPUH.pdf>. Acesso em: 10. 01. 2020.

BOTELHO, Denilson. **Conferência do professor Denilson Botelho sobre o escritor brasileiro Lima Barreto**, na XI Edição das Jornadas Bolivarianas. Literatura e Política na América Latina, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HpzaEqsgoZQ>>. Acesso em: 29/05/2024.

BRANDINO, Luiza. "**Literatura negra**"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/literatura-negra.htm>. Acesso em 25 de abril de 2021.

BRASIL DE FATO. **Chacina em Manguinhos: para a população negra, é a morte ou a prisão**. Reportagem assinada por Carolina Dutra Pereira (2022) para o Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/07/15/chacina-em-manguinhos-para-a-populacao-negra-e-a-morte-ou-a-prisao>. Acesso em: 13/05/2024.

BRISO, Caio Barreto. **Morre mãe de vítima da chacina de Costa Barros. EXTRA NOTÍCIAS**. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/morre-mae-de-vitima-da-chacina-de-costa-barros-19681149.html>. Acesso em: 11/06/2024.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam/Bodies that matter*. **Sapere Aude**, v. 6, n. 11, p. 12-16, 2015.

BUTLER, Judith. *Vida precária*. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 1, n. 1, p. 13, 2011.

CHAVES, L. **Esse negócio de loucura, cê sabe né, fia": integração e diferenciação pelas ruas de Ouro Preto**. 2009. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)–Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília.

CHAVES, L. **Loucura e experiência: seguindo loucos de rua e suas relevâncias**. 2013. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília.

CNS. **CNS promoverá live sobre a saúde mental dos trabalhadores e trabalhadoras no Brasil**. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/2971-27-04-live-transtornos-mentais-e-adoecimento-no-ambiente-de-trabalho-como-enfrentar#:~:text=Dados%20da%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20de,mental%20ao%20longo%20da%20vida>. Acesso em: 16/05/2024.

CORRÊA, Felipe Botelho. LIMA BARRETO, A. H. **Sátiras e outras subversões: textos inéditos**. Organização, introdução, pesquisa e notas de Felipe Botelho Corrêa, Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2016.

CRUZ, Raphael de Souza. **Sociologia e literatura: utopia em José Saramago**. 2017. Dissertação de Mestrado. Brasil.

CRUZ, Liziane Silva; ALBUQUERQUE, Cynthia Studart. A reatualização proibicionista das Políticas sobre Drogas no (des) governo Bolsonaro. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, n. 54, 2024.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea**. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 31. Brasília: UNB, 2008.

DOSTOIEVSKI, Fiódor. **Recordações da casa dos mortos**. Nova Alexandria, 2019.

DUARTE, Rodrigo. A ensaística de Theodor W. Adorno. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 1, p. 18-30, 1993.

DURAND, Gilbert: **L'Imaginaire. Essai sur les sciences et la philosophie de l'image**. Paris: Hatier, 1994. Tradução: Prof. Dr. José Carlos de PAULA CARVALHO, Colaboração: Profa. Isolda Paiva CARVALHO, Revisão técnica: Prof. Dr. Marcos FERREIRA SANTOS.

ESTADÃO. **No Brasil, 62 jovens são assassinados por dia veja onde crime é mais frequente**. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/brasil/no-brasil-62-jovens-sao-assassinados-por-dia-veja-onde-crime-e-mais-frequente/>>. Acesso em: 23/06/2024.

EVARISTO, Conceição. Literatura Negra: uma poética de nossa afrobrasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Host Publications, Inc. , 2007.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**, v. 1, p. 26-46, 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira . - Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos**. Ubu Editora, 2020.

FELINTO, Marilene. **As mulheres de Tijuco papo**. Latin American Women Writers, 1994.

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura – A fonte fecunda. In: LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. Ed. Perspectiva. 1978.

G1 RSI. **Morte de João Alberto completa três anos e análise de recursos adia julgamento**. Reportagem assinada por Janaina Lopes (2023). Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/11/20/morte-de-joao-alberto-completa-tres-anos-e-analise-de-recursos-adia-julgamento.ghtml>>. Acesso em: 13/05/2024.

G1. **Brasil tem alta de mais de 50% nos registros de racismo e homofobia em 2022, mostra Anuário de Segurança Pública**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/07/20/brasil-tem-alta-de-mais-de-50percent-nos-registros-de-racismo-e-homofobia-em-2022-mostra-anuario-de-seguranca-publica.ghtml>>. Acesso em 10/05/2024.

GESSER, Marivete; BLOCK, Pamela; MELLO, Anahí Guedes de. Estudos da deficiência: interseccionalidade, anticapacitismo e emancipação social. **Estudos da deficiência: anticapacitismo e emancipação social**. Curitiba: CRV, p. 17-35, 2020.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. SP: Perspectiva, 2008.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

HIDALGO, Luciana. **Literatura da urgência: Lima Barreto no domínio da loucura**. Annablume, 2008.

HOOKS, Bell. Vivendo de amor. **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**, v. 2, p. 188-198, 2010.

IMAGEM 01. **Fotografia presente na ficha de internação de Lima Barreto**. Disponível em: <<https://labdicasjornalismo.com/noticia/11093/lima-barreto-100-anos-de-uma-historia-de-polemica-e-superacao>>. Acesso em: 28/05/2024.

KILOMBA, Grada. A Máscara (Trad. por Jessica Oliveira de Jesus). **Cadernos de Literatura**, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/clt/article/viewFile/115286/112968>>. Acesso em: 25/04/2020.

LAGO JUNIOR, Sylvio. O ofício do ensaísta. **Logos**, v. 7, n. 2, p. 5-9, 2000.

LEPENIES, W. As Três Culturas [Die drei Kulturen, 1985]. Trad. **Maria Clara Cescato**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

LOPES JÚNIOR, Orivaldo Pimentel. **O espelho de procrusto: ciência, religião e complexidade**. Natal, EDUFRN, 2013

LOURENÇO, Cristiane. Uma sociedade desigual: reflexões a respeito de racismo e indicadores sociais no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, v. 146, p. 75-96, 2023.

LUZ, Giselle Aparecida. A escriturização de Maria Firmina dos Reis no conto A Escrava. **Travessias**, v. 12, n. 1, p. 193-204, 2018. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/18954>>. Acesso em: 25/04/2020.

LIMA, Guilherme Almeida de. **A saúde mental tem cor? A luta antimanicomial é uma luta antirracista**. Cadernos de Psicologia. Número 03/2022. Disponível em: <<https://cadernosdepsicologias.crppr.org.br/a-saude-mental-tem-cor-a-luta-antimanicomial-e-uma-luta-antirracista/>>. Acesso em: 16/05/2024.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio-teórico?. **Revista de administração contemporânea**, v. 15, p. 320-332, 2011.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Ed. revista e modificada pelo autor - 8ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**; tradução Edgar de Assis Carvalho. - 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

OAKLEY, Robert John. **Lima Barreto e o destino da literatura**. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

OLIVEIRA, Ana Paula Giehl de. **Razão ao avesso: uma análise da representação da loucura, dos loucos e dos manicômios em Cemitério dos Vivos e Diário do Hospício, de Lima Barreto e Um Estranho no Ninho, de Ken Kesey**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas.

OLIVEIRA, Cida de. Os sete erros de Bolsonaro que permitiram 75% das 690 mil mortes por covid no Brasil. Rede Brasil Atual. 2022. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/sete-erros-bolsonaro-covid-brasil/>. Acesso em: 08/05/2024.

OESTADOCE. **Negros e mulatos na ABL**. Disponível em: <https://oestadoce.com.br/artegenda/negros-e-mulatos-na-abl/>. Acesso em: 28/05/2024.

PATROCÍNIO, Stella do. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome - Stela do Patrocínio, Viviane Mosé (Org.)**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

PIRES, Thula. Racializando o debate sobre direitos humanos. **SUR-Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 15, n. 28, p. 65-75, 2018. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2019/05/sur-28-portugues-thula-pires.pdf>. Acesso em: 25/04/2020.

PLANALTO. **LEI Nº 10. 639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm#:~:text=L10639&text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acesso em: 12/06/2024.

PRADO FILHO, Kleber; LEMOS, Flavia Cristina Silveira. Uma breve cartografia da luta antimanicomial no Brasil. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 2, n. 1, p. 45-45, 2012.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras histórias**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.

RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto (Parte 1) - Ciência & Letras**. Fiocruz, 2018. Acesso em: 07/06/2024. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/video/lima-barreto-parte-1-ciencia-letras>>.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. Editora Companhia das Letras, 2018.

SAMYN, Henrique Marques. **Uma Temporada no Inferno**. Rio de Janeiro: Ed. Malê, 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Espetáculo da miscigenação. **Estudos avançados**, v. 8, p. 137-152, 1994.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto-triste visionário**. Editora Companhia das Letras, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **MASP Palestras | Lima Barreto: triste visionário**. 2018. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=WhWYXEMnZhw>>. Acesso em: 20/05/2024.

SILVA, José Jonas Manguieira da *et al.* . **A invisibilidade da literatura de Maria Firmina dos Reis**. Anais III JOIN / Edição Brasil. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/49447>>. Acesso em: 08/05/2024.

SILVA, Luiz. **LIMA BARRETO - RETRATOS DO BRASIL NEGRO**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011.

SILVA, RAFAEL PEREIRA DA. **Trauma Cultural e sofrimento social: Do banzo às conseqüências psíquicas do racismo para o negro**. XXIX Simpósio Nacional de História, 2017.

SILVEIRA, Marília Gonçalves. **Stultifera Polis: uma leitura de Lima Barreto**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, NATAL-RN, 1998.

SOARES, Silvio de Azevedo. Raça e psiquiatria: uma análise genealógica da questão racial na psiquiatria brasileira. **Século XXI: Revista de Ciências Sociais**, v. 7, n. 2, p. 252-283, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar**. UFMG, 2010.

STENGERS, Isabelle. DIAS, Jamille Pinheiro et al. Uma ciência triste é aquela em que não se dança. **Revista de Antropologia**, v. 59, n. 2, p. 155-186, 2016.

TODOROV, Tzvetan; CASTELLO, Maria Clara Correa. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ZACHARIAS, Anna Carolina Vicentini. **“PROCURANDO FALATÓRIO”: A OBRA POÉTICA DE STELA DO PATROCÍNIO, MULHER, NEGRA E LOUCA**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503867574_ARQUIVO_Zacharias,AnnaCarolinaVicentini.AobrapoeticadeSteladoPatrocinio.pdf>. Acesso em: 09/05/2024.

ZIN, R. B (2017). Maria Firmina dos Reis e seu conto “A escrava”: consolidando uma literatura abolicionista. **Revista XIX**, 1(4), 142-161, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistaXIX/article/view/21764>>. Acesso em: 25/04/2020.